

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor chefe PAES D'ANDRADE--Redactor gerente S. SCHELEDER--Redactor secretario A. PAMPHIRO

REDACÇÃO — Rua da Quitanda, 74

ANNO XII

Rio de Janeiro, Maio e Junho de 1925

Ns. 137—138

Em torno do Serviço Militar

O observador menos perspicaz não se terá desapercebido, d'um certo tempo para cá, do numero elevado de isenções do serviço militar, occorrido por effeito de *habeas corpus*, Concedidos pelo poder competente.

Si é verdade que taes isenções sempre houve, entre nós, como um recurso, facultado pela lei, aos que, por circumstancias diversas, são sorteados indebitamente, seu numero já-mais se elevou ás cifras impressionantes a que tem attingido ultimamente.

Não é demais accentuar os serios prejuizos que d'ahi decorrem, não só de ordem material como moral, por isso que acarretam embaraços á formação annual dos effectivos e, de certo modo, não abonam lisongeiramente o modo como está sendo executado o serviço.

Seria, portanto, de toda vantagem investigar-se seriamente a causa desse phenomeno, a fim de serem postas em pratica medidas em condições de remediar efficazmente taes inconvenientes.

Acerca do assumpto, já houve até quem pretendesse incriminar a mocidade brasileira, attribuindo-lhe a causa do mal.

Estamos certos, porém, de que tal observação é superficial e *redunda* numa sonegação injusta das qualidades moraes de nosso povo.

Isenções justificaveis são previstas nas leis do serviço militar compulsorio de todos os paizes do mundo e, em toda parte, os que se acham amparados por taes dispositivos de excepção pleiteam e conseguem, como é natural, a observancia de seus direitos.

E não passa disso, no que lhes respeita, no caso, o que fazem tambem os jovens, entre nós, quando se julgam assistidos por dis-

posições expressas do respectivo Regulamento.

Não nos parece licito, assim, responsabilisa-los exclusivamente: o phenomeno é mais complexo.

O *habeas corpus*, em regra, é concedido em virtude de uma irregularidade constatada na execução da lei, na pratica do serviço.

A multiplicação que agora se vêm observando de taes recursos pode provir, ou da propria regulamentação da lei, da maneira como vae sendo executada ou ainda da interpretação que lhe esteja a dar o mais alto Tribunal do Paiz.

Como se vê, só um minucioso exame dos motivos que os hajam fundamentado, caso por caso, classificados, em seguida, estatisticamente, poderá caracterisar a natureza das providencias a serem tomadas no sentido de neutralisar a evasão.

E' muito possivel que o mal não seja tão singular como a tantos se afigura e em vez de estar localizado n'uma só d'aquellas espheras, haja attingido á mais de uma, talvez á todas.

Com a maxima sinceridade e animados do melhor sentimento patriotico, d'aqui lançamos nosso appello ás altas autoridades do Exercito, no sentido de ser procedida a *rigorosa investigação* a que nos referimos e, consequentemente, *applicado o conjuncto de providencias baseadas nos resultados desse exame*.

Ha um factor de que muito depende a boa marcha desse serviço: é a idoneidade, principalmente moral, dos encarregados de sua execução.

Effectivamente, por mais perfeito que seja a regulamentação de qualquer serviço publico, não se conseguirá execução relativamente perfeita, enquanto, á testa de cada um de seus órgãos elementares, não estiverem elementos compenetrados de seus deveres e dos grandes interesses nacionaes que exprimem.

D'ahi a necessidade imperiosa de seleccionar, tanto quanto possível, os candidatos a esses cargos — o que exige remuneração compativel com as exigencias impostas pelo bom desempenho das funcções.

Para comprehender-se a magna importancia que reveste esse serviço, basta considerar que, de um lado, toda a renovação annual dos effectivos dos corpos do Exercito é hoje uma funcção directa do bom andamento do alistamento e sorteio e, de outro, que elle joga com os mais respeitaveis interesses de todos aquelles que attingem á idade prevista em lei.

Si o serviço militar é curto e relativamente brando, entre nós, é preciso lembrarmos que não ha, no Paiz, contribuição obrigatoria menos leve, posto que nenhuma outra se lhe avante na elevação patriótica e no abnegado espirito do bem publico.

N'estas condições, o arbitrio e as irregularidades praticadas, sejam elles de que natureza forem, por desidia ou por delictos mais graves, assumem o character da mais alta gravidade, por importarem em injustiças dignas de clamor, ferindo visceralmente o principio da egualdade de direitos.

Taes considerações, ainda que breves, mostram, todavia, como os interesses collectivos do Exercito, não só dos cidadãos, ficam, a um tempo, á mercê desse serviço e bastam, portanto, para encarecer a rigorosa selecção a que nos referimos, bem como a necessidade de *uma fiscalisação, permanentemente organizada*, de forma a se poder escoimal-o, até onde seja possível, dos vícios de que se resente.

Este serviço de inspecção, para produzir os fructos que se tem em mira, carece:

- a) ter o character de *fiscalisação pessoal*.
- b) ser organizado em cada Região e Circumscripção Militar, sob o controle dos respectivos commandos;
- c) dispôr, em cada uma d'ellas, de numero sufficiente de delegados que inspirem a mais absoluta confiança;
- d) ser executado homogeneamente, em todo o Paiz, mediante as mesmas instrucções, organisadas pelo E. M. E.

Uma fiscalisação assim organizada deve ter por fim, não só combater e responsabilisar os respectivos encarregados pelos abusos intencionalmente criminosos que porventura pratiquem, como oriental-os, conveniente e uniformemente, para a melhor pratica de serviço.

Parece-nos que assim procedendo ter-se-á encarado de frente as duas valvulas de escape do alistamento e sorteio e de serviço propriamente dito: *alistamento incompleto, vícios para habeas corpus*.

Synthetizando, afinal, o que, a longos traços, expuzemos, afigura-se-nos indispensavel, pois, sem prejuizo de outras medidas suggeridas pelo estudo pormenorizado da questão, promover-se:

A — Investigaçào profunda e minuciosa, visando determinar a origem dos vícios que hão dado ensejo á alarmante concessão de habeas corpus; e, consequentemente;

- a) a revisão do Regulamento;
- b) a revisão do pessoal;

B — Creação do *serviço de inspecção permanente*, tendo em vista:

- a) orientar aos encarregados do serviço por sua melhor e mais uniforme execução;
- b) responsabilisar aos que incidem criminosamente em infracções da lei.

MAJOR KLINGER

De Campo Grande, onde se acha este illustre camarada nosso, ex-redactor-chefe desta Revista e actualmente seu Presidente de honra, recebemos attenciosa carta, na qual novamente insiste na sua exoneração do elevado posto que occupa nesta redacção e de seu grupo mantenedor, allegando, como já o fizera da primeira vez, não lhe ser licito occu-

par permanentemente tão elevado quão honroso posto, nem fazer parte do grupo, desde que se acha ausente desta capital, em guarnição longinqua, d'onde nem siquer lhe é possível manter o contacto compativel com a situação em que se acha na redacção, como declara.

A primeira vez que esse distincto camarada

fez essa solicitação, achava-se ainda no Perú, em missão militar, conforme se vê de sua carta, que abaixo transcrevemos.

Ouvidos, então, os membros do grupo mantenedor ácerca do assumpto, resolveram todos appellar para seu ex-redactor, no sentido de retirar seu pedido, negando-lhe a exoneração, em virtude dos notorios e relevantes serviços por elle prestados ao Exercito, não só atravez de nossa Revista, como fóra d'ella.

Agora, porém, apesar de todos desta casa continuarem a alimentar os mesmos sentimentos ácerca do illustre camarada, não nos foi possível deixar de attendel-o, em virtude de sua resolução, que sabemos ser absolutamente irrevogavel.

Constrangida a assim proceder, a actual Redacção não pôde deixar de lamentar o afastamento de seu ex-redactor, velho e incansavel paladino da prosperidade do nosso Exercito. Sem desmerecer nos demais camaradas que tanto fizeram pelo brilho e efficiencia de nossa Revista, no seio do Exercito e em todo o Paiz, seria clamorosa injustiça sonegar ao denodado camarada a formidavel obra que aqui executou, animado por uma Fé inqueantavel, inspirando a mais operosa e constructora intelligencia.

Basta lembrarmos que o renascimento militar do Brasil, constatado nos primordios de nosso seculo, conjuga-se com o apparecimento de nossa Revista, cujas paginas fizeram-se o echo fecundo e edificador da aurea evangelisação, e que á testa desse movimento, altamente patriótico, collocára-se, como um dos mais sinceros e denodados batalhadores, o bravo companheiro de lucta.

E', portanto, com o maximo pezar que esta Redacção o vê afastar-se de seu seio, pelas razões expostas, que não são della, mas não pôde deixar de acatar, antes de tudo, pelo respeito que lhe merece o fôro da consciencia do Major Klinger, de sua integridade moral, livre de qualquer controvérsia.

Damos, a seguir, as cartas :

« Bordo do Alm. Jaceguay, 18-7-924.

Prezados camaradas !

A singular conjunctura desses dias tristesimos me impõe que aproveite a oportunidade para renovar o meu velho pedido de suppressão de meu nome do «grupo mantenedor» d'«A Defesa Nacional» e muito especialmente do titulo de «Presidente de Honra».

Bem imagino que não vos terá faltado a velha confiança em mim deante da gravissima suspeita que me attingiu ; que, em todo caso, não tereis tido a fraqueza ou levandade de prejudgar, sem exame, rendendo-vos ao inopinado assalto das apparencias, boatos e accusações vagas.

Mas, a mesma tradicional severidade d'«A Defesa Nacional» exige no momento a providencia que de novo reclamo, a cuja larga protelação só me submetti no proposito, que agora mesmo ainda evidencio, de poder com isso ser util á nossa revista. Reproduzo, a seguir, a carta que ha mais de 2 annos escrevi ao então redactor-chefe.

Lima (Perú), 9-1-22.

Caro amº Lima e Silva.

Saudações muito cordeaes.

Estas linhas são dirigidas á redacção da nossa galharda «A Defesa Nacional», ou, melhor, a todo o grupo mantenedor ; a pontaria, porém, é feita em ti porque presumo que ainda es o redactor-chefe e porque, além das outras facilidades que para mim resultam dessa feliz circumstancia, não me daria tanto geito escrever uma carta sem precisar seu destinatario, sem um centro do alvo.

Trata-se da minha situação de Presidente de Honra, na fachada da nossa amada revista, situação a que já é necessario pôr termo. Desde algum tempo, em momentos de folga, neste meu doce-amargo desterro negro dourado, tenho pensado no caso. Vocês saberão desculpar-me que não me occorresse ha mais tempo reflectir nelle e que não tirasse mais promptamente a consequencia ora expressa nesta communicacão do meu amadurecido, irrevogavel desejo de ser eliminado de tão alto posto.

Não tento renovar agora os meus profundissimos agradecimentos pela extraordinaria homenagem que recebi com o acto do grupo mantenedor de investir-me de tal distincção; já vocês sabem que falta-me a capacidade para traduzir em palavras o quanto isso me affecta; o que vocês têm a fazer é admittir que eu sei sentil-o.

Acontece, porém, que evidentemente choca-se com o feitio d'«A Defesa Nacional» o uso permanente desse adorno, um presidente de honra, sem fallar na má figura daquelle a quem coube a inegualavel fortuna de ser o primeiro a servir para tal fim.

Já vae para um anno (*) que d'ahi me afastei, e apesar de minha vontade de não cessar na collaboração constante, não me tem sido isso possível. E aberra de todo o passado de nossa revista que figure alguém á sua frente, no grupo mantenedor, alguém que não esteja mantendo coisa alguma, nem ao menos o tão precioso contacto, capaz de alimentar a communhão de vistas e de esforços.

Se a conservação desse contacto já é difficil dentro do paiz e é uma das razões por que, muito avisadamente, os nossos estatutos determinam a eliminação dos membros do grupo mantenedor que saíam do Rio ou Nichteroy, muito mais é para quem esteja no estrangeiro (**).

Demais, concedendo que fique consagrado o generoso precedente do reconhecimento de

(*) Hoje já são quatro annos.

(**) E para quem está em Matto Grosso, a situação sob esse ponto de vista é peor do que no Uruguay, Argentina ou Chile.

um Presidente de Honra, é de esperar que nunca nos falem companheiros merecedores de identica distincção; seria ridiculo, porém, instituir pluralidade de taes titulares, e seria cruel não poder prestar essa homenagem futuramente a outros, porque esteja indefinidamente tomado o lugar de honra.

E para o proprio homenageado cessa o estímulo de continuar a bem merecer, si tão alto premio tivér o character de illimitado no tempo. A solução harmonisadora é, pois, fazer limitada a duração da presidente de honra, como o é a da effectiva.

Por fim, vocês acharão ainda outras razões; o essencial é que nos entendamos que é preciso attender ao meu desejo, como já disse, irrevogavel, de não mais figurar o meu nome como Presidente de Honra d'«A Defesa Nacional».

Com affectuoso abraço, o amº, ador. e obrº

KLINGER

Estudo tactico de um contra-ataque do III Btl. do 141 R. I. em 12-IV-1918

HANGARD—SANTERRE

(*Cel. Mangematin*)

I — EXPOSIÇÃO SUMMARIA DA SITUAÇÃO GERAL
E DO PAPEL REPRESENTADO PELO III BTL.
DO 141 R. I., DE 29 DE MARÇO A 12 DE ABRIL
DE 1918, NO SECTOR DE HANGARD

Foi na tarde de 29 de março que a 21 D. I. chegou á região de Boves-Longueau: por essa occasião o inimigo que rompera o systema de defesa, attingira a linha balisada por Marcel - Cave e Moreuil.

O III Btl. do 141 R. I. encontra-se ás 18 hs. em Rougeau e recebe ordem de seguir immediatamente para Hangard, local de particular importancia. Effectivamente, o *La Luce*, que corre ao Sul de Hangard e que limita as zonas de acção das tropas inglezas — que se batem a W. e francezas — engajadas ao S. — constitúe um caminho aberto á infiltração do inimigo e que se faz mister barrar, a todo transe.

Depois de uma penosa marcha de aproximação, o III Btl. chega a Hangard, onde encontra os inglezes, com quem o cmt. deste Btl. procura estabelecer estreita ligação.

No dia 5 de abril, o III Btl. occupa Hangard, apesar da acção violenta da artilharia

allema e de sério ataque desbordante realizado pelo inimigo ao seu flanco esquerdo.

Ao cahir da tarde de 8 de abril, o 141.º é substituído pelo 165.º R. I. em suas posições apenas organizadas.

Depois de dez dias de fogo, o III Btl. vae acantonar em Fouencamps, ondes se conserva até 12 de abril, como reserva da D. , emquanto a calma, aos poucos, se restabelece no sector.

II — O ATAQUE ALLEMÃO SOBRE HANGARD, A
12 DE ABRIL

No dia 11 de abril, na previsão de um ataque da D. I., o 141.º R. I. em ligação sobre o *La-Luce*, com o 165.º, occupa o sector, escalonado em profundidade, conforme a repartição seguinte;

II Btl. no bosque da cota 104;

I Btl. na ravina ao W. da cota 86 — reserva da I. D.

A 12 de abril, ás 6 hs., depois de violento bombardeio por obuzes-fumigenos, o inimigo ataca rigorosamente o bosque, da cota 104, em Hangard, e, esta posição cahie desde logo, apesar de pertinaz defesa das 5.ª e 6.ª cias.

A's 13 horas, o inimigo penetra em Hangard, defendida pelo 165 R. I. : a 7.ª cia. do 141 R. I. occupa a margem do Luce até Hourgey, enquanto que a orla S. E. desta localidade é mantida por elementos reconstituídos das 5.ª e 6.ª cias.

Em Fouencamps, o III Btl. que se preparava para substituir em Thennes os fuzileiros navaes, é alertado, após contra-ordem, e parte às 9 hs. com o Cel., para se conduzir a N. O. da cota 86 (croquis n. 1).

e dá aos seus cmts. de cias. as seguintes instrucções de detalhe :

1) Dispositivo de marcha do Btl. :

9.ª cia. á esquerda ;

10.ª cia. no centro ;

11.ª cia. á direita ;

C. m., uma sec. com. cada cia., 4.ª sec. de reserva.

2) Ponto de direcção : Domart :

Os cmts. de cia., desde a sua chegada a essa localidade, procurarão abrigar os seus

homens e ter a sua unidade em condições de executar qualquer movimento.

3) Eixo de marcha das cias. :

9.ª cia. — Estrada de d'Amiens ;

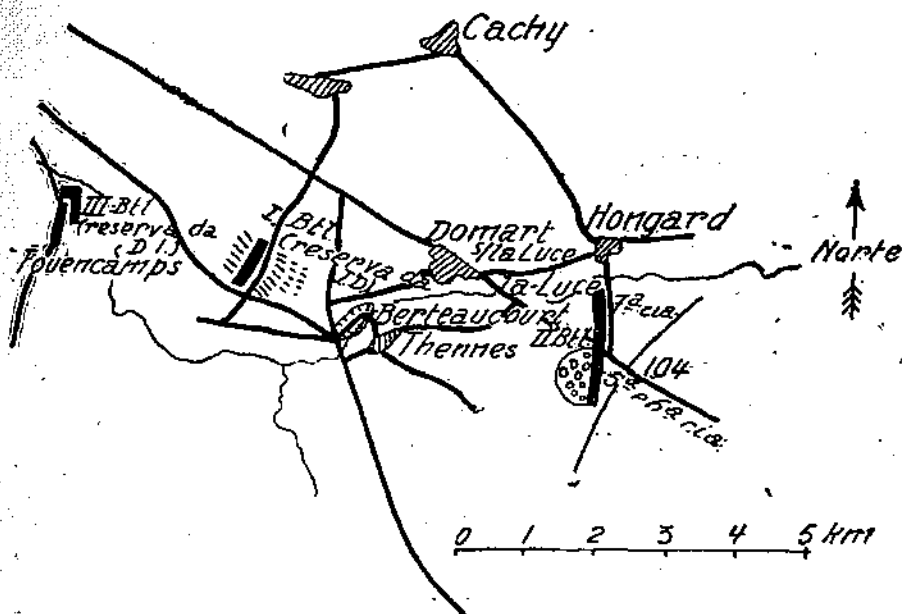
10.ª cia. — Estrada Domart-Berteaucourt ;

11.ª cia. — Caminho ao longo do La Luce, 300 ms. ao S.

4) As cias. marcharão em pequenas columnas muito espaçadas e sufficientemente escalonadas em profundidade.

5) Os cmts. de cias. conduzir-se-ão, logo que possível, ao P. C. do Cel. Prunier (croquis n. 2), onde rece-

Croquis n.º 1



III — III BTL. RESERVA DA D. I.

Marcha de aproximação

A's 12h30^m, o cmt. do III Btl. recebe da D. I. a seguinte ordem :

« A partir deste momento constitue o vosso Btl. reserva da I. D. Deveis marchar immediatamente, porém sem precipitação, á saída O. de Domart, tomando todas as formações uteis contra a A. e os aviões.

« O Btl. não se engajará senão em caso de absoluta necessidade e o fará, seja á ordem do cmt. da I. D., seja á ordem do Cel. Prunier. (165 R. I.)

« O cmt. Chevalier (do III Btl.), collocar-se-á, desde a sua chegada, á disposição do Cel. Prunier, que tem o seu P. C. á saída O. de Domart. »

A partir do momento em que foi transmitida esta ordem, o cmt. do Btl. destaca um agente de ligação junto ao cmt. do 165 R. I.

berão novas ordens.

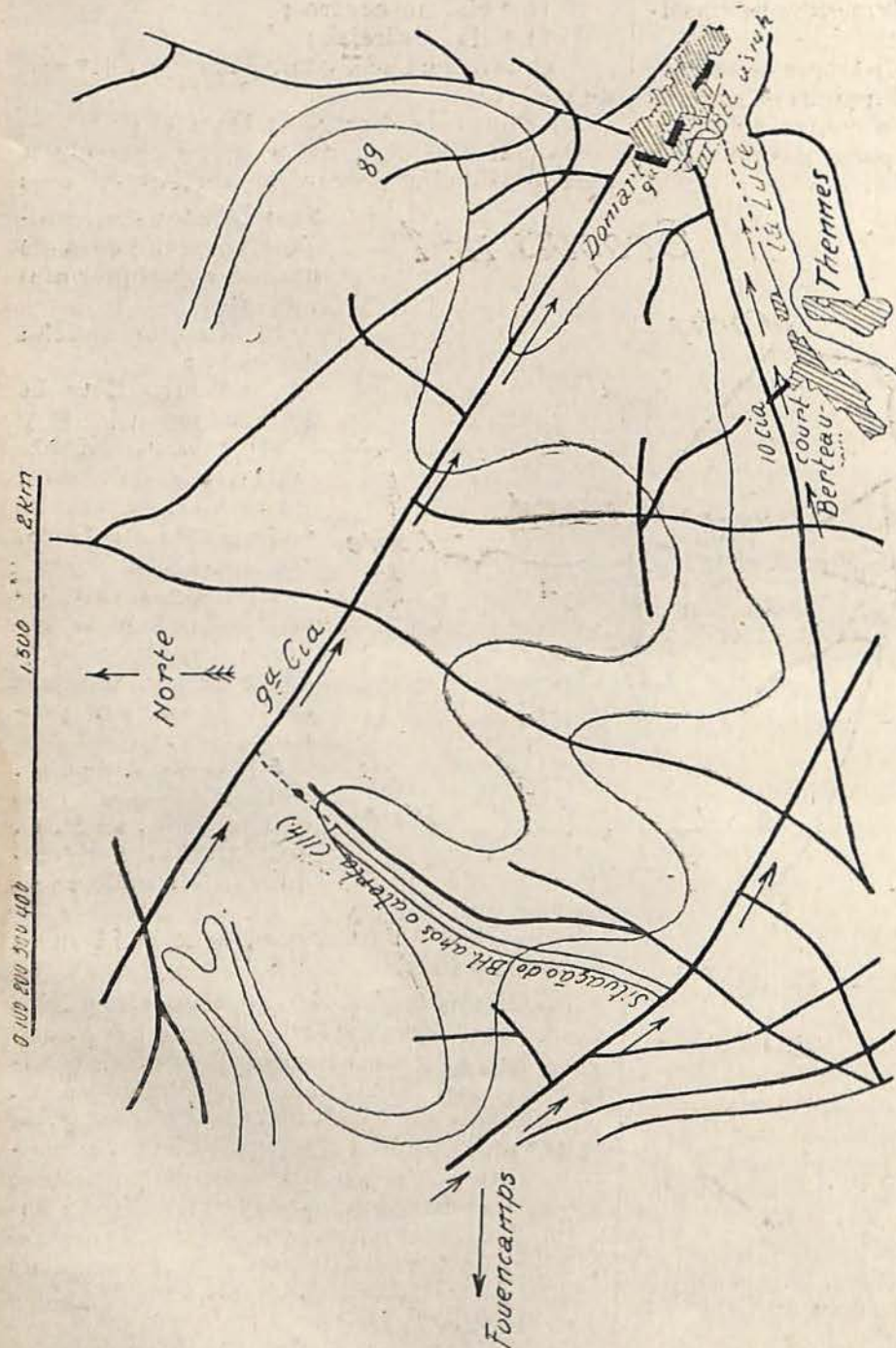
O movimento terminou, sem incidentes, ás 14 hs. 15 ms.

Pôde, á primeira vista, parecer esquisito ter o cmt. Chevalier dado ordem para abrigar o Btl. na aldeia bombardeada ; na realidade, porém, foi tal medida muito judiciosa, por isso que cumpre considerar ter o cmt. da I. D., máo-grado a progressão de ataque alemão, previsto o engajamento immediato do Btl. De mais a mais, a demora nas posições occupadas contribue para o perfeito conhecimento, por parte de todos os homens, da aldeia e seus cobertos ; consequentemente, o Btl. escapará melhor ás investigações da aviação inimiga, o que não daria se occupasse as garupas visinhas, preferíveis no caso de reunião precipitada.

IV — A ORDEM DE ATAQUE — OCCUPAÇÃO DA BASE DE PARTIDA

Assim que o cmt. Chevalier chegou ao P.

Croquis n.º 2



e pede autorização para montar, com o Btl. Chevalier, um contra-ataque, tendo Hangard como objectivo.

O cmt. da I. D. *retarda a execução desta ordem*, permite, porém, que o Btl. ocupe a base de partida.

Perguntar-se-á por que o Btl. Chevalier não se engajou após a sua chegada a Domart, conforme queria o Cel. Prunier. A espera a descoberto que se ia impor á tropa por algumas horas, abalaria o moral dos homens e cada vez mais crítica tornaria a situação dos elementos que resistiam, em vista da ocupação de Hangard por necessidade.

A extrema escassez das tropas de reserva obrigou, não ha negal-o, o Cel cmt. da I. D. a não empenhar o Btl. *senão no caso de absoluta necessidade*, após á queda das ultimas resistencias; accresce ainda que o ataque devia ser conduzido em collaboração com as forças inglezas, cuja demora mais retardou a hora da acção.

A's 16^h hs., o Btl. Chevalier occupou posição na ravina ao N. de Dormat.

A's cias. foi determinado que se installassem nos declives a O. da ravina; os declives de E. por muito

C. do Cel. Prunier, foi informado terem os allemães occupado *Hangard*, cuja guarnição, dividida em duas, se encontrava parte no castello (cmt. Delache, do 165 R. I.), parte nas vertentes ao S. da cota 99.

O Cel. Prunier quer restabelecer a situação

abruptos, prestar-se-iam mal á defesa no caso de novo avanço do inimigo, o qual obrigaria o Btl. a bater-se, tendo uma ravina pela retaguarda.

No fim do movimento, o dispositivo do Btl. é o seguinte :

- 9.^a cia. nas alturas de Domart ;
 10.^a cia. na cota 89 ;
 11.^a cia. 500 ms. á retaguarda da 9.^a, como apoio.

Cada cia. dispõe de uma sec. mtr. ; a sec. de reserva da cia. mtr. marcha com a 11.^a cia.

As cias. alcançaram as suas posições de espera, em pequenas columnas, com largos intervallos e escalonadas, dispositivo já utilizado na marcha de aproximação sobre Domart.

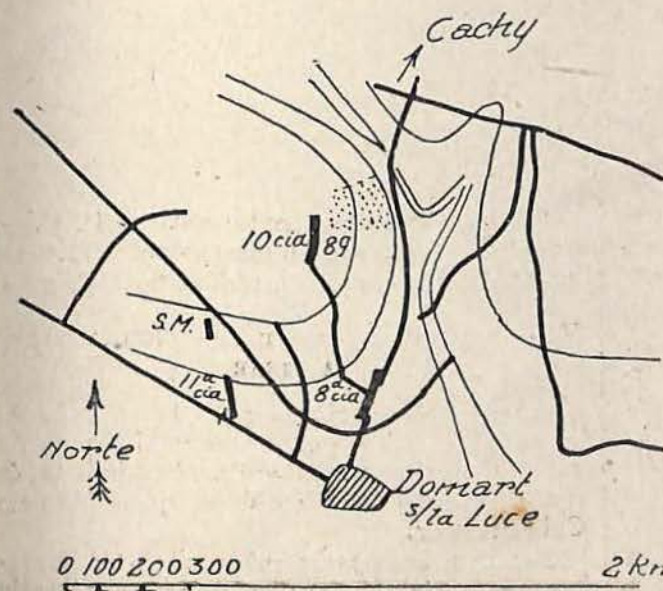
V — A ACÇÃO OFFENSIVA

Às 17 hs., o Cel. Prunier obtém permissão para empenhar o 3.^o Btl., objectivando retomar Hangard ; o ataque, porém, deve ser conduzido em combinação com as tropas inglezas e o cmt. Chevalier é avisado ás 18 hs. 15 ms., de que o seu Btl. só deverá transpor a estrada Domart—Cachy, depois que aquellas se encontrarem nas suas posições. O commando inglez prevê — 18 hs. 45 ms. — como hora provavel da chegada das suas primeiras unidades.

Além disso, o Cel. Prunier recommenda ao cmt. Chevalier actuar sobre as vertentes S. da cota 99, afim de ter facilidade de manobra pela esquerda da aldeia.

Após o recebimento da ordem de ataque, o cmt. Chevalier reúne os seus cmts. de cias. e lhes dá as seguintes instrucções (croquis n. 3):

CROQUIS N.º 3



a) 9.^a cia.—eixo de marcha—Estrada Domart—Hangard. Missão : atacar a aldeia de frente, com duas secções ao N. da estrada. Esta cia. cobrir-se-á á direita com uma sec., a qual marchará ao S. da estrada rumo ao castello ;

b) 10.^a cia.—prolongará á esq. a acção da 9.^a com duas sec. em 1.^o escalão e uma sec. de reserva ;

c) 11.^a cia. — marchará á retaguarda do centro do dispositivo como apoio ;

d) As cias. conservarão as suas sec. de mtrs., a 4.^a marchará com a 11.^a cia.

Conforme as previsões, ás 19 hs. 55 ms. as cias. transpõem a estrada Domart — Cachy em ligação com os inglezes — chegados ás posições que deviam occupar — e se conduzem vigorosamente no ataque.

A cia. Casalta (3.^a cia.), bem unida á barragem rolante e precedida do fogo dos F.M. magnificamente conduzida por seu cap., surprehe as metralhadoras inimigas em posição nas orlas O. da aldeia, as quaes se entregam sem ter tido tempo para nenhuma resistencia. Em meia hora a aldeia é, completamente, transposta, os allemães fogem em desordem ou se escondem nas cavas cuja limpeza é, ao mesmo tempo,prehendida.

O ataque propriamente dito durou trinta minutos. Durante este tempo :

1.^o) a 1.^a cia., actuando ao longo da orla N., repeliu os elementos allemães que se lhe oppunham e foi installar-se á sahida E. de Hangard. Para conservar a ligação com

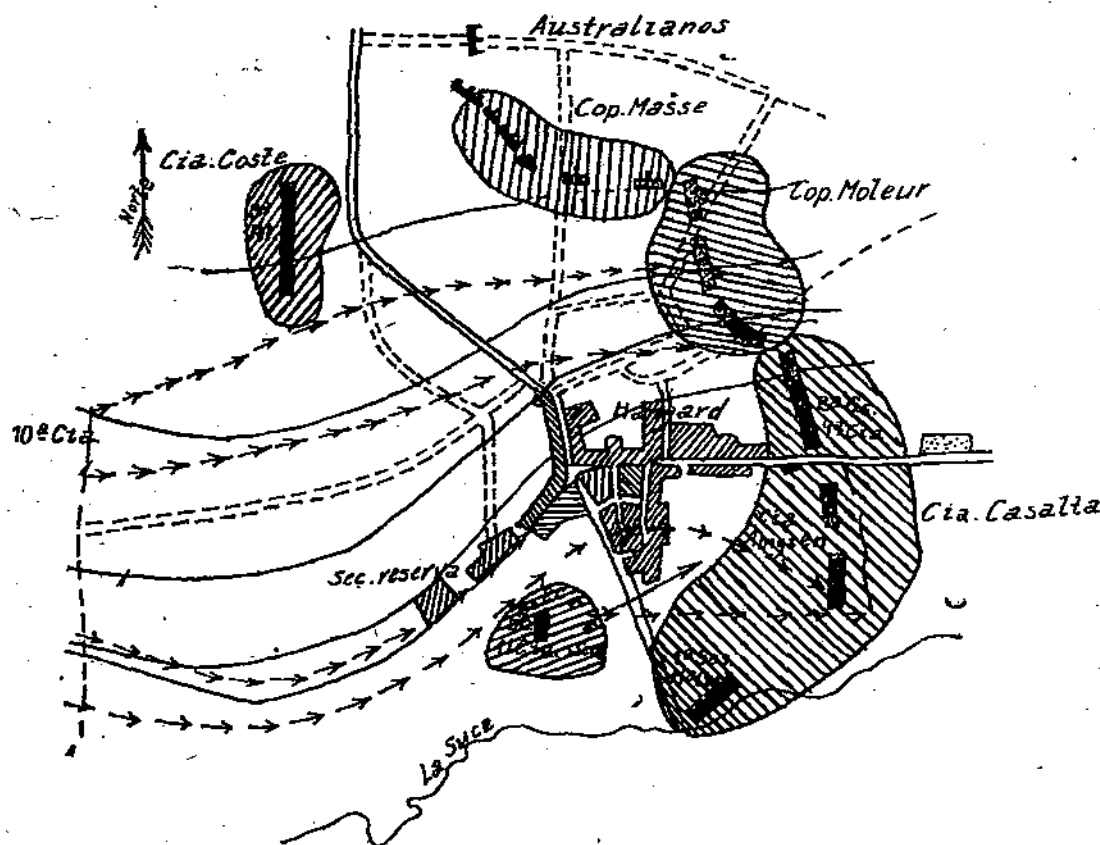
os inglezes, a sec. de reserva estabeleceu-se no prolongamento das secções de 1.^o escalão face a N. E.

2.) a sec. da direita da cia. Casalta, progredindo ao S. da estrada, foi a principio detida deante do castello, porém o ten. Ferrandi, cmt. da sec. mtr. á disposição da 9.^a cia., em um rasgo de admiravel audacia, apodera-se, com alguns homens, do castello, dá liberdade aos ultimos defensores de Hangard — 3 officiaes e 50 praças dos 141 e 165 R. I. — que haviam resistido até ás 16 hs. e aprisiona a escolta que os guardava.

Às 21 hs., a situação está completamente restabelecida. As perdas foram sensiveis, principalmente para a 9.^a cia.

Em vista do fraco effectivo e extrema fadiga de seu Btl., o cmt. Chevalier insiste em ser — sem demora — reforçado. O Cel. Prunier põe á sua

Croquis nº 4



LEGENDA

Inglezes

---> Itinerario das tropas de ataque



Collocação no fim do combate

disposição, durante a noite, primeiramente uma cia. do 3.º R. I. (cia. Rougier), em seguida mais duas cias. do mesmo Regimento (cias. Massé e Costa).

Duas secs. da cia. Rougier foram enviadas em apoio da 10.ª cia. As outras duas reforçam a 9.ª, que recebe, além disso, uma sec. da 11.ª para barrar o *La Luce* e manter a ligação com os elementos do Regimento mais avançados em Hourges.

As cias. Massé e Costa ficam de reserva ao sub-sector, respectivamente a E. e a O. da estrada Hangard—Cachy (croquis 3).

O cmt. Chevalier installa o seu P. C. no castello, onde mantém em reserva a 11.ª cia. reduzida a duas secs. e duas secs. de mtrs.

VI — RESULTADOS OBTIDOS — ENSINAMENTOS A TIRAR

A operação decidida pelo commando foi coroada de exito, por isso que Hangard foi retomada pelo Btl. Chevalier, tres horas após o recebimento da ordem de ataque dada pelo Cel. Prunier.

Ficaram em nossas mãos, além de importante material, onde se encontravam dezesseis

mtrs., com prisioneiros allemães, dos quaes faziam parte tres officiaes; foram, nessa mesma occasião, postos em liberdade os officiaes capturados pelos allemães na tomada de Hangard, pertencentes ao 141 e ao 165 R. I.

As judiciosas disposições tomadas pelo cmt. Chevalier, a partir do momento em que seu Btl. foi alertado (8 hs. da manhã) até o momento em que elle se engajou (20 hs.) lhe permittiram effectuar sua marcha de aproximação em *tres tempos*, sem despertar a attenção do inimigo e sem soffrer perdas.

E' indiscutivel ter o contra-ataque francez acarretado a derrota completa dos allemães, em vista do vigor e rapidez com que foi conduzido. A resistencia, relativamente fraca, opposta pelas tropas allemãs na aldeia de Hangard; a imprecisão da barragem de sua A., demonstraram, á saciedade, que elles não esperavam o contra-ataque immediato dos francezes, já por julgarem muito reduzidas as nossas forças — dadas as grandes baixas do dia — já porque a falta de tempo não permittira as mesmas que se organisassem e fossem restabelecidas as suas ligações em face á contra-offensiva que o commando allemão deveria prevêr.

O commando francez conduziu-se com perfeito conhecimento da situação não temendo contra atacar para restabelece-la; são perfeitamente justificaveis as suas hesitações iniciaes desde que se considere ser o Btl. Chevalier a unica reserva de que elle disponha: não convinha então engajal-o senão na certeza absoluta do successo.

„ Objectar-se-á talvez fôsse preferivel, nestas condições, desencadear o contra-ataque *immediatamente*, sem fazer estacionar o Btl. Chevalier toda a tarde, primeiramente em Domart e na ravina da cota 99 em seguida; mas, como já foi precedentemente observado, o Cel. cmt. da I. D. devia contar com as tropas inglezas que deveriam agir em ligação com as suas, demais, era de esperar, *neste caso particular*, melhor resultado de uma operação conduzida á noite.)

Effectivamente, além de contar-se com o

factor *surpresa*, este ataque ia ser montado por tropas conhecedoras do terreno, as quaes, consequentemente, se podiam engajar á noite sem grande risco.

Por essa razão, inuteis se tornam os conhecimentos prévios, tendo sido as cias. facilmente orientadas para os seus objectivos, perfeitamente conhecidos.

O Cel. Prunier prescrevera ao cmt. Chevalier atacar a aldeia pela esquerda.

E' tolerado julgar que o cmt. Chevalier houvesse collocado a cia. de reserva á esquerda do dispositivo, attingiria mais facilmente, por um movimento desbordante, as saídas E. de Hangard e, sem duvida, teria assim conseguido aprisionado maior numero de allemães.

De qualquer modo, accentuando abertamente a ameaça de envolvimento, não faria seu esforço principal segundo o eixo Domart — Hangard. Duas constatações, effectivamente, se impõem:

a) As perdas do Btl. derivaram sobretudo das mtrs. em posição no castello e na orla O. da aldeia junto á igreja: foi a 9.^a cia. (cia. da direita) que mais soffreu a acção do fogo inimigo;

b) O movimento da 10.^a cia. á esquerda, ainda que fracamente esboçado, foi um grande auxilio para a 9.^a cia., que em 30 minutos atravessou completamente a aldeia e attingiu a sua saída de E., havendo conduzido o ataque de frente.

A surpresa foi completa.

E', por certo, muito honroso o bellissimo resultado obtido pelo Btl. Chevalier, não só por se haver mantido em constante alerta, prompto a intervir a cada momento, como tambem por se encontrarem as suas cias. reduzidas a tres secs. tambem, por sua vez, desfalcadas em seus effectivos.

A acção terminou ás 22 hs. Chevalier reforça as sub-unidades do seu Btl., reúne as suas forças e dá ordens para organizar o terreno conquistado, restabelecer as ligações e deter francamente um retorno eventual do inimigo.

Algumas reflexões artilheiras

Em uma revista militar sul-americana encontramos, sob o título acima, um interessante artigo, onde se abrem algumas interrogações relativas ás novas idéas sobre o emprego da artilharia no combate. Lendo-o, veio o desejo de esmiuçarmos também o assumpto, não com o intuito de esclarecermos o illustre articulista, por nos faltar competência para tanto, e sim com a intenção de exercitarmos um pouco a doutrina que aqui praticamos, já que taes interrogações são dirigidas aos que estudam a arma.

Embora sejam exactos, em qualquer parte, os principios geraes sobre o emprego da artilharia, não é menos verdade que a concepção adoptada em cada paiz é vária, segundo multiplas causas, entre as quaes sobrepõe a diversidade de materia; dahi serem discordantes muitos pontos dos respectivos regulamentos da arma. Por isso, o que se segue deve ser recebido como idéas que têm a pretensão de estar no ponto de vista puramente brasileiro, e que se não enquadram talvez nos methodos de combate em uso no paiz visinho.

A primeira pergunta é a seguinte:

«a) — Convem que o destacamento de ligação, que o grupo de artilharia deve organicamente dispor para a sua ligação com a infantaria, marche com o regimento de infantaria, ou tome contacto com elle por occasião do desdobramento?»

O illustre articulista faz ver que, em guerra de movimento, essa união desde a marcha pode tornar-se prematura, pois que antes do desdobramento não se pôde assegurar onde serão empenhadas as unidades.

Antes de mais nada, é preciso definir as condições em que a artilharia marcha em uma columna: ou ella é empregada, toda ou em parte, no apoio da fracção de infantaria que marcha na vanguarda, flanco-guarda ou retaguarda; ou então vae incorporada no grosso, aguardando emprego ulterior, de accôrdo com os acontecimentos.

No primeiro caso, vemos *a priori* que não ha inconveniente algum em fazer marchar com a infantaria os destacamentos da artilharia que lhe é anticipadamente destinada, pois onde quer que tal infantaria se empe-

nhe, será ahi que a respectiva artilharia terá de actuar.

No caso segundo, ao contrario, nada ha que destacar, visto como ainda não foi precisada missão alguma á infantaria e artilharia do grosso da columna.

Detalhando mais o assumpto, tomemos o primeiro caso definido por uma vanguarda, que tenha como infantaria um regimento, e para artilharia um grupo.

Emquanto não houver o desdobramento, essa vanguarda marcha necessariamente com um elemento *testa* (possivelmente um batalhão) e com um elemento *corpo* (ou dois outros batalhões, por exemplo). A ligação entre o regimento e o grupo é estabelecida *directamente*, marchando o cmt. do grupo junto ao do regimento de infantaria (supposto igualmente cmt. da vanguarda). Mas, em caso de encontro com o adversario, a unidade que primeiro se engaja é forçosamente o elemento *testa*, porque é esta quem se interpõe entre o corpo da vanguarda e o inimigo; e si o grupo tiver de agir, fal-o-á, com muita probabilidade, em beneficio desse batalhão — *testa*. Por isso, mesmo antes do desdobramento, o cmt. do grupo não deve ter duvidas em destacar, junto ao batalhão-*testa*, os necessarios elementos de ligação.

O encontro com o adversario pôde acarretar o emprego de um dos batalhões do *corpo* fóra do eixo de marcha do batalhão-*testa*, e talvez venha aquelle a reclamar a intervenção do grupo; para attender a essa eventualidade, o chefe do grupo, tendo destacado junto á *testa* parte dos seus elementos de ligação, deve reservar junto a si uma outra parte, *reforçada* pelos meios que puder tirar das baterias.

Si a vanguarda tiver de orientar ainda o terceiro batalhão em um novo eixo de marcha (caso, por exemplo, de um inimigo desenvolvido em uma frente muito larga), o grupo não poderá sosinho attender a tal desenvolvimento; o cmt. da vanguarda, de accôrdo com a sua *idéa de manobra*, saberá distinguir a zona de preferencia para o emprego de sua pouca artilharia; e como essas cousas não se passam com rapidez vertiginosa, haverá tempo bastante para reunir elementos de ligação de artilharia na orientação desejada, si por ventura já não houver ahi.

O caso em questão encara a hypothese mais destavoravel, da existencia de um unico grupo para o apoio do regimento de infantaria; si nessa missao forem empregados mais de um grupo, o cmt. da artilharia da vanguarda encontrará maiores facilidades nas ligacoes com a infantaria, pela pluralidade de destacamentos de ligacao disponiveis.

Concluimos d'ahi que o destacamento de ligacao do grupo não deve ser composto de elementos *extrictamente necessarios* a uma ligacao com a infantaria; a sua composicao deve permittir o desdobramento em duas missões simultaneas de ligacao (sargento adjunto do official, 2 esclarecedores de objectivo), reforçando-o com pessoal tirado das bias.

Outra interrogacao do referido artigo é a seguinte:

«b) — Convem que regulamentarmente o pessoal e elementos que acompanham o capitão, para o reconhecimento da posicao, sejam fixados rigidamente, ou que este o empregue de accordo com o terreno e situacao tactica?»

Diz o illustre articulista que o regulamento brasileiro designa um sargento e um soldado para acompanharem o capitão. Deve haver engano: não somente o regulamento provisório de 1920, como tambem o definitivo de 1922, ambos no mesmo paragrapho 369, assignalam o sequito do capitão com a composicao seguinte: 1 sargento servente de luneta, 1 ordenança porta-luneta, 2 clars, 2 telephonistas (signaleiros). A isto devem-se addicionar os esclarecedores de itinerario, a que se refere a letra C do appendice (annexo) final do mesmo regulamento.

Mais adiante é lembrado que uma rapida abertura do fogo pôde reclamar o avanço de todo o pessoal, e que uma entrada em accão cautelosa pode exigir o adiantamento de mui pouca gente.

Cuidamos que a resposta está contida na propria phrase interrogativa, transformando-a em affirmativa: o sequito do capitão deve ser regulamentarmente definido, para que elle saiba com que pessoal pôde contar; todavia, esse pessoal, por mais numeroso que seja, deve ser empregado na medida das ne-

cessidades, escalonando para a retaguarda — e ao alcance de um gesto de chamada ou da chamada rapida por um ordenança — os homens que não tiverem emprego immediato.

De qualquer fórma, o capitão precisa sempre de todo o pessoal do seu sequito, mas muito pouco desses chegam até ao seu observatorio: as funcções dos seus diferentes elementos nem sempre reclamam *vistos* sobre a zona de accão.

Não seria possivel fixar uma conducta uniforme para os elementos do sequito. Tratando-se por exemplo, de levar o material da estrada de marcha para a posicao de bateria, a urgencia da occupação reclama o *balisamento* do itinerario pelos esclarecedores; mas, si o material demora porque se acha atrazado na columna, o balisamento já realizado será substituido, com vantagem, por um *guia* que, voltando do local dos reconocimentos, aguardará na entrada a passagem das peças. Sabendo-se com antecedencia qua o material levará algum tempo a chegar, o balisamento não será feito: o reconhecimento do itinerario pelo guia será mais economico em pessoal, libertando os esclarecedores que seguirão o capitão para o local de accionamento. Ahi se vê um mesmo problema com soluções variadas mesmo no ambito de um grupo, augmentando ou diminuindo o numero de homens que avançam com os capitães para o reconhecimento.

Em geral, em guerra de movimento, o capitão avança ao reconhecimento sempre preoccupado com a occupação *rapida* da posicao de bateria; as suas operacões preliminares são conduzidas nesse sentido, embora o terreno reclame toda a *cautela*; ellas serão melhoradas á medida que o tempo o permittir; e não será difficil que, durante toda a jornada, a bateria não tenha occasião de fazer um unico disparo. Por isso, elementos do sequito não podem ser dispensados; a sua redução deliberada antes do reconhecimento pode redundar em atrazos ou deficiencias perigosas.

Mais adiante:

«c) — Convem contar com um bom carro-observatorio na bateria, ou eliminá-lo?»

A principal vantagem do carro-observatorio residia na facilidade, que proporcionava, da observação approximada, ao material da bateria. Com o material de alcance

reduzido de que dispunham os exercitos antes de 1914, os observatorios junto ás baterias apresentavam condições favoráveis á conducção do fogo, pela simplicidade dos methodos de tiro d'ahi resultantes. Mas, cedo, os exercitos em luta na guerra europeia começaram a tirar partido das maiores alças dos seus materiaes e foram introduzindo modificações no canhão, nas cargas e nos projectis para conseguir, com um mesmo calibre, alcances cada vez maiores; na situação actual chegou-se a obter, com canhões de campanha, alcances maiores que o dobro dos que se contentavam os artilheiros de antes de 1914.

De tal vantagem resultou a impossibilidade de observação junto á bateria, ou porque o artilheiro começou a atirar mui profundamente na zona inimiga, ou porque as suas posições foram se afastando da frente de contacto. De feito, é sabido que já é muito precaria a observação de um tiro de 75 a 5.000 m. de distancia, com os instrumentos de uso corrente na guerra de movimento; a solução que naturalmente se impoz foi avançar com os observatorios na direcção do inimigo, deixando o material para a retaguarda; os methodos de tiro e os meios de transmissão foram orientados nesse sentido. Antes de 1914, um observatorio distante 500 m. do material, já constituia um afastamento notavel; as baterias dispunham, em media, de 500 m. de fio telephonico para a ligação observatorio-material. Hoje em dia, um posto de observação distante 1.000 m. da posição de bateria é tido como approximado, mesmo em guerra de movimento.

Ora, desde que se não está adstricto a procurar pontos de observação na proximidade do material, é sempre possível encontrar-os com certa facilidade a 1, 2, 3 e mais kilometros de distancia: d'ahi a queda do carro-observatorio.

Lembra o distincto articulista que haverá certa vantagem no uso de tal carro, para absorver a attenção do adversario, obrigando-o a dedicar certas unidade á sua destruição, gastando com isso munições. Cremos que não seria uma razão bastante para a sua adopção, pois que um observatorio ficticio (bonecos de panno) produziria o mesmo effeito.

Quanto á facilidade de conducção do fogo e a consequente economia de munições, resultantes da visinhança entre o capitão e a sua bateria, collocando a questão no ponto de vista que expuzemos, conclue-se que —

pelo contrario — com os grandes alcances do material, ter-se-ão difficuldades e dispendio de munições, si observarmos tal visinhança. Mesmo com o 75 modelo 1909 em uso no paiz visinho, quantos disparos serão precisos para ser observado o sentido de um tiro a cerca de 7.000 m., alcance de que é capaz o referido material?

Continuando, interroga-se ainda:

«d) — Deve-se eliminar o shrapnel?»

O illustre articulista parece ter em grande conta o emprego do shrapnel-tempo contra pessoal não protegido. De accôrdo; mas, é preciso que tal genero de tiro seja utilizado nas melhores condições de eficiencia, o que não será muito commum no campo de batalha.

Primeiramente, é preciso que tal alvo esteja inteiramente desabrigado, pois a mais ligeira protecção será bastante para deter os ballins de shrapnel; chega-se mesmo ao exagero de attribuir grandes qualidades protectoras contra taes ballins, ao equipamento do soldado. Em muitos casos, a ligeira protecção será effizamente vencida com a granada em *ricochete*, que é um tiro de facil realização, por não depender de regulação em altura.

Ademais, deve-se, ainda uma vez, levar em conta a questão dos alcances; mesmo as excellentes espoletas de tempo Krupp, de fabricação em *tempo de paz*, dão uma forte dispersão nas grandes distancias, produzindo ora tiros percutentes, ora tiros muito altos, ao que se deve juntar a variação dos intervallos de arrebatamento. Nesses casos, ainda a granada percutente com espoleta *instantanea alongada* terá vantagens sobre o shrapnel-tempo, pela producção de grande numero de estilhaços rasantes ao solo, além da facilidade de regulação por não depender tambem de regulação em altura.

Todavia, pensamos que o shrapnel não deve desaparecer dos cofres de munição, pelos casos favoráveis que ainda reclamam o seu emprego; a sua proporção, porém, deve ser diminuta em relação á granada, devido á maior applicação que encontra. Cremos que a dotação de shrapnel não deve exceder a 1/3 ou mesmo 1/4 do total das munições.

Mais uma ultima interrogação:

«e — Em regra geral deve empregar-se a artilharia para bater o terreno onde

pode encontrar-se o adversario, ou para bater este?»

E, nas reflexões que seguem, faz-se notar que, não dispondo de grande quantidade de projectis, fabricas, nem materia prima, fica-se na obrigação de ser mui parco no consumo de projectis, effectuando disparos sobre tropas com uma justa e segura observação.

Evidentemente, todo artilheiro que puder atirar contra uma tropa visivel, não irá cobrir com kilogrammas de ferro uma faixa do terreno onde ella não está.

Mas, innumeradas são as vezes em que, não sendo essa observação possível, a artilharia faltaria á sua missão si ficasse silenciosa.

No caso de uma situação defensiva, por exemplo, os fogos de artilharia são preparados de accôrdo com a concepção que se tem da defeza. Si o ataque do adversario parte em pleno dia, com excellentes condições de visibilidade, a instantaneidade da reacção defensiva reclama o *immediato* desencadeamento de certos systemas de fogos tal como foram preparados, pois a demora de poucos minutos pôde deixar que escape a oportunidade de deter o inimigo em certas zonas de passagem forçada. Sem embargo, isto não quer dizer que se continue indefinidamente a atirar sem observação: logo que esta fôr possível minutos depois, cada chefe artilheiro deve procurar ajustar os seus fogos á manobra já então percebida, do adversario.

E no caso de um ataque á noite? A artilharia da defeza abandonará a acção porque não vê cousa alguma?

Mesmo em um ataque durante o dia, as condições atmosphéricas podem não ser favoraveis; em nosso continente e em certa fracção do anno, é muito commum a *cerração* na primeira parte das manhãs, ao menos nos territorios do sul do tropico. Que fará então, a artilharia da defeza que, em taes condições, nada vê do ataque?

O exame de uma situação defensiva leva os defensores a determinar, de modo bastante verosimil, os pontos da zona adversa onde o inimigo reunirá suas tropas para partir ao ataque; são geralmente dobras do terreno, sobre as quaes a defeza não tem vistas (por isso mesmo é que são zonas de reunião). Contra esses locais são preparados os tiros de contra-preparação pela artilharia da defeza. Ora, si tem indícios vehementes de que o ataque vai partir, si se sabe (por um meio qualquer) a hora exacta do seu desencadeamento, não seria um crime — para a artilharia da defeza — ficar calada, sob fundamento de não dispor de uma justa e segura observação sobre o elemento *tropa adversaria*?

Creemos que esses casos, nada excepçionaes em uma guerra, serão bastantes para mostrar que é forçoso muitas vezes bater o terreno, mesmo não dispondo de grandes stocks de munições.

SILIO PORTELLA
Major.

O Exercito Suíço

(Pelo commandante Pierre Beziers La Fosse, um dos membros da commissão nomeada pelo governo da França para estudar na Suíssa a organização do Exercito dessa nação e actualmente distincto director de estudos da nossa Escola Militar).

A Suíssa não entretém exercito permanente. Possui apenas um exercito de milicias, tal exercito (á excepção dos instructores permanentes) não comportando nenhum militar profissional.

Elle é formado unicamente de *cidadãos suíços*, desde o simples soldado até o chefe mais graduado.

O exercito suíço não tem, pois, effectivo de paz. Quando a Confederação precisa de tropas, ella convoca o numero de unidades necessarias,

I — Commando —

Em tempo de paz, os negocios militares da Confederação são dirigidos pelo departamento militar federal, cujo presidente é um dos membros do conselho federal. Em tempo de guerra, ou mesmo no caso de mobilisação, o commando supremo é confiado a um dos três coroneis-commandantes de corpo de exercito escolhido pelo conselho federal, esse official tomando, então, — título de general, que conservará mesmo depois da guerra ou da mobilisação terminada.

II — Recrutamento —

(Lei de 12 de Abril de 1907 — ordenança de 16 de Outubro de 1911).

Todo cidadão suíço valido está sujeito ao serviço militar; só são isentos os funcionarios indispensaveis da Confederação e dos Cantões e os inaptos para o serviço, sendo que estes, em compensação, são obrigados a pagar um imposto especial á Confederação.

Os trabalhos do recrutamento começam no anno em que o joven completa 20 annos; o serviço militar começa no anno em que o soldado completa 21 annos de idade.

vallaria). Como serviço effectivo, faz seu curso de recrutas de 2 a 3 mezes, segundo a arma, e um certo numero de cursos de repetição de 11 a 14 dias. O detalhe disso virá no paragrapho *Instrucção*.

b) *Landwehr* — E' de 8 annos o serviço na landwehr (10 para a cavallaria).

Como serviço effectivo, ahí se contam um curso de repetição de 11 dias e 7 revistas annuaes de armamento, de um dia em cada uma.

c) *Landsturm* — E' de 8 annos o serviço na landsturm. Como serviço effectivo, ahí



O contingente annual é proximamente de 23.000 homens.

O serviço activo consiste, para cada homem, em uma primeira passagem pelas tropas, chamada *escola de recrutas*, seguida de varias outras, chamadas *escolas de repetição*, fazendo parte dellas a participação nas manobras de outomno.

Os homens sujeitos ao serviço são repartidos, segundo a idade, em duas cathogorias geraes, sendo uma denominada a *elite*, comprehendendo os de 20 a 32 annos, e a outra a *landwehr*, comprehendendo os de 33 a 40 annos.

Emfim, além da *elite* e da *landwehr*, o exercito federal conta um terceiro elemento: a *landsturm*, em que deve servir até 48 annos todo cidadão suíço que não pertença nem á *elite* nem á *landwehr*.

Duração do serviço —

a) *Elite* — O cidadão suíço presta 12 annos de serviço na elite (10 para a ca-

se contam 8 revistas annuaes de armamento, de um dia cada uma.

III — Mobilisação.

Esta organização deve permittir theoreticamente mobilizarem-se forças cujos totaes se elevam para a elite a 150.000 homens, para a landwehr 90.000 homens, mais ou menos.

Na realidade, porém, o numero maximo de 180.000 homens nunca foi ultrapassado no decorrer da ultima guerra, durante a qual o exercito suíço esteve mobilizado.

O plano suíço.

O plano suíço consistia em barrar, sobre a linha Torrentruy — Berne, a passagem pelo territorio da Confederação de um exercito allemão que teria violado sua neutralidade e se dirigia para a França.

O exercito suíço seria, então, a vanguarda de um exercito francez, de 5 divisões, destinado a essa eventualidade.



O plano inverso existia evidentemente.

A mobilização opera da seguinte maneira: em caso de tensão política, o conselho federal põe «em guarda os homens e os cavallos» e fixa o 1.º dia da mobilização. Cada um se farda se equipa, se arma e se dirige individualmente ao local da reunião que lhe foi fixado desde o tempo de paz.

No quarto dia, os corpos são conduzidos, cada um por seu respectivo chefe; às posições chamadas de reunião de mobilização. E' ahí que se constituem as divisões e os corpos de exercito.

IV — Composição do exercito.

a) tropas de campanha

As tropas de campanha se compõem da elite e da infantaria da landwehr do 1.º bando, essa elite e essa landwehr formando cada uma unidades especiaes.

E' assim que são constituídos os tres corpos de exercito, formando seis divisões.

A título de informação, vêr a ordem de batalha da 5.ª Divisão de Infantaria (anexo I).

b) Tropas de fortaleza e guarnições de segurança.

Ellas comprehendem: 1.º o corpo de Saint Gothard, 2.º — o corpo de Saint Maurice, compostos ambos de destacamentos de todas as armas.

c) Tropas fóra das grandes formações.

Ellas são destinadas, quer a reforçarem, sendo preciso, os corpos do exercito de campanha, quer ao ataque e defesa das posições fortificadas, quer como tropas de ataque.

Comprehendem na elite:

Como artilharia

1 reg. de montanha a 4 baterias de 4 columnas fronteiras, mais 4 grupos de artilharia de posição, contendo ao todo 18 baterias.

Como infantaria

1 batalhão ferro-viario.
9 regimentos, formando 27 batalhões.
4 batalhões de caçadores, pertencentes ao 2.º bando.

Como cavallaria

24 esquadrões de dragões.
12 companhias de batidores, não montadas.

Como trem

4 parques de deposito
9 companhias
8 destacamentos

Como engenharia

11 companhias de sapadores
2 secções de pontes
2 companhias telegraphistas
4 companhias ferro-viarias, etc.

d) Landsturm

E' organizada em landsturm armada e não armada. A 1.ª é constituída em companhias e batalhões de infantaria e grupos de artilharia. A 2.ª comprehende logo companhias e batalhões de pioneiros, destinados á execução dos trabalhos de defesa. O resto

do pessoal se destina a fornecer auxiliares aos serviços de saúde, de transporte, de viveres, de administração, etc.

Numero e composição das unidades

Não ha exercito do tempo de paz. Ha um exercito suíço que se constitue *integralmente* na mobilização.

Corpo de exercito — Não ha C. E. organico. Ha apenas previstos grupamentos eventuaes de divisões, em vista do que são constituídos 3 E. M. de C. E.

Divisões de infantaria — Cada D. I. se compõe de 3 brigadas e cada brigada da elite tem 2 regimentos de infantaria.

Landwehr — Ha 7 brigadas de infantaria, de 2 R. I. cada uma (2 brigadas têm tres R. I.).

a) Infantaria —

Um regimento tem tres batalhões a 4 companhias e uma companhia de metralhadoras.

Os numeros dos batalhões são independentes dos numeros dos regimentos. Por exemplo: o R. I. n. 29 é composto dos batalhões 47, 72 e 86 e companhias de metralhadoras I/29, II/29, III/29.

Cada companhia tem 4 secções, a companhia de metralhadoras tendo tres secções de 2 peças cada uma.

Ha, além disso: 8 companhias de cyclistas e 8 batalhões de carabineiros, um por D. I. A 3.^a D. I. tem tres. Esses batalhões são a 4 companhias e 1 companhia de metralhadoras.

b) Cavallaria

1 — *Elite* — Ha 4 brigadas de dragões no exercito suíço. Cada brigada tem 2 regimentos a 4 esquadrões de 130 sabres e 1 esquadrão de metralhadoras (Seis peças e 1 em reserva). Cada esquadrão tem 3 pelotões.

Cada divisão de infantaria tem um grupo de dois esquadrões de batedores.

2 — *Landwehr* — 24 esquadrões de dragões, 11 esquadrões de batedores.

3 — *Landsturm* — Os cavalleiros da landsturm, em caso de chamada, não levam seus cavallos; deixam-nos em casa delles.

c) Artilharia

Artilharia de campanha: 1) 1 brigada de artilharia por divisão de infantaria.

Cada brigada comprehende 2 regimentos de artilharia, cada regimento 2 grupos a 3 baterias de 4 peças.

2) Seis grupos de obuzeiros de 105 (T. R.) 1 por D. I.

Artilharia, a pé: 4 grupos de 2 baterias.

d) Engenharia

a — *Elite*: seis batalhões

b — *Landwehr*: seis batalhões

c — *Landsturm*: seis batalhões

Ha, além disso, 3 batalhões de pontoneiros, que são elementos do exercito, 8 companhias de telegraphistas e 3 de aerostação.

e) Aviação

O grupo de aviação se compõe de 1 estado-maior, de 5 esquadrilhas, do corpo de aviadores, do corpo de observadores, da companhia do parque de aviação.

Pessoal — Em sua passagem na landwehr, os homens do grupo de aviação são incorporados na companhia do parque de aviação e os homens da landsturm são reunidos em um destacamento de pioneiros-aviadores de landsturm.

Os homens do grupo de aviação são recrutados e depois instruidos como pioneiros-aviadores pela direcção do aerodromo.

O numero de recrutas a instruir annualmente é fixado provisoriamente em 110. Elles são em seguida repartidos em *aviadores de mez* e *aviadores de reserva*,

Os primeiros fazem duas horas de vôo em média e vinte aterrissagens por mez, devendo apresentar-se uniformizados mensalmente, em dia fixado, para tomarem parte nos exercicios militares e reabrirão assim uma parte das horas de vôos annuaes.

Os aviadores de reserva ficam classificados no corpo de aviadores e conservam a insignia de aviadores. Pódem ser admittidos pela direcção do aerodromo a exercicios voluntarios o numero de horas de vôo por mez sendo fixado, em cada caso particular, pela direcção do aerodromo, segundo as circumstancias.

Todos os aviadores militares da Elite são sujeitos aos cursos de repetição.

Para serem promovidos a officiaes, os sub-officiaes aviadores devem fazer um estagio em uma escola de officiaes.

Os officiaes *observadores* recebem instrução em um curso de observação de dois mezes.

Depois de passarem pelo exame de observadores, são elles destacados pelo serviço de Estado-Maior-General para o corpo de observadores da tropa de aviação. Devem realizar mensalmente, uniformizados, dois dias de exercício, comportando uma média de 3 horas de vôo por mez.

Material — A aviação suissa possui 130apparelhos; possuía 5 em 1914. Cada esquadilha comprehende 10 a 15 apparelhos.

Os apparelhos usados são: os Fokker

para a caça, os Zeppelin Henriot para os reconhecimentos longinquos, os Haefeli (construidos em Thun) para os reconhecimentos proximos.

Commando — A aviação militar fica sob as ordens do serviço do Estado-Maior-General, á sua frente achando-se um coronel. A testa do aerodromo de Dübendorf está um major, que é chefe da aviação e que tem ás suas ordens 4 officiaes instructores de aviação, 4 funcionarios technicos e 4 funcionarios administrativos.

(Continúa)

O AVIÃO SEM MOTOR

Pelo Professor Dr. em Engenharia A. Proell, da Escola Technica Superior de Hanover

(Trad. da Revista del Ejercito y de la Marina de Mexico, setembro de 1924)

Com assombro e enthusiasmo nos lembramos dos primeiros surtos da aviação, orgulhando-nos de sermos contemporaneos de um invento tão transcendente.

Com razão comprehendemos que se debruçava a aurora de uma nova era: o homem vencera a terceira dimensão, o mar aereo.

Cabe, porém, perguntar: Effectivamente foi o homem ou de facto a sua machina, o motor, que permittiu a conquista?

Dá no mesmo, o engenho humano creou o motor, que triumphou dos elementos.

E os acontecimentos nos montes de Rhoen parecem-se para nós com os de 1909, quer por considerarmos as proezas dos aviadores, quer por poder incluir-nos entre os felizes mortaes que viram, no céu vespertino, as grandes aves de madeira e tela traçando silenciosamente seus circulos sobre o cume da « Vasserkuppe » e participaram do enthusiasmo que a todos invadio.

Muitos perguntaram então e até hoje ainda o fazem: Como foi possível este milagre?

Os aviadores, elevados no ar a alturas vertiginosas, fizeram em rigor o mesmo que nos dias de nossa infancia vimos fazer as grandes aves de rapina: tambem estas voam sem mover suas azas e sempre se levantam, descrevendo, porém, grandes circulos.

Seu motor é o vento e é somente o vento e é seu effeito ascencional que os aviadores

utilisam com uma destreza, que, devido ao exercicio continuo, transformou-se em instincto, o qual permittio a nossos campeões, os *Hentzen, Martens, Hackmack* e todos os outros fazerem o que fizeram.

Como se pôde explicar isto?

Para responder a esta pergunta recuemos 40 annos no tempo, ás origens da aviação, quando o mestre dos aviadores modernos. *Otto Lilienthal* empreheñdeu os primeiros vôos resvaladiços de um cerro de 15 metros de altura, construido artificialmente no Campo de Tempelhof, proximo a Berlim.

Os successos de Rhoen baseiam-se até certo ponto naquelles primeiros ensaios de *Lilienthal*, que conseguiu effectuar vôos de algumas centenas de metros, pagando aliás com a vida o seu arrojo.

O vôo rápido com motor, que desde então foi possível realizar-se pela invenção e aperfeiçoamento do motor leve de gazolina, deu lugar ao vôo demorado, que durante a guerra mundial foi aperfeiçoado a resultados inauditos, que com razão admiramos.

Entretanto, é preciso desengañar-se; este desenvolvimento era unilaterial, era a evolução do « motor volante de algumas centenas de cavallos », que finalmente corta os ares com uma velocidade louca (até 350 kms. por hora), quasi sem que as correntes de ar possam estorval-o: mas, ao mesmo tempo, sem aproveitá-las. Isto, porém, é apenas « voar pela força bruta ».

Em contraposição a esta maneira de vôr, os aviadores de Rhoen sabem tratar com um tino mais fino, mais racional as propriedades características das correntes aereas, aproveitando-as para a producção de um effeito util.

Não ha duvida, mais aos aviadores de Rhoen do que aos outros cabe o titulo de «dominadores do ar», por isto que, para os segundos, a maior parte do trabalho é desempenhada pelo «rei-motôr».

Para melhor se comprehender os exitos obtidos com o vôo sem motôr, é preciso considerar-se as condições em que elle se realiza.

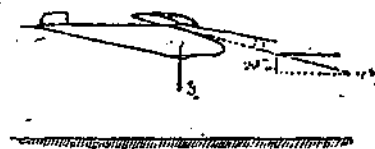


Fig. 1—Vôo resvalador com ar em repouso

No simples vôo resvaladão (resbaladão), um plano que fôrma um angulo muito pequeno com a direcção do vôo, baixa paulatinamente para a terra, com velocidade relativamente pequena, descrevendo uma trajectoria muito pouco inclinada (fig. 1) e perdendo em cada segundo muito pouca altura, por exemplo, um metro a metro e meio.

Esta perda de altura por segundo, a velocidade de queda, ha de ser muito pequena; quanto menor fôr, mais tempo precisará o aparelho para percorrer uma differença existente de alturas—desde o cimo até ao pé da collina,—quanto mais tempo se mantiver no ar, maior será a trajectoria descripta.

Além disso para o avião ser um bom resvalador precisa ser pequeno, o angulo resvaladão, que resulta da combinação da velocidade de queda com a velocidade horizontal de vôo, que é muito maior alcançando até 20 metros.

Um bom resvalador é capaz de deslizar de declives suaves ou escarpados em trajectoria muito pouco inclinada até chegar ao valle; concursos de vôos resvaladões foram já realizados em Rhoen antes de 1920.

O problema consistia portanto em construir aviões leves que tivessem o minimum da velocidade de queda e de angulo resvaladão. Para soluccional-o foram feitos muitos calculos e ensaios preparatorios, por isto que os aviões com motôr preenchiam estas condições de uma maneira insufficiente; quasi todos principalmente os aviões rapidos de combate eram máus resvaladores.

Emquanto estes, com motôr parado, ti-

nam velocidades verticaes de queda, no minimo, de 3 a 4 metros por segundo e ao mesmo tempo uma grande velocidade resvaladão horizontal de mais de 30 metros por segundo, pelos esforços de construir aviões resvaladores foi possível crear systematicamente machinas que tinham angulos resvaladões de $1/12$ a $1/15$ e velocidades de queda de uns 0,8m. por segundo.

Que significa uma velocidade de queda tão reduzida? Si se partisse com um destes aviões do cimo de um cerro apenas de 70 metros de altura, seriam precisos cerca de 100 segundos para chegar á planicie; ao mesmo tempo o avião percorreria horizontalmente uma trajectoria 12 a 26 vezes maior, isto é, afastar-se-hia approximadamente um kilometro do ponto de partida, supposto sempre o ar calmo.

Differentes e quasi sempre mais favoraveis são as circumstancias, se sopra o vento.

Na fralda de uma montanha (fig. 2) o vento quasi sempre sóbe (quando ha vento Sul se observa, em troca, uma direcção para

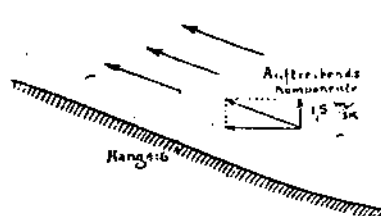


Fig. 2—Vôo de declive

baixo da corrente do ar) e este movimento ascensional pôde ser tão grande que sua componente vertical equilibra a supramencionada velocidade de queda dos aviões resvaladores ou mesmo poderá sobrepuja-la. Neste caso si o avião encontra o vento de declive (pendiente) (porque sopra pela fralda da montanha), já não poderá baixar, ao contrario manter-se-ha sempre na mesma altura ou até subirá: o resvalador transforma-se em avião planador (fig. 3).

Nos ensaios anteriores em Rhoen já se havia observado que os aparelhos se mantinham no ar sem baixar, quando o vento soprava

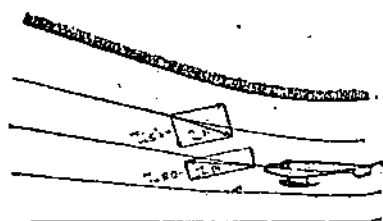


Fig. 3—Vôo com vento de declive

com força; porém, sómente os novos aviões planadores com seus dispositivos de governo aperfeiçoados, deram a possibilidade de aproveitar-se effectivamente o vento de declive

Esta corrente ascendente só opera com toda a força na proximidade da fralda da montanha e o aviador tem que volver sempre de novo a ella por meio de manobras habéis. Como uma grande ave de rapina, que da mesma fôrma aproveita o vento de declive, o aviador que governa um avião planador terá sempre que voltar á vertente descrevendo grandes arcos e circulos.

Assim observou-se durante os bellos vôos effectuados em Rhoen, que muitas vezes dous aviões ao mesmo tempo rodavam o cume, ás vezes á mesma altura, outras vezes não.

Outras occasiões pareciam estar parados sobre o mesmo ponto (até 350 metros acima do ponto de partida), ou se moviam para traz.

Não se deve esquecer—repetimos ainda—que os aviões baixam constantemente, e que o vento soprando para cima, equipara aquelle effeito. O segredo do vôo planador está assim revelado em seu conceito principal.

Em geral se comprehende que o vôo planado só é possível si a corrente aerea tiver uma componente ascencional de sufficiente velocidade.

Tambem será possível si o vento mudar sua força ou sua direcção de ponto a ponto ou de momento a momento. Esta ultima circumstancia dá logar especialmente ao vôo planado dynamico, de que posteriormente nos occuparemos; entretanto os grandes successos de Rhoen foram devidos, em primeiro logar, aos vôos planados estaticos.

Houve, porém, intervenção de varias circumstancias favoraveis. Antes de tudo influíram as condições metereologicas, que foram excellentes (vento constante de 8 a 10 metros por segundo, subindo pela vertente escarpada occidental da *Wasserkuppe*); em seguida temos a considerar a notavel instrucção e a habilidade dos pilotos, que já sentiam de um modo muito particular—quasi instinctivo—as correntes aereas e suas variações e sabiam transformar este sentimento em manobras adequadas com o apparelho de governo.

Não ha duvida — no avião sem motor este é substituido pela vontade bem dirigida e o trabalho energico do aviador.

Um terceiro factor do successo foi a maneira como as machinas, sobre que foram effectuados os vôos nota-

veis, foram projectadas, levando-se systematicamente em consideração a velocidade de queda mais favoravel e a facilidade de manobra.

Os projectos, que em parte representam trabalhos de estudantes das Escolas Technicas Superiores, foram executados com o maior cuidado. Assim os aviões da Escola Technica Superior de Hanover, *Vampyr* e *Greif* (fig. 4) foram feitos pela Fabrica de Vagões de Hanover (*Hannoversche Vaggonfabrick*) que os cedeu gratuitamente á Escola para seus ensaios, o que favoreceu o

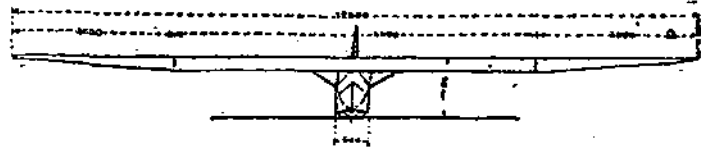


Fig. 4—Corte longitudinal do avião sem motor *Vampyr* da Escola Technica Superior de Hanover

trabalho commum e a ligação entre a theoria e a pratica.

Outros aviões, até seus minimos detalhes, foram feitos pelos proprios estudantes, como os das Escolas de Darmstadt e Dresden. Sobre os problemas e o futuro da aviação planada pó le dizer-se o seguinte:

Tres pontos principaes orientarão seu desenvolvimento.

Em primeiro logar a aviação sem motor se propagará como novo e emocionante desporto, que terá grande valor para a educação da habilidade, decisão e energia.

Segundo o facto de ser muito facil a aprendizagem da aviação sem motor e de o seu conhecimento facilitar o da aviação com motor e de ser menos cara a instrucção com a primeira. Aviadores do Rhoen demonstraram com effeito, que um aviador, treinado na aviação planada, póde conduzir apóz pequeno periodo de pratica, tambem aviões com motor.

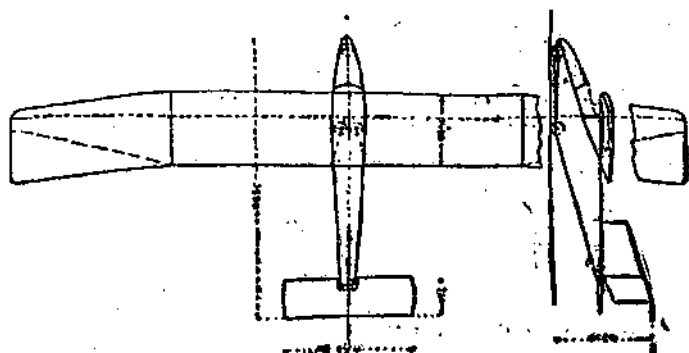


Fig. 5—Corta transversal e projecção horizontal do avião *Vampyr*

Finalmente — o que é mais importante — o moderno avião sem motor representa a realização de um grande passo para a realização do avião leve com motor, o avião do futuro.

A aviação com motor forte, até então em uso, não só representa um excesso de trabalho como um desperdício da custosa energia dos combustíveis. Si por um lado alcançarmos uma grande velocidade, por outro ella nos é muito dispendiosa.

E' interessante observar que para os accrescimos das velocidades pequenas os gastos crescem muito pouco; passado, porém, certo limite a aviação se torna rapidamente mais cara, em proporção maior que a correspondente ao augmento de velocidade. D'ahi a regra:

Escolher uma velocidade que, embora economica, nos permita viajar de um logar a outro por meio de um motor leve e barato e com gastos reduzidos. Os aeroplanos actuaes não preenchem estas condições, pesam muito e por isso necessitam mover-se com excessiva velocidade; suas resistencias obrigam a consumir muito combustivel. Em comparação com elles o avião sem motor póde alcançar uma velocidade de 60 a 80 km. por hora, gastando pouca energia, que ainda permite o equilibrio ao effectuar-se o vôo resvaladoço.

Um calculo superficial demonstra que para o vôo horizontal é necessario um impulso de 7 a 9 cavallos para um avião do tipo do *Vampyr*. Embora estabelecendo uma velocidade de 100 km., levando em consideração ventos contrarios e transportando duas pessoas, apenas se precisa de um motor de 15 a 18 cavallos. Esta machina seria o tipo do avião sem motor evoluído ao futuro avião leve com motor; este aeroplano com motor de grande velocidade e sua helice na fórma usual, não será capaz de vôar foveravelmente sem motor. O problema da aviação planada sem motor auxiliar não se soluccionava por este caminho e ainda se farão muitos trabalhos de construcção e muitos ensaios, para decidir a questão do impulso e da fórma mais favoravel das azas ou planos para este caso. Outros problemas, porém, mais prementes

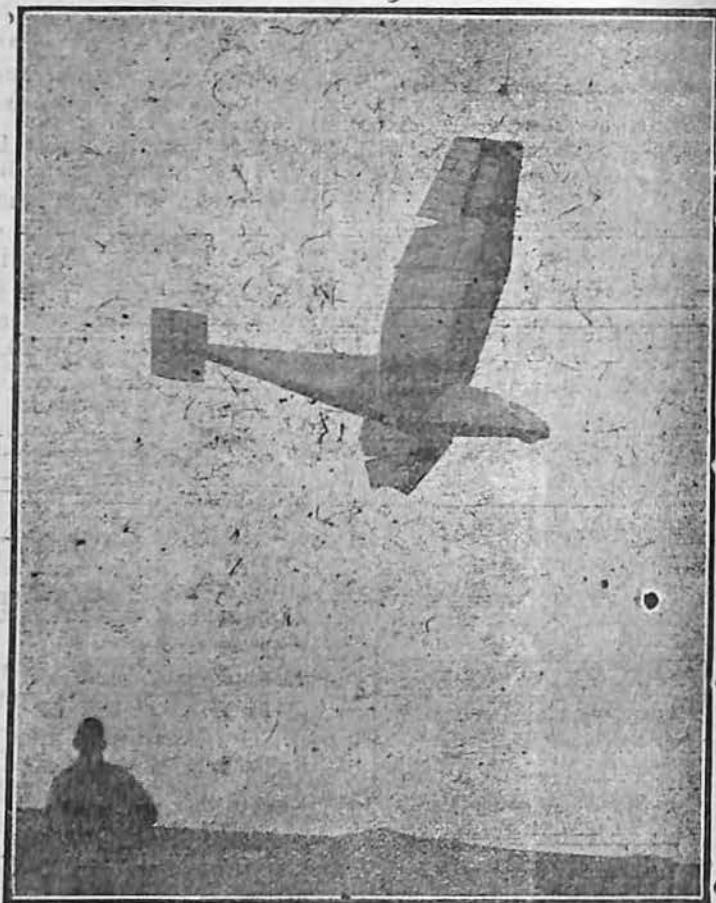


Fig. 6—O avião *Vampyr* com o qual os aviadores Martins e Hentzen, fizeram os vôos de 1923

e importantes temos primeiro que resolver. Entre estes se destaca a aviação sem motor, em qualquer terreno e sobretudo nas planícies.

Os progressos alcançados na Inglaterra, onde os records dos campeões allemães já foram batidos, demonstraram também que outros aviadores habéis pódem alcançar successos, desde que disponham de circumstancias exteriores favoraveis, embora variadas, ainda que tivessem sido os aviadores allemães os iniciadores destas provas.

Os inglezes e francezes comprehenderam bem o problema e quem contemplar as photographias de seus concursos comprehenderá porque as revistas technicas inglezas salientam as vantagens e successos obtidos com as machinas tipo *Vampyr*.

Em Inglaterra foi plenamente reconhecida a importancia fundamental do novo modo de vôar e grandes esforços foram feitos para tomar-se a frente da Allemanha.

Sendo esta a situação, os aviadores alemães tratam de exercitar-se em muitos aerodromos no vôo resvaladiço com vento de



Fig. 7—O avião *Dessauer* voando em Rhoen em 1923. Piloto *Tomsen*

declive; já existem alguns campos de adexramento, como o *Ersgebirge*, onde trabalham os incansáveis estudantes da Escola Technica Superior de Dresden e outros mais.

Uma conclusão se deduz da observação dos vôos executados: sendo o vento de declive bastante forte e existindo as circunstancias favoráveis atrás descritas, será possível manter-se no ar por um tempo illimitado, isto é, enquanto durar o vento. Por isso já não se organisam concursos com premios para vôos de longa duração; em troca, premios para vôos a longas distancias promettem novas competições muito interessantes.

Claro é que para estes ultimos ensaios os cerros de partida perdem sua importancia especial, porque quanto mais o avião se affastar de sua fralda, tanto menor será a componente ascensional do vôo de declive.

Esta questão está portanto em intima relação com o novo problema, muito mais difficil, de voar sem motor por cima das planicies ou de grandes superficies de agua. Seguramente neste caso se poderão aproveitar correntes de ar de origem thermica, onde existam;

de muito maior e mais fundamental importancia seria o caso de se poder aproveitar a turbulencia das correntes de vento, realizando assim o chamado vôo de rajadas (*vuelo de ráfagas*).

Comprehende-se por turbulencia a inconstancia do vento, caracterizada pelas rajadas que se exprimem por oscillações rapidas, mais ou menos periodicas, do vento quanto á força e á direcção.

Ensaio feitos com typos de aviões em rajadas artificiaes de ar demonstraram com effeito que seria possível, por meio de habéis manobras com o leme, produzindo modificação exacta e a tempo do chamado angulo de ajustagem (*ajuste*), contrabalançar as irregularidades do vento.

Deste modo se extrahe do vento energia ascensional que se poderá empregar directamente para manter o avião no ar.

Este é o verdadeiro vôo planado (*velaviacion*), que observamos nas grandes aves de rapina e marinhas. Sobretudo estas ultimas podem seguir os navios durante horas inteiras, sem que suas azas se movam, suspensas unicamente pelo vento, cuja energia sabem transformar em forças ascensionaes e transportadoras de uma maneira maravilhosa por meio de umas longas e estreitas azas de construcção especial.

Esta especie de aviação (chamada dinamica) não se verificou até agora nem siquer pelos aviadores mais notaveis, a não ser por casualidade.

Para voar assim durante muito tempo necessita-se de uma especie de «presentimento da rajada» que até agora ainda nos falta, para contrabalançar a a tempo, isto é, quando se forma e para aproveitá-la. Além

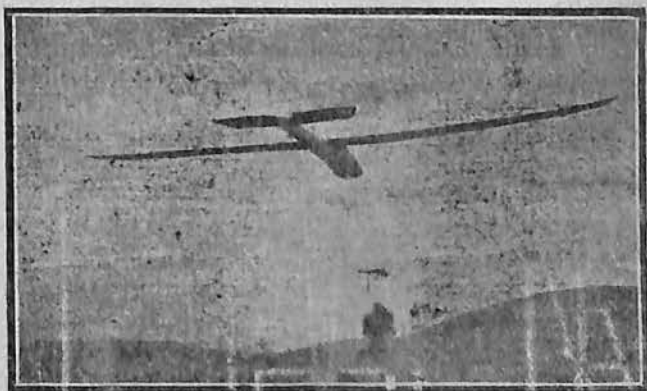


Fig. 8—O avião *Konsul* da Escola Technica Superior de Darmstadt. Vôos em Rhoen 1923. Piloto *Botach*

disso ainda não construímos planos de sustentação sufficientemente elasticos para poderem ser adaptados tão perfeitamente ás correntes do ar como o faz a ave com suas azas.

Finalmente surge a pergunta: Poder-se-á voar sem motor em todos os logares e que condições deve offerecer o terreno?

Para o vôo puramente resvaladiço só servem declives de altura no minimo de 80 a 100 metros, que tenham uma inclinação no minimo de 1 a 6, e cujos arredores offerçam aterrissagem em um grande numero de locais.

Devem existir portanto, ao redor da collina de partida, grandes planicies sem arvores nem pedras. Para poder voar se precisa em primeiro logar de vento, bem aproveitavel e constante e um declive ou vertente, de pouca altura. Ella deve ser extensa não interrompida por barrancos, valles, etc.

Melhor seria uma vertente situada na direcção do vento predominante, porque neste caso pôde-se contar com muitos dias, em que os vôos são possiveis.

Tambem neste caso o terreno para aterrar tem importancia e nos paizes maritimos

deve estudar-se a questão de ver si o mar pôde servir como superficie de aterrissagem.

Um avião sem motor não pôde levar fluctuadores porque estes offercem demasiada resistencia; pôde-se, porém, imaginar um bote-avião muito leve com rodas para a demarragem em terra. Os factores principaes de taes ensaios serão sempre aviadores bem instruidos, que trabalhem com entusiasmo e que saibam solucionar tambem os trabalhos de organização, que não são facéis e que apparecem sempre com a instalação de um campo para aviação sem motor.

Em geral uma das mais importantes tarefas para o futuro será conquistar um numero sempre maior de amigos para esta especie de aviação.

Muitos e mui habéis individuos têm que sentir-se bastante valentes para aprender a nova maneira de vôar, tão formosa. Só da massa de tantos successos equivalentes se destacará um gráu mais alto de perfeição. Só o vôo pelo vento de declive, que crêa records, e a habilidade de muitos aviadores, permittirão com machinas de construcção especial, dar mais um passo na aviação, para alcançar o modelo, com que a Natureza nos brinda.

THEMAS TATICOS DE INFANTARIA

No interesse dos nossos camaradas obtivemos acquiescencia para dar publicidade aos *Themas de Infantaria* organizados para o exame da turma de officiaes alumnos da E. A. O. em 1924.

Calcados, como elles foram, nos trabalhos realizados durante o anno no terreno e na sala, torna-se imprescindivel primeiramente um resumo das situações exploradas no *thema de conjunto* que serviu como directiva principal ao curso naquelle anno.

Aos officiaes que ainda não cursaram a E. A. O., estas diferentes situações particulares de infantaria, engendradas dentro de situações geraes n'um thema unico, talvez possam despertar algum interesse, permittindo-lhes raciocinar acerca dos principios relativos ao emprego tactico da arma.

Servir-nos-emos a miude de ensinamentos dos distinctos mestres Cmts, Corbé e Dumay, para completarem a publicação, accrescentando-lhe estudos e soluções relativos a algumas das situações propostas.

Ao que nos parece, entretanto, conviria ampliar a esphera tactica aqui abordada; sobretudo, é indispensavel que dentro mesmo destas simples situações de infantaria, appareça a cooperação da artilharia como um cõroamento essencial ao raciocinio tactico do infante. A isto accederam gentilmente o Cmt. Portella e o Cap. Scheleder, os quaes tomaram parte, aquelle como membro da commissão examinadora do fim de anno e este como adjuncto do instructor de artilharia.

NOTA DA REDACÇÃO — Chamamos muito particularmente a attenção de nossos leitores para esta collectanea de 30 themas, que foram estudados na carta e no terreno pelos officiaes alumnos da E. A. O. sob a direcção dos instructores da M. M. F. Constitue a mesma uma valiosa fonte de ensinamentos, muito util não só para os candidatos á matrícula e actuaes alumnos daquella escola, como para todo o official ciõso de seu preparo profissional.

A operosidade e o critério do Cap. Dermeval Peixoto, bem conhecido escriptor militar, dão a segurança do valor do trabalho.

— *Resumo* de algumas situações e missões dos elementos dos dois partidos (Vermelho e Verde) estudadas, ora mais ora menos detalhadamente, dentro do **THEMA DE CONJUNTO** e que serviram de base aos trabalhos e exercícios de Tactica de Infantaria, durante o segundo periodo de 1924.

Cartas: D. F. 1/50.000 - V. M. 1/20.000

SITUAÇÃO GERAL DOS PARTIDOS (*)

1.º — Dois *Exercitos* encontram-se em operações, defrontados na região ao N. da *Serra de Madureira*, no Estado do Rio de Janeiro.

2.º — O **PARTIDO VERDE** (de O.) parecia decidido a deter, sobre o rio *Guandú* e ao N., a progressão do **PARTIDO VERMELHO** (de E.) esperando-se uma importante batalha dentro de alguns dias.

3.º — Uma D. I. *vermelha*, desembarcando por via marítima na região da *Penha*, tem a missão de:

«pronunciar, pelo S. das montanhas e pelo valle do *Guandú*, um movimento desbordante sobre a direita do *partido verde*.»

Os desembarques se iniciariam sob a protecção de uma Bda. de C. que já estava na região de *Deodoro*.

4.º — O Cmt. do *Exercito Verde*, tendo conhecimento dos desembarques na região da *Penha*, resolveu transportar uma D. I. verde para a região de *Santa Cruz*, com a missão de:

- 1.º - impedir, ou pelo menos perturbar, os desembarques inimigos assignalados;
- 2.º - cobrir em qualquer caso, diante dessa ameaça aeventual, o flanco direito do *Exercito Verde*.

Esta D. I. seria reforçada por uma Bda. do C., um G. A. C. e uma Esquadilha de Observação.

A COBERTURA DE AMBOS OS PARTIDOS

5.º — O Cmt. da D. I. *vermelha*, tendo informações deste movimento de forças do *partido Verde* para *Santa Cruz*, e não esperando ter toda a sua tropa desembarcada

antes de tres semanas, resolveu constituir immediatamente, com seus elementos já desembarcados, um *destacamento de cobertura*, sob o commando do Gen. Cmt. da 1.ª Bda. de I., com a missão de:

«interdictar ao inimigo as alturas ao N. da via - ferrea (Ramal de *Santa Cruz*), estradas e aglomerações de casas vizinhas inclusive».

O Destacamento ficou organizado do seguinte modo

- Um R. I.;
- Uma Bia. A. Mth.;
- Um G. A. M.;
- Um R. C. D.;
- Uma Cia. Sap. Min.

A Bda. de C. e o seu G. A. C. que já se achavam na região, defenderiam o terreno cobrindo apenas o S. da via - ferrea, continuando a C. com a missão de lançar reconhecimentos sobre os movimentos das forças verdes, uma vez que a D. I. *vermelha* não dispunha de aviação.

6.º — O R. I. do *Destacamento de Cobertura* recebeu a missão de instalar-se, com dois Btls. em 1.º escalão e um Btl. reservado, em P. A. *Posição de Cobertura* n'uma larga frente compreendendo a linha geral: *Col. do Cabral — Mº do Periquito — Fazenda do Eng. Novo — Villa Nova*.

Uma *linha de vigilancia* constituída de Pequenos Postos de Cavallaria a O. do campo de instrução e morro de S. Bento asseguraria, de dia, a protecção daquella *Posição de Cobertura*.

Aquelle R. I. (1.º R. I. *vermelho*) marchou da *Penha* para tomar posição por *Deodoro — Ricardo de Albuquerque* e estabeleceu-se em dois quarteirões sensivelmente separados pela linha ferrea de *Garicimó*, do seguinte modo:

- I 1.º - R. I., quarteirão do N.;
- II 1.º - R. I., quarteirão do S.;
- III 1.º - R. I., reserva, em Bebedouro;

1.ª Cia. Mtr. P. cooperando na defesa com o Btl. do S.

7.º — Por outra parte o Cmt. da D. I. *verde*, a fim de cobrir os seus desembarques por via - ferrea na região de *Itaguahy* e a sua concentração na região de *Santa Cruz*, enviara ao Gen. Cmt. da Bda. de C. verde,

(*) A numeração vai servir para evitar as repetições de factos, situações e missões já explanados.

quando ainda se achava em *Santa Cruz*, as instruções seguintes:

«Tenho intenção de levar mais á frente possível desembarques e concentração D. I. Conduzi cobertura para E., tão longe quanto possível, mantendo, no mínimo, as alturas que commandam a O. de *Campo Grande* desfiladeiro entre *Serra Madureira* e *Serra Inhaúhyba*. Por outro lado, procurar recolher máximo de informações sobre desembarques inimigos assignalados região *Bahia Guanabara*, proximo *Ilha Governador*. Primeiros elementos de Infantaria chegarão dia 24. Meu Q. G. em *Itaguahy*, dia 26. Aviação não chegará antes dia 30.»

A DEFENSIVA DAS FORÇAS VERMELHAS

8.º — O Gen. Cmt. da D. I. vermelha, prevendo que o inimigo podia atacar a sua D. I. antes que esta estivesse prompta para executar a sua offensiva (movimento desbordante pelo S. sobre a ala direita das forças verdes), decidiu:

organizar, atraz de sua Cobertura actual, um Campo de Batalha Defensivo, sobre o qual podesse aceitar um encontro com o inimigo em condições favoráveis;»

Esta deliberação fôra tomada em vista das informações colhidas acêrca das intenções do inimigo e da impossibilidade de movimentar-se immediatamente a D. I. vermelha, devido aos serviços e material que não estavam desembarcados totalmente.

Como se vê, a D. I. verde, que inicialmente parecia apenas ter uma missão de defesa no valle do *Guandú*, está agora caracteristicamente n'uma missão offensiva bem definida.

9.º — Por outro lado a D. I. vermelha que desembarcava afim de iniciar uma manobra offensiva pelo flanco do inimigo, é impellida a aceitar a situação defensiva momentaneamente imposta pelas circumstancias imprevisas.

A D. I. vermelha organisou, em consequencia, a defesa da frente nas seguintes condições:

10.º — Uma *Posição de Resistencia*, baliçada na sua frente pelos morros do *Nascimento*, *Bôa Vista*, *Dendê*, *Jaqueira*, *Jacquês*, *Monte Alegre*, *Capão* e do *Ten. Ac-*

cacio; foi organizada em profundidade, nas condições de poder restabelecer-se noutras *linhas previstas atraz*. (Apoio e Reductos) caso o inimigo obtivesse successo, fosse sobre o saliente S. O de *Monte Alegre* ou sobre o saliente N. de *Bôa Vista*, ou sobre ambos simultaneamente na *linha de resistencia*.

Uma *posição de postos avançados* com o *Escalão de vigilancia* avançada em *Col. do Trem* - *Capão Redondo* - *Torre* e *M.º de S. Bento* e com o *Escalão de Combate* sobre *Col. do Cabral* - *M.º Periquito* - *Faz. Engenho Novo* e cota 40 a E. de *Villa Nova*.

— A frente de defesa da D. I. vermelha foi repartida em tres *Sectores*:

Sector Norte — affecto á 2.ª Bda. de I. (3.º R. I., 1.º, 2.º e 3.º B. C.) entre o Valle do Pavuna e a via ferrea de Gericinó, exclusiva.

Sector do Centro — affecto á 1.ª Bda. (menos o 1.º R. I., que estava na Posição de Cobertura e, depois de substituido, iria constituir a reserva da D. I.) entre a via ferrea de Gericinó e o Ramal de Santa Cruz, exclusiva.

Sector do Sul — affecto á Bda. de C. (reforçada por um Btl. destacado do R. I. reservado) entre o Ramal Santa Cruz e a Estrada Real.

O R. C. D. cobriria o flanco direito da organização defensiva, na região *Faz. do Cabral*.

11.º — Os postos avançados da defesa teriam recebido as missões seguintes:

No *Sector Norte*: a) - *Sub-Sector da direita* (morro do Periquito) executar o *retrahimento*, em caso de ataque e combater em retirada até a *posição de resistencia* onde se acolheria;

b) — o *Sub Sector da esquerda* (*Faz. Eng. Novo*) resistir, no caso de ataque, até uma hora determinada e depois *retrahir-se* para a *Posição de Resistencia*;

c) — No *Sector do centro* (*Monte Alegre*) em toda a sua frente resistir, custe o que eustar, na propria Posição dos Postos Avançados.

As tres diferentes missões essenciaes que podem receber os *postos avançados* para o caso de ataque, foram assim nitidamente especificadas no caso presente.

A OFFENSIVA DAS FORÇAS VERDES

12.º — O Cmt. da D. I. verde baseando-se no seu serviço de informações (especialmente na Aviação) ficou conhecedor dos trabalhos de organização acima e dos movimentos de tropa e viaturas das forças vermelhas atrás das suas posições defensivas. Concluindo que ao inimigo faltavam recursos para passar á offensiva, pois, estava organisando-se defensivamente, entendeu, o Cmt. da D. I. verde aproveitar as vantagens de tomar a iniciativa da offensiva e resolveu:

«cumprir a primeira parte de sua missão — perturbar os desembarques inimigos, sem perder tempo, para aproveitar-se de sua provavel superioridade que poderia ter agora sobre o inimigo.» isto é, decidiu marchar para o inimigo com toda a D. I., atacá-lo e repeli-lo até á Linha Ferrea Auxiliar, para dahi alcançar a Penha com tiros de seus canhões.

As informações mais recentes annunciavam, portanto, á D. I. verde organizações da Infantaria (vermelha), nas alturas a E. do Campo de Instrução e do Realengo, cobertas que estavam porem por uma activa rede de cavallaria, difficil de ser atravessada além de Bangü.

(1.º) A APPROXIMAÇÃO

13.º — A D. I. verde realizou a sua Marcha de Aproximação em duas columnas, cobertas por uma Vg. commandada pelo Gen. Cmt. da 1.ª Bda. I. e constituida de:

- um R. I. (1.º R. I. Verde;)
- um G. A. Mth.;
- dois G. A. M.;
- dois Pel. do R. C. D.

Esta Vg. marchou igualmente em duas columnas para attingir até a sua ultima linha successiva que fôra balisada pela colina do Macegal - Laguna (a 1 km. N. O. do Mº do Periquito) - encostas da cota 30 (a 400ms. a O. do mesmo morro) - Faz. do Engenho Novo - caminhos a E. da cota 60 ao S. da Faz. E. de Villa Nova - Realengo.

O grosso do R. C. D. agiu na frente com a missão de esclarecer a marcha da Vg.,

procurar e assegurar contacto até a sua substituição por elementos adeantados da Vg. com a qual manteria ligação.

O ENGAJAMENTO

14.º — Com os primeiros elementos avançados das forças verdes os contactos começaram a ser tomados pela Vg. do S., nas saídas de Bangü e no Morro S. Bento; pela Vg. do N., nas orlas O. do Campo de Instrução - Col. do Capão Redondo - Col. do Trem, sendo aquelles elementos inimigos impellidos a abandonar as resistencias locais e a retrahir-se para E. sem offerecer grande resistencia.

15.º — O Cmt. da Vg. teve dois Btl's empenhados em 1.º escalão, e attingiu facilmente, ao fim da jornada, as orlas dos bosques a O. do Morro do Periquito e da Faz. do Eng. Novo, da Villa Nova e do Realengo. Resolveu, de accôrdo com o Cmt. da D. I., engajar ainda um Btl. de I. que estava em 2.º escalão, afim de tomar o Morro do Periquito e as duas alturas de cota 60 logo a O. da Faz. do Eng. Novo, convenientes que eram estas elevações como observatorios para a continuidade da acção da D. I.

A TOMADA DE CONTACTO

16.º — Esse ataque local, corôado de exito, terminou pelo contacto estreitamente tomado ás continuas resistencias inimigas situadas no Morro da Boa Vista. Os postos avançados de combate ficaram estabelecidos para a noite nas encostas E. do Morro do Eng. Novo e encostas E. das cotas 60. Em outros pontos da frente o contacto ficou tomado apenas com os postos avançados vermelhos.

17.º — A situação dos elementos de Infantaria da D. I. verde, após este Período de Engajamento dos elementos da Vg., era o seguinte:

- P. C. do Cmt. da D. I. em Bangü;
- P. C. do Cmt. 1.ª Bda. de I. (Cmt. da Vg.) Col. da Torre;
- P. C. do Cmt. 1.º R. I. Serraria (Antiga);
- I/1º R. I. - P. A. a O. de V. Nova;
- II/1º R. I. - Periquito e Faz. Eng. Novo;
- III/1º R. I. - P. A. a E. das cotas 60 e Morro Eng. Novo;

P. C. do Cmt. 2.º R. I. — Arredores de *Bangu*;

P. C. do Cmt. 2.ª Bda. de I. Mº de S. Bento;

P. C. do Cmt. 3.º R. I. — Arredores do Mº de S. Bento;

P. C. do Cmt. 4.º R. I. Col. da Torre;
— I/4º R. I. — Col. *Capão Redondo*;

— II/4º R. I. — *Cancellaria Preta*;

— III/4º R. I. Col. da Torre.

18.º — Após as operações de engajamento para a tomada de contacto, os elementos avançados da D. I. verde estão, por conseguinte, em contactos estreitamente tomados com a linha de resistencia das forças vermelhas, em quasi toda a frente.

As linhas mais avançadas do inimigo, as posições de alguns dos seus órgãos de fogo (mtr. e bias) foram assignaladas por meio de photographias aéreas e os seus fogos de deler parecem estar ajustados para cerca de 50 ms. na frente da linha attingida pelos elementos avançados das forças atacantes.

O ATAQUE

19.º — O Cmt. da D. I. verde, de posse de todas as informações, decidiu atacar por surpresa, no dia immediato, ás 6 horas, desencadeando um ataque de conjuncto em toda a frente, ao N. do Realengo;

A D. I. verde, irá, portanto, atacar na direcção de O. para E, empregando tres R. I. juxtapostos em 1.º Escalão e um R. I. em 2.º Escalão.

20.º — O 4.º R. I. que se achava em bivaque na região Col. da Torre - Col. *Capão Redondo* - Col. do Trem, receberá ordem de agir pela esquerda do dispositivo de ataque da D. I. com a seguinte missão:

« apoderar-se da Posição de Resistencia do inimigo sobre a frente *Morro do*

Nascimento - *Morro da Boa Vista*; proseguir depois seu movimento, na direcção geral do *Morro de S. Bernardo-Ricardo de Albuquerque* - *Morro da Santinha*, procurando desbordar pelo N. as resistencias que forem oppostas á progressão do R. I. do centro. »

O 4.º R. I. por ordem superior irá empregar dois Btls. em 1.º escalão e terá para limites da zona de ataque: ao S. a linha *Morros Eng. Novo - Boa Vista - Fovino - Est. Ricardo de Albuquerque e Arrôio Merity* (toda inclusive) e ao N. do *Nascimento e Romão* e o flanco coberto pelo R. C. D. que se acha na Faz. do *Bananal*.

21.º — O 3.º R. I. atacará pelo centro sobre a cortina reentrante de *Dêdê e Jaqueira*, igualmente com dois Btl. em 1.º escalão.

22.º — O 2.º R. I. atacará pelo S. do dispositivo na direcção *Monte Alegre e Jacques*, procurando realisar um desbordamento pelo S. de *Monte Alegre*, si a frente não ceder.

23.º — O 1.º R. I. que se acha em P. A. se reconstituirá na Faz. do Eng. Novo para marchar em 2.º escalão no eixo de ataque do 4.º R. I.

24.º — O apoio do ataque do 4.º R. I. será realisado por um agrupamento de apoio directo constituido de

Um R. A. M. de 75;

Um G. A. Mth.;

Um G. A. P. C. 155.

Passada assim uma revista nos acontecimentos que se teriam desenrolado, nas operações entre os dois partidos, estamos em condições de comprehender e iniciar a publicação dos ensinamentos de tactica de infantaria ministrados pelos instructores francezes na E. A. O. em 1924.

DERMEVAL PEREIRO

Capitão

Pontes de circumstancia

Quando parti d'ahi, do nosso Rio de Janeiro, com 25 fortes pontoneiros, fazendo parte da Companhia Mixta creada, como se um batalhão em miniatura fosse; senti-me um inutil com tão pouco gente.

Pensei que só concertos ou serviços de pouca monta para mim fossem reservados: — enganei-me.

Esses 25 valentes servidores da patria representavam sobejamente a briosa companhia de pontoneiros: — o homem, em certos momentos, é a unica machina que nos dá o rendimento que queremos.

No dia 5 de Setembro do anno passado, estavamos acampados na Fazenda Boa Esperança que fica distante de Arapua (estação da E. F. N.) 12 leguas, as quaes foram vencidas a pé, sob um sol causticante que nos atordoava e n'um areião que nos obrigava andar outras para trás.

Nesse dia, recebi do meu capitão, uma ordem para estabelecer passagens nos rios Taquarussú e S. Pedro, com urgencia.

Preparei o material e o meu pessoal n'um caminhão Ford-auto que muito se adapta ao nosso sertão.

Meio dia já havia soado quando dessa bellissima e pittoresca fazenda, cujo nome nos enche de coragem e de fé, partimos.

Ainda não havíamos acabado de chegar ás margens do Taquarussú, quando de um auto vejo descer o Coronel Malan, nosso valoroso commandante.

Perguntou-me: — Quando nos dá a ponte prompta?

Dentro de 48 horas, meu commandante (respondi-lhe).

Conversou mais um pouco e partiu deixando-me preso a um compromisso que eu teria que cumprir custasse o que custasse.

A natureza teria que ser vencida, pelos braços fortes dos 25 briosos camaradas.

Comecei o reconhecimento ás 13h. 30 mais ou menos, acompanhado do meu sargento e mais duas praças.

A configuração do terreno era a seguinte: — uma larga campina que vinha a pouco e pouco se estreitando, até que ficava reduzida a uma unica faixa, tendo de um lado, espesso e secular bosque e do outro um car-

rascal negro pela queimada e que nos dava uma impressão tetrica e dolorosa.

O rio circumdava o bosque para um pouco mais abaixo de sua órla ir receber, pela sua direita, as aguas do S. Pedro e continuar com mais velocidade, visto não só ter augmentado o seu volume d'agua como também por ser o terreno dahi para a foz mais inclinado.

Abaixo da confluencia existia um vão, que era vencido com muita difficuldade, por ser necessario se passar por um estreito lagedo que unia as duas margens. De noite era perigosa a vadeação.

Na segunda margem havia um segundo bosque. Parecia que a acção acida das aguas sobre o terreno dividira o bosque em dois e que o rio cavara o seu proprio leito.

Resolvi que teria que fazer a ponte sobre o Taquarussú, acima da confluencia e que aproveitaria, como um bom supporte o terreno existente entre os dois rios.

O Taquarussú no lugar escolhido tem: 26 metros de largura, a velocidade de 1^m,30 por segundo, a profundidade média de 1^m,50, as margens consistentes e o fundo de seixos rolados.

O S. Pedro tem: 18 metros de largura, a velocidade de 1^m,10 por segundo, a profundidade média de 0^m,80, margens em rampa e o mesmo fundo.

Pela natureza do fundo fui levado adoptar o emprego do cavallette de quatro pés.

O vão da ponte ficou com 28 metros, visto ser a margem consistente.

A via de 4 metros para dar passagem a qualquer viatura, á artilharia e aos caminhões Ford.

Decidi que os lances teriam 5^m,60, para o que seriam necessarias vigotas de 5^m,80 a 6^m,00. Para o lance escolhido, vi no R. P. C. que seriam necessarias 6 vigotas de 0^m,25 de diametro, afim de que a ponte supportasse 3.500 kilos.

Para a ponte do S. Pedro dei o vão de 20 metros e os lances de 5 metros e vi no regulamento serem necessarias 5 vigotas de 0^m,18 de diametro para cada lance, afim de que a ponte supportasse a tonelagem necessaria.

O reconhecimento e esses trabalhos elementares terminaram ás 15 horas.

A madeira que devíamos cortar era a seguinte:

Para o Taquarussú

- 6 tóras de 4^m,60 de comprimento e 0^m,99 de circumferencia, sendo 4 para os chapéus e duas para os encontros.
- 16 tóras de 3^m,50 de comprimento por 0^m,50 de circumferencia para pernas dos cavalletes.
- 24 tóras de 1^m,50 de comprimento por 0^m,25 de circumferencia para travessas e contraventos.
- 30 vigotas com mais de 5^m,80 de comprimento e 0^m,23 de diametro.

Para o S. Pedro

- 5 tóras de 4^m,60 de comprimento por 0^m,90 de circumferencia, sendo 3 para os chapéus e 2 para os encontros.
- 12 tóras de 2^m,00 X 0^m,50 de circumferencia para pernas dos cavalletes.
- 18 tóras de 1^m,50 de comprimento por 0,25 ds circumferencia para travessas e contraventos.
- 20 vigotas com mais de 5^m,20 de comprimento e 0^m,18 de diametro.

Resolvi fazer o taboleiro com coqueiros rachados ao meio.

Cada coqueiro cobria 0^m,35 em media, seriam necessarios 138 coqueiros.

Feito esse calculo preliminar enviei o meu sargento acompanhado de um bom cabo para a segunda margem, marcar a madeira necessaria para o S. Pedro.

Fiquei no bosque da primeira margem com outro cabo e duas praças, marcando com signaes convencionados as arvores que serviriam para chapéus e para vigotas, para pernas ou para contraventos.

Essa marcação foi feita com um facão e uma machadinha:—toda arvore com uma cruz devia ser cortada para vigota, com um só talho para contravento, com dous talhos para chapeo, com um para as pernas.

A's 17 horas terminei o serviço visto existir uma enorme quantidade de madeira. Parecia que tudo vinha a calhar.

Suspendi o serviço nessa hora!—o canto do inhanbú já havia ha muito annuciado estridentemente a noite...

Durante a noite fiz a divisão do pessoal em turmas:

Corte da madeira—1 cabo e 2 lenhadores.

Transporte—1 cabo e 15 homens.

Confecção dos cavalletes—1 sargento e 5 carpinteiros.

Resolvi, visto a exiguidade de pessoal, confeccionar todos os cavalletes primeiramente; depois prepararia as vigotas e os pranchões simultaneamente na construção da ponte.

O serviço foi começado ás 5 horas, do dia 6 do mez da nossa independencia.

Formei minha secção, convenci aos homens de que o serviço ia ser puchado, mas que contava com o auxilio de todos e rumo ao trabalho.

Os lenhadores eram tão habeis que a turma de transporte não dava dava vazão á madeira cortada,

Emquanto o meu sargento apertava a turma de transporte nesse inicio, eu e os carpinteiros fomos fazer a sondagem.

Esticamos um cordel aferido de lado a lado do rio e no logar exacto medimos a altura exacta das pernas de cada cavallete.

Por não existir barco, lancei mão de um expediente muito interessante: amarrei, pelo busto um bom nadador, com duas cordas manejadas de uma e de outra margem. Puchando uma ou outra corda o homem boiando de ventre ia ter ao logar designado pelo cordel esticado.

Quando acabamos de fazer as sondagens já havia madeira para começar o serviço.

O R. P. C. marca o tempo de 1 h 1/2 ou 2 horas para a confecção de um cavallete aparelhado com 12 homens.

Com 5 habeis carpinteiros e um bom sargento fiz um cavallete por hora, em média.

Ao meio dia, hora do almoço, estava com os 4 cavalletes promptos e com o encontro da primeira margem preparado.

A's 13 horas encetamos novamente o serviço, assim:

2 carpinteiros, preparando as vigotas.

1 cabo e 10 homens transportando madeira.

1 sargento e 9 homens na armação da ponte.

1 cabo e 2 lenhadores cortando coqueiros para o taboleiro.

Foi assentado o primeiro cavallete, pelo methodo das longarinas, as quaes foram improvisadas aproveitando-se duas vigotas e sendo necessario que 3 homens calissem n'agua, para que mais firme e mais alinhado ficasse o cavallete.

Essa mesma turma fez o assentamento das vigotas do lance, a respectiva amarração e um taboleiro provisório.

Pelo mesmo processo assentamos os outros tres cavalletes e as respectivas vigotas.

Às 16 horas e 30 minutos já se transpunha, a pé enxuto, o Taquarussú.

Dei um descanso para o jantar e às 18 horas começamos o taboleiro da ponte que foi feito com coqueiros rachados e presos com arame.

Para a amarração eram necessários 6 homens, um para cada vigota; 6 homens transportavam os coqueiros e o resto da turma os fochavam.

Assentou-se o rodapé, aproveitando-se 4 enormes tóras de vinhatico que perto se achavam, tapou-se com a palma dos coqueiros as fendas que existiam no taboleiro e cobriu-se em seguida com terra.

Eram 23 horas...

A hora que faltava para ver nascer o dia da nossa independencia foi esperada—fazendo uma corsa ou outra:—arremates que sempre existem.

Com um viva de satisfação e de orgulho, com esses bravos patriotas e humildes servidores da nossa patria, commemorei tão faustoso dia.

Vi atravez daquellas physionomias cançadas pelo trabalho, abatidas pela fadiga, um contentamento, um que de tão sobrenatural que me julguei feliz no meio de tão boa gente em pleno sertão brasileiro.

Era uma noite de prenúncio, fresca, agradável... parecia que Deus compartilhava da nossa alegria e do nosso orgulho de brasileiros.

No dia seguinte iniciamos a ponte do S. Pedro muito mais facil, por ser o rio mais raso e por isso permitir o assentamento do cavalletes a braços, entrando n'agua.

O serviço correu bem, às 16 horas de 7, estávamos com a segunda ponte prompta.

Comecei então o preparo das rampas de acesso que durou duas horas.

Na manhã de 8 passou o 15 B C, forte e luzidia unidade de escôl do nosso Exercito e logo em seguida um comboio com 15 caminhões.

Alguns desses caminhões levavam dentro o armão e a munição de artilharia e de reboque um canhão 75.

Maudei reforçar, por dois carpinteiros, collocando no meio de cada lance, por baixo das vigotas uma forte travessa que se apoiaria em dois chapuzes collocados em duas estacas fincadas, a pique, em cada lado da via.

Forte amarração de arame completava o dispositivo, que funcionou como se fosse um cavalletes de estacas.

Com esse novo dispositivo essa ponte suportaria facilmente 6.000 kilos, pois os lances ficaram reduzidos á 2^m,80.

Foi com prazer que recebi um forte abraço do meu querido chefe que até hoje o sinto, como recordação inapagavel daquelles dias felizes que trabalhei com elle, com vontade e com ardor.

Pensando em ser util aos meus camaradas aproveito a oportunidade para transcrever alguns dados de regulamentos francezes.

Esses dados sobre ponte de cavalletes de 4 pés, feitos com madeira aparelhada e se utilizando vigotas e pranchões também aparelhados, para um lance de 4 metros, são os seguintes:

Construir um cavalletes rapido..... 1h30'

Conduzir o cavalletes (do logar em que foi feito ao que deve ser collocado n'agua)..... 10'

Assentar o cavalletes:

methodo das longarinas..... 30'

com barco de manobra..... 30'

com portada de manobra..... 30'

a braços, entrando n'agua..... 15'

methodo das cordas e croques.... 40'

com uma rampa de vigotas..... 35'

com um barco com contrapeso.... 30'

com um barco trazendo um cavalletes com chapéo movel..... 30'

Construir o taboleiro d'um lance... 30'

Construção d'uma ponte de n cavalletes:

Construir o 1.º cavalletes..... 1h30'

Conduzir o cavalletes..... 10'

Assentar n cavalletes..... n×30'

Construir (n-1) lances... (n-1)×30'

Terminar a guindagem depois da construção do último lance... 10'

$T=1h\ 30' - 10' - n \times 30' - (n-1) \times 30' - 10'$ ou $T=2h\ 20' - n$ horas.

Formulas que podemos applicar quando tivermos o pessoal e o material regulamentar em campanha.

Lima Figueiredo.

1.º Tenente

Aquidauana, 6-3-925

Instrução de combate do grupo e do pelotão ⁽¹⁾

(Tradução adaptada de «Instruction de combat du group et de la section» do commandante Roger-Revue d'Infanterie, Mars—Juin-1924)

III — EXERCÍCIO



Situação inicial — Seu pelotão progride na aproximação, em direcção ao Muro do Paol Pequeno (apontando). Você commanda este grupo, o do centro.

2.ª Situação — Continue a progressão.

Nota — No terreno ha, á esquerda, uma serie de cobertas e cortaduras que podem constituir um itinerario desenhado para o grupo.

Pede-se:

1.º — Quaes são os processos que empregará para, nesse terreno, progredir com o seu grupo?

2.º — Ordens de execução? (R. E. C. I., 2.ª parte, n. 340 § 4.º; CONSELHOS, 2.ª parte, n. 124 § 5.º, 127 e 132).

SOLUÇÃO

Situação inicial — O grupo está em columna por um ou por dois, com a arma em bandoleira ou na mão.

O commandante do grupo, á frente, aproveita rigorosamente o terreno e conduz o seu grupo de coberta a coberta.

Processos de progressão e ordens de execução:

a) «Alto! Deitar!»

b) «Homero (volteador, homem de transmissão, ligação e protecção) comigo! Cabo Gentil, você conduzirá o grupo, logo que eu fizer o signal de avançar. Irel para aquellas moitas em frente.»

c) O commandante do grupo parte, aproveitando o terreno com o volteador Homero e chegado ás moitas faz o signal de avançar.

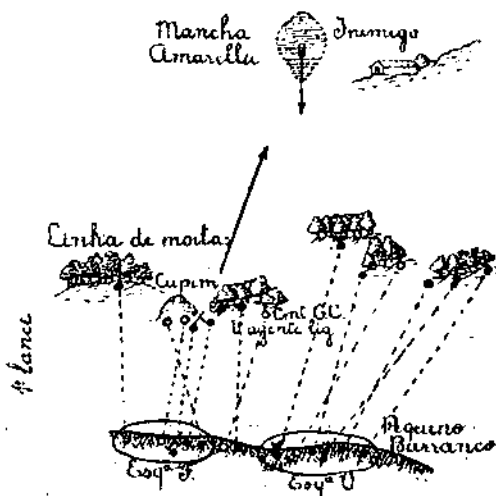
A esse gesto o cabo Gentil conduz o grupo, aproveitando o itinerario seguido pelo seu commandante.

d) A mesma operação para o segundo lance e attingindo este um grupo de arvores, junto as ruinas de uma casa, o commandante do grupo diz:

e) «Homero, vá procurar um caminho para atravessarmos aquella faixa muito coberta ali em frente; faça signal quando encontrar.»

A progressão continúa por lances, de coberta a coberta, de cortadura a cortadura.

IV — EXERCÍCIO



Nota 2 mais aux. está auxiliando com o dos outros G. 6 a eq. de 1.º do 2.º

Situação inicial — Seu pelotão tendo dois grupos em primeiro escalão e dois em segundo, progride, no ataque, contra a resistencia assignalada por aquella mancha amarella e que se distingue a cerca de 500 mts daqui.

Devido ao tiro da infantaria inimiga, a progressão de «todo o grupo por lances» parece não ser mais possivel e, todas as vezes que seu grupo tenta partir, abre-se uma fuzilaria intensa do inimigo.

(1) Ver a Defesa Nacional, 128 — 134 — Janeiro — Fevereiro 1925.

atingir: a estrada em frente, do barranco para a direita.»

«Ao F. M., fogo de rajada! Mesma alça e mesmo objectivo.»

«A todos outros homens, fogo á vontade. Começar o fogo!»

b) «Valois, Talthibio e Rego iniciarão o movimento para a pequena moita escura, á direita do barranco. Por lance... Ma...rche — Marche!»

c) «O cabo fuzileiro partirá com o 2.º municiador e Sisenando, logo que eu tiver atingido o barranco.»

«O cabo volteador completará o movimento acompanhado pelos homens restan-

tes, depois que o cabo fuzileiro tiver alcançado seu destino.»

d) «Fuzileiro metralhador e 1.º municiador partirão commigo. Ponto a attingir: o barranco da estrada, á esquerda do moitão preto. Por lance....Mar...che — Marche!»

O movimento foi executado por lances de pequenos grupos, mesmo homem a homem, alguns na carreira, mas outros curvados, de gatinhas ou rastejando, cobertos pelas moitas.

T. A. ARARIPE.
1.º Ten.

(Continúa)

A tecnologia militar e os gallicismos ⁽¹⁾

No rol das coisas que merecem a nossa veneração está, por sem duvida, a lingua patria. Defendel-a contra a solerte infiltração dos estrangeirismos não é empresa menos nobilitante do que defender a integridade do territorio nacional.

No momento em que philologos daquem e dälém mar despendem alentados esforços em pröl do aformoseamento da lingua portugueza, delindo as nodoas que a desfeiam, expungindo as excrescencias que lhe depreciam a linhagem; no momento em que esses puristas desencravam os monumentos literarios jacentes sob o pó dos tempos e os restituem, brunidos, cinzelados, na plenitude de sua primitiva belleza, ao patrimonio vernaculo, será desacertado nós, os militares, permanecermos apathicamente em terreno opposto.

Desde muito tempo se voltou a minha attenção para um enxame de palavras exóticas, que arrastam para a categoria das coisas ridiculas a nossa tecnologia, velha-coito onde se homiziam livremente rebarbativos gallicismos. Verdade é que muitas vezes lhes dei guarida, mas só pelos não considerar termos espúrios. Quem sabe mesmo se os leitores, mais perspicuos, não os encontrarão neste despretencioso artiguelho?

Os francesismos que aponto á execração dos que se diligenciavam aproximar-se (2) da bôa linguagem, extravasam, na sua maioria, das lições que ao nosso exercito ministra a M. M. F.; sobre esta, porém, diga-se de passagem, não devem pesar as culpas dos erros que perpetramos.

Mas é tempo de entrar no assumpto que me não parece despiendo.

1. *Engajar*. Este vocabulo está na lista negra dos desabonados pelos puristas: «Usado com a significação de assalariar, assoldadar, ajustar, contractar, etc., é gallicismo grosseiro e intoleravel». (3)

Mas nós ainda lhe emprestamos outras accepções:

a) Engajar — começar. Ex.: «As tropas engajaram o combate»;

b) Engajar — lançar no combate — empenhar: «Uma vez submettidas ao fogo da infantaria inimiga e empenhadas no combate, as unidades engajadas só pôdem actuar em frente».

Desappareça engajadas que, sobre ser gallicismo, é palavra redundante, e o periodo lucrará muito.

A traducção de engajar neste caso, geralmente adoptada em os nossos regulamentos, é empenhar: «As companhias de segundo escalão, durante o tempo em que se não tiverem ainda empenhadas»...

2. *Engajamento*. Comquanto eu visse engajar regeitado pelos paladinos da bôa linguagem, nada encontrei relativamente a este termo, o qual, sobre exprimir actos de assoldadar, vale tambem combate de vanguarda (R. S. C., definições).

O uso desta palavra e das duas que se lhe seguem já foi objurgado nesta revista por um seu illustre collaborador, o snr. capitão Francisco de Paula Cidade, (4) em artigo que collimava o mesmo fim visado por mim, o que não obsta eu as reponha na berlinda.

3. *Desbordar*. Com a significação de transbordar, já o vi; no domínio da tactica, porém, exprime contornar, ladear: «A 1.^a D. C., procurando desbordar pelo N. as cristas successivas que separam os afluentes do Parahyba»...

4. *Desbordamento*. Como as supra ennumeradas, sabe o francês. Significa acto de contornar: «O desbordamento transforma-se então em envolvimento».

Antes do tratado de Versalhes o mofino desbordamento não se havia incorporado, ainda, á nossa terminologia militar e, se o houvesse, a sua accepção se ajustaria inteiramente á do vocabulo envolvimento: «E' condição preliminar para o envolvimento fixar o inimigo na sua frente». (5) Quem hoje ha que ignore seja esta a condição indispensavel para se executar, com probabilidades de exito, um ataque de flanco?

5. *Desbordante*. Encontradição em documentos militares, merece igualmente relegado do convívio dos termos puros. Contornante é que se deve dizer, apesar de toparmos a cada passo phrases do jaez desta «... a idéa de manobra desbordante em proveito do grosso da D. I.»...

6. *Estabilizada, estabilização*. Alistou-os o notavel Candido de Figueiredo em o «Novo dictionario da lingua portugueza», tachando-os, porém, de brasileirismos. A meu ver, julgo que os vocabulos paralyzada e paralyzação sobrelevam aquelles. O art. 1.^o do R. O. T. reza: «A organização do terreno attinge seu mais amplo desenvolvimento na defensiva, no decurso de uma estabilização prolongada». No entanto o R. E. C. I. propende mais para a sã linguagem quando diz: «No caso de estada prolongada»...

7. *Detalhe, detalhar*, etc. São termos de emprego correntio na vida militar. Outrora detalhe significava o nosso boletim de hoje, que o desthronou. Parecia destarte estar detalhe circumscripto á giria dos galliciparlas, quando, ex-abrupto, passou a figurar em tudo que é escripto militar.

Pormenor, pormenorizar, etc., exigem o logar que lhes compete.

8. *Cmt. em chefe, gen. em chefe*. Não me recorde onde li sentença condemnatoria da expressão redactor em chefe e quejandas. Entretanto, os austéros juizes que preferiram tal decisão, foram accordes em despronunciar redactor-chefe, expressão justificada pela indole da lingua.

9. *Em primeira urgencia, em segunda urgencia*, etc. Não sei de quem haja encontrado nos documentos literarios semelhantes fórmulas. Eu cá declaro que as vim encontrar pela primeira vez em trabalhos da E. A. O; como duvide de sua legitimidade, passarei a substituil-as por em primeiro logar, em segundo logar, etc.

10. *Quinconcio*, por quincunce, tem saído gallicano: «E' o supposto quincuncio, importado directamente do francês quincunce» «... a fórmula portugueza deve ser quincunce, do latim quincuncem».

11. *Barricada*. «E' traducção do francês barricade. Temos trincheira ou fortificação provisoria, de momento». (3) Igualmente rejeitavel é barricar por improvisar trincheira.

12. *Golpe de mão*. «Traducção franceza perfeitamente dispensavel. Deve dizer-se lance arrojado, assalto imprevisto, golpe certo». (3) Assim se expressa um dos muitos vernaculistas que puseram ambos á empreitada de eliminar os gallicismos de que está inquinada a linguagem de hoje.

Operação de arrojado parece-me não ir mal em vez de golpe de mão.

13. *Terreno de aterrissagem. Terreno de aterragem*. Para que a periphrase se os lexicos já registam aerodromo?

14. *Pioneiro*. Abramos o «Novo dictionario da lingua portugueza»: Pioneiro. Gallicismo dispensavel. Melhor seria deanteiro». Para nós, porém, deanteiro não serve: os regimentos de infantes pioneiros que entram na composição da tropa duma D. I. raramente são deanteiros.

Bacoreja-me que mais avisados seremos se trocarmos esta expressão por trabalhadores, que aliás já conta com a sympathia de muita gente.

15. *Rocada*. Afigura-se-me neologismo no sentido que lhe attribuímos. A meu vêr, não devemos incluir rocada na relação das estrangeirices; antes obremos por lhe dar fóros de cidade. Não se trata de um intruso, senão de um convidado, que se apresenta vestido a caracter.

Da «Manobra de quadros do exercito» (1920), pag. 90: «Procurou-se, na delimitação da rede dos exercitos, assegurar uma linha de rocada continua e sufficientemente afastada das zonas de operações activas, permitindo passar da linha de comunicação de cada exercito ás dos outros». Mas a interpretação que se deve dar a esse vocabulo resalta mais claramente do seguinte periodo,

extracto dum artigo de Raoul Haff, publicado em «L'illustration», de 11 de Novembro de 1922: «Les cinq voies suivantes, dites de rocade, car elles étaient parallèles au front, lui permettaient d'engager rapidement ses réserves sur un point quelconque de la ligne de bataille».

16. *Successo*. — exito não é vocabulo lidimamente português. No entanto, vemolotão corriqueiro como detalhe e seus affins.

17. *Terreno livre* será fôrma tão defensivel como o é campo aberto? O dictionario de Moraes diz: «Campo aberto ou campanha aberta: raso, não cerrado com obras de fortificação».

18. *Bateria*. O grosso das expressões afrancesadas terminadas em eria desde muito foi repellido do territorio patrio. A sua retaguarda, porém, composta de alguns vocabulos importunos, ainda resiste. Apoiada por uma bateria, desalojou a nossa vernaculissima bateria, que se retirou completamente desmoralizada.

19. *Garupa. Ravina*. Não tivessesemos já lombada e barranco e eu provavelmente

nada teria a dizer contra a importação de garupa e ravina.

Estou cansado de perlongar o pinturesco panorama gallicano; cansado e receoso de me embrenhar em seus traiçoeiros meandros que, infelizmente, assaz de força attractiva possuem, segundo affirmam os que falam português... *comme une vache française*.

OSMAN MEDEIROS
1.º Tenente

NOTAS — (1) Todos os nomes dos que escreveram os trechos entre aspas são propositalmente omitidos sempre que a sua divulgação os possa melindrar.

(2) Escrevo aproximar, com um só p, como escrevo aproximação, por virtude do que sentença Candido de Figueiredo: «de proximo com o mesmo prefixo (a) formamos aproximar com um só p». (Problema da Linguagem, v. 1.º, p. 266).

(3) «Gallicismos», do Dr. Laudelino Freire.

(4) Artigo subordinado ao titulo «Em defesa de nossa lingua» («A Defesa Nacional», n. 108).

(5) R. E. I. 1918. art. 428.

Notas sobre a Instrução do cavalleiro no serviço de campanha

(CONTINUAÇÃO)

GRUPOS DE EXPLORADORES (1)

154. *Principios geraes.*

1.º Os exploradores que constituem o grupo devem, antes de tudo, estar perfeitamente compenetrados de sua missão e exactamente orientados.

2.º Conservando uma certa independencia na marcha, devem, comtudo, vigiar-se mutuamente, de tal sorte que estejam sempre em condições de se apoiarem.

3.º Grupar os exploradores dois a dois — o que não implica no bota a bota — quando as circumstancias o permittirem (effectivo, frente sufficientemente extensa).

155. *Grupo de exploradores enviado para esquadriñar uma coberta.*

Dirigir-se para a coberta com intervallos variaveis, de modo a bater toda a sua extensão. Associar os cavalleiros dois a dois; será bom que um dos cavalleiros conduza a arma prompta para atirar.

156. *Reconhecimento de uma posição.*

Dirigir-se ao galope largo para a posição a reconhecer, com intervallos variaveis segundo o effectivo, o terreno e a extensão da posição. Dois exploradores marcharão ás vezes a 15 metros um do outro — conforme os desenhamentos do terreno — ao passo que outras vezes uma centena de metros os separará.

O essencial é que toda a posição seja reconhecida: os exploradores das alas tomarão, pois, como direcção, as extremidades da posição.

DOIS CASOS

1.º *Posição desoccupada*. — Attingindo a posição, os exploradores, segundo as ordens ou signaes do chefe, estacionam ou se reúnem a elle.

2.º *Posição occupada*. — Os exploradores que cahirem sob o fogo, escapar-se-ão rapidamente e obliquarão para a coberta mais proxima. Aquelles que não soffrerem o fogo inimigo, avançarão o mais possivel em direcção á povoação. Com effeito, acontecerá algumas vezes que certos pontos de uma posi-

(1) Lieutenant Navarre. — Eclaireurs de cavalerie.

ção estarão mantidos, ao passo que outros estarão desprovidos de defensores.

157. *Reconhecimento de um bosque de pequena extensão.*

Dois grupos de dois exploradores serão suficientes. Os 4 exploradores se dirigem com intervallos sufficientemente grandes para o bosque. Chegados á orla, um grupo faz á esquerda, o outro á direita e os dois grupos percorrem as orlas oppostas; os cavalleiros em fila, á distancia variavel, uns quinze passos mais ou menos, distancia sufficiente para que, se o primeiro cahir em uma emboscada, o segundo possa escapar-se para ir informar. O segundo explorador terá a arma prompta para fazer fogo.

158. *Reconhecimento de um bosque de extensão.*

a) *A estrada de marcha atravessa o bosque.* — Se é sómente uma patrulha que deve atravessar o bosque, enviar dois exploradores, que se dirigem para os salientes a 300 — 600 metros mais ou menos da estrada de marcha; depois se reúnem sobre esta, acompanhando a orla.

Se é uma pura ponta de vanguarda (alguns cavalleiros para um esquadrão isolado), a frente a explorar é variavel: 500 a 1.000 metros (isto depende dos salientes e dos reintrantes do bosque); neste caso, a ponta será muitas vezes obrigada a pedir cavalleiros de reforço.

Se a tropa que segue é consideravel, é preciso por vezes empregar um effectivo muito maior, um pelotão por exemplo, porque é preciso estender bastante a exploração.

Deve-se, antes de partir:

1.º Combinar um lugar de reunião, uma vez a operação terminada, ordinariamente sobre a estrada, eixo de marcha.

2.º Combinar um outro ponto de reunião geral se o grupo cahir sob o fogo do inimigo, mas, nesse caso, os exploradores ganharão primeiro, a cobertura mais proxima delles, donde examinarão o itinerario a seguir para attingir o ponto de reunião geral.

b) *O bosque está no flanco de estrada de marcha.*

Neste caso, e se a tropa é uma columna, enviar bem cedo um forte grupo de exploradores associados dois a dois, sobre a orla designada. Se nesse bosque, ha caminhos transversaes com relação á linha de marcha, os grupos de exploradores darão golpes de sonda e, estabelecendo-se nas alamedas e salientes do bosque, ahi estacionarão,

segundo as ordens dadas, todo o tempo do escoamento da columna.

Em todos esses reconhecimentos, não ha schemas. A utilização do terreno e das cobertas que confinam com o bosque tem toda a sua importancia.

159. *Reconhecimento de um bosque que se sabe estar occupado.*

a) *O bosque é de pequenas dimensões.* — Dois grupos de exploradores associados ganham um ponto de observação conveniente nos flancos; procuram, depois, ver a retaguarda. Esse reconhecimento dos flancos e da retaguarda dará o meio de informar a respeito da importancia da tropa que occupa esse bosque.

b) *O bosque é de grandes dimensões.* — O interesse é saber se toda a orla está occupada e se o está fraca ou fortemente.

Para tanto, dois exploradores se destacam e vão percorrer a galope largo uma linha parallelá á orla do bosque, a 400 — 600 metros desta, attrahindo sobre si o fogo dos fuzis inimigos.

Durante a corrida, os exploradores verificam a parte do bosque de onde partem os tiros. Mas, graças á velocidade do cavallo, elles terão probabilidades minimas de serem attingidos. Terminado o seu reconhecimento, retirar-se-ão obliquamente em relação á linha de tiro, ou, se houver, logar, utilizando os desenfiamentos e cobertas do terreno.

Durante esse reconhecimento, o chefe, com os outros exploradores, conserva-se atraz de uma cobertura, em observação.

160. *Reconhecimento de povoações.*

Principio geral. — Antes de chegar ao alcance efficaz do fuzil: 500 a 800 metros, o grupo de exploradores faz alto atraz de uma cobertura (monte de capim, arvores) para observar a orla; este reconhecimento primeiro pelos olhos é indispensavel; elle não provará que o inimigo não está na povoação, mas poderá, por vezes, permittir reconhecer que o mesmo nella se encontrará; em seguida dará meio de ver como a povoação póde ser abordada. Com effeito, a configuração dá logar a diversas maneiras de proceder.

1.º A ORLA NÃO PARECE OCCUPADA

Os exploradores lançam-se sobre a povoação por 3 grupos de dois cavalleiros associados: um grupo na direcção da marcha, dois outros sobre os flancos. Estes ultimos marcham sensivelmente na frente do grupo

central e pattem sufficientemente cêdo. Ao efitrar na povoação, o primeiro explorador de cada grupo conduz o mosquetão na coxa, prompto para atirar. Seguem-se ao alcance da voz: 15 a 25 metros. Os grupos de exploradores se reúnem na orla opposta da localidade ou occupam, segundo o terreno, as posições de observação.

Antes de partir, o chefe indica aos seus exploradores pontos de referencia para o reconhecimento da povoação e o sentido do ponto de reunião geral após a operação. Habitualmente, a torre da igreja será o melhor ponto de referencia.

Se a povoação não pode ser percorrida sobre um dos seus flancos pelo processo indicado e se o terreno que confina com a orla lateral é um terreno impraticavel para cavalleiros (cercas de arame, pantanos...), será comtudo, conveniente executar golpes de sonda sobre uma ou duas ruas lateraes (golpes de sonda interiores). Esse systema de golpes de sonda poderá ser empregado quando a povoação está em um flanco da estrada de marcha e a uma certa distancia (golpes de sonda exteriores).

A mesma cousa quando o grupo de exploradores encarregado do reconhecimento só comportar 3 ou 4 cavalleiros: operar por golpes de sonda, interiores ou exteriores, segundo o caso.

O cavalleiro designado para fazer o golpe de sonda destaca-se ao galope, vae até uma rua transversal, se houver logar, e reúne-se ao grosso que continúa ao trote. Esse processo tem a vantagem da patrulha não se deslocar e do itinerario, sendo sendo simples e curto, o explorador não se desgarrar.

O caso que acabamos de estudar é o de uma patrulha que faz o reconhecimento de uma povoação para uma tropa que a segue (patrulha de ponta), porque uma patrulha isolada terá sempre interesse em evitar uma povoação, logo que presentir, por qualquer indício, a appproximação do inimigo, ou quando estiver em paiz inimigo. Se ella deve executar o reconhecimento, procurar pontos de observação e, se necessario, fôr, operar por golpes de sonda exteriores.

HA INDICIOS SOBRE OCCUPAÇÃO DA POVOAÇÃO PELO INIMIGO

a) *Povoação de pequenas dimensões*: — Operar como no paragrapho 1.º de um bosque occupado.

b) *Orla extensa*. — Operar como para o

reconhecimento de uma orla de grande bosque occupado; mas se nas estradas da povoação se encontram cobertas, fazendas, chacharas, etc., fazer primeiramente o reconhecimento d'essas cobertas, etc. Podem ser encontradas algumas desoccupadas que offerecerão excellentes pontos de observação.

c) *Povoações offerecendo, nos flancos, pontos de observação*. — Ir até esses pontos, utilizando sempre o terreno. Se, de um desses pontos de observação, nada se notar de suspeito, operar, desse ponto, por golpes de sonda exteriores e por meio de cavalleiros associados, dois a dois, quando o effectivo permittir. Se a povoação é bastante extensa, recommear essa operação por uma ou duas outras. Esse processo é assás longo, mas será, muitas vezes, o unico utilisavel.

d) *Todos os lados da povoação, assim como os pontos de observação nas proximidades, estão occupados*. — Segundo as ordens, a menos que a patrulha não esteja isolada, procurar uma brecha por onde se possa infiltrar para ir vêr. Em todos os casos, será sempre util verificar as forças que se acham á retaguarda da povoação, porque é onde o inimigo collocará, muitas vezes, as suas reservas. E', pois, lá que é necessario esforçar-se de ir ver.

Se, pela natureza dos tiros ou pela observação, verificar-se que se trata apenas de uma patrulha de cavallaria que apeou, ou uma fraca fracção de cavallaria que, muitas vezes, estará sem reserva a cavallo, então o grupo de exploradores não hesitará em lançar-se sobre os cavalleiros a pé, e, em particular, sobre os cavallos de mão. Um pelotão combatendo a pé surprehendido nestas condições, poderá ser muito facilmente colhido por alguns exploradores decididos.

Na guerra essa oportunidade poderá ainda apresentar-se frequentemente.

Em todo o caso, quando um grupo de exploradores contornar uma povoação pelos seus flancos, o chefe terá o cuidado de bem escolher o itinerario que lhe permittirá o melhor desemfamento, assim como o terreno mais praticavel.

Se, ao chegar á proximidade de uma povoação, o grupo de exploradores perceber uma patrulha inimiga que della sáe, deve lançar-se immediatamente em cima, desorganizando-a, e levando-a de encontro á povoação, o que será, por vezes, o melhor

meio de vêr, e rapidamente, se ha alguma coisa atraz della. Na guerra não é necessario cahir em una prudencia extrema, que só pode conduzir á irresolução e, portanto, a resultados nullos; ha sempre um risco a correr: são os imprevistos da guerra.

ANNEXO N.º 1

VELOCIDADE DE MARCHA

a) *Cavallaria*. — (1). — 1) Ao passo. —
6.500 á hora

2) Prolongando-

se os tempos de trote em cada hora de marcha, obtém-se o resultado indicado no quadro abaixo :

Trotan- do-se	1/4 do tempo	15 minutos	8.500 m.	á hora
	1/3 do tempo	20 minutos	9.400 m.	" "
	1/2 do tempo	30 minutos	10.500 m.	" "
	2/3 do tempo	40 minutos	12.000 m.	" "

{ 3 Ao trote—15.000 m.
 { 4 Ao galope (2) — á hora
 { 20.000 m.

b) *Infantaria*. — 1) *Durante o dia e nas estradas* — 4 km. á hora

2) *A noite e nas estradas* — 3, km500 ou 3 km. á hora.

3) *Através dos campos* pode descer em um ou outro caso, a 1 km. á hora

c) *Artilharia*. — O quadro abaixo (3) nos fornece as indicações necessárias.

Materiaes	Velocidade a passo	horaria alternado pas- so e trote
A. leve e obuz de 105	5 a 6 kms.	7 km.
A. C.	6 »	8 »
A. P. 155 C e 120 L	5 »	—
Hippomovel outros materiaes	4 »	—
A. Mth.	5 »	—

d) *Columna de todas as armas.* — Regula-se a marcha pela da infantaria, que é o «elemento estavel da columna» (4)

(1) Instruction pratique sur le service de la cavalerie en campagne.

(2) As marchas a galope são excepções.

(3) R. E. A. (13), Titulo II.

(4) Von Kleist.

ANNEXO N. 2

PROFUNDIDADE DAS COLUMNAS

T. E. de R. I.	500
» » » B. C.	150
» » » R. C.	150
» » » G. A.	150
R. I. com T. C.	3350
R. I. P.	2000
B. C. com T. C.	1100
R. C. » » »	1300

G. A. M. com col. lig.	1000
G. A. Mth. » » »	600
G. 155 curto » »	1500
» 120 longo » »	1000
D. D.	1500
1 S. M. I.	600
1 S. M. A.	450
1 S. M. A. P.	300
G. R. D.	150
Pq. E.	200
Equipagem de pontes	600
1 Secção C b. AD.	3000
D. R. M.	300
G. P. D.	400
Columna evacuação	200
1 Amb. O.	500
1 » C.	500

ANNEXO N. 3

RECONHECIMENTO DA ESPECIE DAS FORÇAS INIMIGAS

1) *Pela simples observação a olho nu ou a binoculo.* — Processo facil desde o momento que se consiga chegar á distancia sufficiente — de modo que se possa distinguir pela simples observação, a olho ou a binoculo, a *natureza* ou *especie* da tropa que temos diante dos olhos, — isto é, se se trata de inf. de cav. ou de art.

a) *Pelo seu aspecto no terreno.*

a) Inf. — sob o aspecto de uma *faixa regular e baixa*.

b) C. — sob o aspecto de uma *faixa alta, espessa e dentada*.

3) Pelas nuvens de poeira — Vide «Indícios» (1)

ANEXO N. 4

AVALIAÇÃO DO EFFECTIVO DE UMA TROPA

Avalia-se o effectivo de uma tropa pelos seguintes processos :

a) Pela contagem das suas bandeiras e estados-maiores montados;

b) Pela contagem das diversas unidades;

c) Com o auxílio da carta

d) Pelo tempo do escoamento por um ponto.

e) Pelo emprego de regras praticas (1)

(1) Manual do chefe de patrulha. Cap. Orozimbo.

(1) Este processo resume-se na aplicação das formulas

$$E = \frac{P \times V}{20}$$

em que E = effectivo, P = profundidade e V = numero de

f) Pelo reconhecimento dos P. A. (se a tropa estiver estacionada).

Considerando o processo mais interessante — o processo d) — tomemos o seguinte exemplo:

Um observador collocado em . . . vê passar por um reparo fixo — uma arvore isolada, por exemplo — uma tropa de inf. que se escôa durante 42 minutos.

A questão se reduz a uma simples proporção como se vê:

$$50 : 4000 :: 42 : X$$

Donde:

$$50X = 4000 \times 42$$

$$X = \frac{168.000}{50} = 3.360$$

Ora o quadro das profundidades das columnas — annexo n. 2 — nos dá, para um R. I., $P = 3.350$.

Portanto, trata-se, approximadamente, de um R. I.

Rio, 18—6—924

ARTHUR CARNAÚBA
1. Ten.

Critica a um projecto de regulamento

(Ainda de interesse actual)

Por se reconhecerem, hoje, as « bases do ensino militar », fixadas pela lei n. 13.551, de 10 de janeiro de 1919, incompletas, pois que não prevêem o ensino da artilharia de costa em separado, como se faz nos paizes que cuidam acertadamente de sua defesa, e por estarem as fabricas militares *a bout de ressources*, em materia de officiaes com cursos technicos que os habilitem a bem encaminhar industrias, trata-se agora de fazer um regulamento para a Escola Militar, em que tudo isto fique sanado *provisoriamente*, a titulo de obstar-se o mal maior de não se ter, de todo, officiaes para desempenharem essas funções (officiaes de artilharia de costa e officiaes para technicos de fabricas).

N'este presupposto, está em vias de elaboração na Escola Militar e no Estado Maior um regulamento para essa escola, em que se quer conciliar tudo, incluindo n'ella o que está previsto em lei dever se conter em tres, além do assumpto que se deve conter em uma outra escola que a lei não previo, mas que se impõe a todos os espiritos que acompanham a evolução das cousas militares — a de « Artilharia de Costa » —. Quer-se, portanto, na realidade, collocar em uma só escola o que só ficaria bem distribuido em quatro, como a lei basica do ensino militar manda (uma escola de armas e duas de technicos de artilharia e engenharia) e é exigido, hoje, pela lei de divisão do trabalho e que a propria comissão elaboradora do novo regulamento achou de necessidade, querendo encaixal-a, em embrião apenas, no mesmo regulamento, segundo se vê do projecto elaborado que nos foi presente para criticar.

O resultado será a criação de uma obra confusa (quando já temos evoluído tanto n'essas mesmas bases de ensino de 1919!), incapaz de preencher seus fins, cheia de deficiencias, *maximé* quando, como é, preocupação metter em poucas cadeiras, todo o vasto assumpto que devia ser ensinado em quatro escolas que se reconhecerem deverem existir *separadamente*, mas que se deseja comprimir em uma só agora.

Evidentemente não é solução esta que se dê por premencias quaesquer.

Mil vezes deixe-se o que está feito por mais um anno e, com calma e tempo, modifiquem-se as « bases do ensino », no Congresso, prevendo-se mais a « Escola de Artilharia de Costa »; mandem-se os officiaes com os antigos cursos technicos (*que já tenham dado provas de o serem* por commissões e trabalhos desempenhados) ás grandes escolas e fabricas estrangeiras, afim de cumprir-se a lei n'este ponto (ella é ahi bem clara), depois então creem-se *separadamente* as quatro escolas (de campanha, de technicos de artilharia, de technicos de engenharia e de artilharia de costa).

Este parece que é o unico caminho a seguir, tudo mais só podendo gerar desordem e confusão.

Será possivel que se considerem as escolas technicas e de artilharia de costa como de importancia secundaria, pois que outras foram montadas com todo conforto e até lucro, em edificios e condições proprias e *separadamente*, até mesmo a escola de ferradores, ao passo que regateia-se a criação dessas outras, pretendendo-se atranjar as quatro n'um só amontoado?

(*) Por estar sem solução ainda o assumpto, é de toda a oppor-tunidade a publicação desta critica.

Não ! Não é possível que isto se dê. Os nossos dirigentes e nós sabemos que as escolas de armas e de technicos constituem o arcabouço dos exercitos nacionaes, pois que é em torno das *armas* que se reúne a Nação para aprender a defender-se e para lutar, quando é necessario, e é em torno dos technicos militares que as industrias nacionaes organizadas vêm reunir-se para, normalmente, fornecerem as armas e o mais que lhe é necessario para combater efficientemente, defendendo-se, na hora do perigo.

Todas as demais escolas são accessorias a estas, que não podem admittir soluções provisórias e commissões ; sua organização tem que ser integral ou fallará o edificio todo e ruirá fragorosamente quando d'elle se exigir um esforço.

Acho-me em condições favoráveis para bem observar os factos e saber da necessidade da premencia da criação de escolas de technicos e de artilharia de costa e da relativa condição de folga com que funcionam as das armas quanto ás fontes de seus elementos essenciaes — os officiaes do primeiro posto.

Lecciono na Escola Militar e d'ahi vejo sabihem officiaes bem orientados para as quatro armas : e isto todo o Exercito é unanime em afirmar ; servindo em uma fabrica militar e tendo occasião de desempenhar commissões importantes, como a de apresentação de tipos deapparelhos de communicações para o Exercito e de meios de desenvolver esta produção, a de inspecção dos recursos de energia, etc., dos fortes e fortalezas e outros, tenho tido occasião de observar as mais dolorosas anomalias, a superfectação a mais gloriosa escondendo a miseria mais real, só deixando prever o que realmente se constata, isto é, a fatal, consequente insufficiencia a mais absoluta na actividade fabril militar e na defesa de costa do Brasil.

Nas fabricas até bem pouco tempo reinava o mais absoluto empyrismo, synthetizado por uma expressão bem caracteristica : os instrumentos de medidas ahi se resumiam no — *olhometro* — (avaliação a olho).

A organização economica das industrias (theoria completa em que o *taylorismo* é uma das escolas mais avançadas e perfeitamente assentada em bases mathematicas sem a qual não ha industria prospera), não tem sido nem vislumbrada na regulamentação das fabricas do Estado ; isso, a par das deficiências de conhecimentos theorico-praticos dos officiaes que têm ahi servido (pois que os antigos cur-

sos technicos que todos nós temos, eram puramente theoricos e incompletos, como todos nós, a cada passo, afirmamos) tem dado em resultado a desmoralisação da actividade industrial fabril do Estado, tudo provindo, em ultima analyse, da falta de ensinamentos theorico praticos systematicos, administrados em escolas technicas funcionando n'essas mesmas fabricas, em que o alumno aprenda, produzindo logo, *de facto*.

Creio não mais ser preciso esclarecer quanto se impõe a criação do quadro de technicos e, portanto, das escolas technicas.

Quanto á artilharia de costa, em relatorios que apresentei, o ultimo dos quaes é um apanhado é a apreciação completa dos recursos em energia e communicações d'essa arma, em relação ao 1.º Districto de Artilharia de Costa, vê-se bem o estado em que estamos sómente quanto á energia disponível e communicações *intra* e *entre* as obras fortes do mesmo. A triangulada de tiro, o preparo prévio do campo de minas, a telemetria, etc., para não fallar no maravilhoso recurso (inteiramente ausente ahi) do *fire-contrôle*, resentem-se muito da falta de uma Escola de Artilharia de Costa, que deve ahi mesmo ser localisada e contar com instructores naturalmente apontados : — americanos.

Tudo isso parece bem aconselhar que se criem essas escolas, mas *separadamente*, dividindo-se bem o trabalho, não se confundindo *fabrico* com *funcionamento* tactico ; que não se faça obra de afogadilho e com resultados innocuos, comprimindo-se todas essas escolas em uma só, onde se formarão individuos com conhecimentos superficiaes e principalmente lastimavel, apenas theoricos.

E' preferivel esperar-se mais um pouco e fazer-se obra completa, ampla e não um remedo de resolução de problema, como será fatalmente o que concluirmos de afogadilho e premidos pela idéa preconcebida de fazer *pequeno*, de fazer obra... *barata*.

Estas minhas palavras não significam mais que a sincera vontade de colaborar para a consecução de uma obra solida.

Capital Federal, 16—11—1922.

FLAVIO QUEIROZ NASCIMENTO
Capitão

Nota — Podemos, com prazer, declarar que o alvitre foi o de se adiar a criação das escolas technicas, inclusive a de Artilharia de Costa, ficando só instituido, por ora, a escola de armas.

Muito teremos a lutar, se a instituição das demais não tardar.

(Do Autor)

Vocabulario militar

(TRANSCRIPÇÃO)

Da camaradagem dos exercitos alliados na grande guerra resultou, para a França, alastrante e viçoso anglicismo, contra o qual, alarmado, clarinou a rebato o professor J. Truffier.

Distincto collaborador da selecta revista «A Defesa Nacional», sr. capitão F. Paula Cidade, a exemplo do purista gaulez, mas abrindo fogo em direcção opposta, verberou, «em defesa de nossa lingua», a invasão de gallicismos lexicos e syntacticos de que está sendo victima o vernaculo, militarmente.

E' um bello gesto, mas entendamo-nos: bello pelo repulsar destemperadas suprefluidades obtusas...

Nós, brasileiros, em verdade, não estamos na obrigação de quebrar lanças pela intangibilidade do portuguez, desejando-o immaculo e fiel aos classicos padrões. Em nossa Patria elle tem que ser ductil, receptivo, vulneravel e quebradiço, submettido como se acha a incoercivel processo de differenciação, do qual, cedo ou tarde, ha de resplandecer o idioma brasileiro.

E porque não? Se um esgalho do velho tronco latino, evoluindo, conseguiu por sua vez fazer-se arvore, por que desta não ha de nascer, igualmente, ramo virente que, ao influxo de determinadas condições mesologicas, se avigore e torne tambem arvore pujante, coroada de flores e fructos e gorgeios?

Nem haverá primasia: os rebentos da cepa luza na Galliza e Africa frondejam em dialectos perfeitamente caracterisados. Parece que, por certa subserviencia mental, neste ponto estamos sotopostos aos gallegos e africanos.

Dir-se-á que o nosso dialecto já se encontra claramente delineado. Sem duvida. Seria extraordinario que o organismo vivo de uma lingua, transplantado de seu habitat para outro inteiramente diverso, não se resentisse das modificações impostas pelo clima, pelos costumes, elementos complexos da lucta pela vida, pela concorrência racial, influencias telluricas, pelas necessidades e relações de toda sorte, enfim por todo o conjuncto de circumstancias ambientes.

Mas, o vizo do respeito fetichista pelos canones linguisticos da ex-metropole tem retardado enormemente a eclosão da nossa

propria lingua, que dess'arte ainda não conquistou o seu 7 de Setembro para integrar o Brasil na independencia completa.

Com desorientado patriotismo expungimos de nossa escripta todas as divergências morphologicas e syntacticas, as palavras, phrases e peculiaridades de nossa gente, os bizarros modismos, toda a nossa magnifica floração vocabular, tudo enfim que apresente cunho nacional, embora na linguagem fallada façamos frequente e tranquillo uso desses preciosos cabedaes.

Fazemol-o naturalmente, pelo habito, que uma segunda natureza, consoante o ensinou Pascal, e mesmo escrevendo não raro lá nos deixamos trahir. O illustre capitão Cidade, verbi gratia, apesar de traquejado na famosa disciplina pronominal, não se forrou — commettendo-a em passo onde o luzitano não a tolera — á irresistivel tendencia brasileira para a enclise, excepção já se vê, da não menos irresistivel tendencia proclitica com alguns casos obliquos no inicio das sentenças.

E' incoherencia que se observa em todas as espheras sociaes, sendo que na militar existe uma linguagem typica, opulenta de termos creôlos e pittorescas expressões da invectiva popular, a qual não se reflecte nos regulamentos, ou outros papeis, onde por signal nunca lemos a palavra *bóia*.

Haverá moeda de timbre mais genuino, de mais vasta e velha circulação?

Em nosso tempo da Escola Militar existia outra igualmente de geral abuso: *trôço*. Era indefinivel e indefinida: servia para tudo, para quaesquer apertos ou desapertos.

Em douta dissertação, o professor J. Alexandre explica que o inglez tem no verbo *to do* «um pausinho para toda obra».

Pois o trôço não lhe ficava a dever. Não sabemos se ainda perdura; quanto á *bóia*, se acaso amanhã apparecer em algum regulamento estrangeiro, logo lhe garatujaremos fóros de cidadania.

Temos que importar, desde que não podemos permutar como o praticam os demais povos; ali não é que o mal se enraiza, sim no desdem imbecil com que ferreteamos, achincalhamos e negamos o que é nosso, engrossando ás cegas, e ás tontas o que é de fóra.

Não é de hoje que, no terreno idiomático, recebemos subsídios externos, sendo que na terminologia militar, além do latim que lhe dá a forma o grosso da columna, ha contingentes de muitas linguas, com especialidade a allemã, italiana e a franceza, que nos deu, conforme annotou o sr. capitão Cidade, os termos: pret, comboio, bonet, tambor, coronel.

Afigura-se-nos que os dois ultimosahi estão deslocados: tambor, segundo João Ribeiro, vem do persa, accrescentando «Sheler opina pela origem romanica do tap, tab, bater, ferir» e coronel, conquanto alguns philologos emeritos, como o dr. E. Carneiro, lhe dêem passaporte hespanhol, está liquido que nos veio do italiano, bem como cavallaria, esgrima, alarme (all-arme, ás armas!), brigada, parapeito, calibre, escaramuça, alerta (all-erta, ao alto!), cartucho, soldado, reducto, escala, medalha, sentinella, anspeçada, aliás vindo por intermedio do francez, que fundiu lancia-spezzata em anspessade.

O ligeiro panno de amostra dos vocabulos francezes, offerecido pelo referido official, pôde desdobrar-se: kepi, blusa, fuzil, avançada, manobra, corneta, capote, bayoneta, patrulha, general, mosquetão, recruta, metralha e seus derivados, destacamento, grupo, que outros descendem do italiano (gropo).

O contingente allemão exhibe á sua frente, como é de direito, o marechal, seguido de guerra, marchar, bandeira, elmo, baluarte, bloqueio, guante, forragem, obuz, etc.

O antigo alferes era o alfaraz, do arabe, que nos forneceu tambem almirante, arsenal, tarimba e xadrez.

Em menor escala concorreram para o nosso material bellico: o hespanhol com granada, guerrilha, galão, etc.; o hungaro com o sabre; o grego com apreciavel copia, inclusive tactica; o celtico com ataque e bagagem; o inglez com revolver, etc.; até os turcos nos emprestaram o dolman.

Muitos vocabulos não os obtivemos de fonte nativa, directamente, mas de segunda mão; d'ahi lapsos na classificação, como succedeu ao distincto collaborador da «A Defesa» e talvez nos aconteça. Além disso, ás vezes, duvidas ensombram as origens, do que dão testemunho algumas das palavras citadas, junto ás quaes se perfila «sargento», para uns do latim, produzindo «sargente» no italiano e «sergent» no francez, em ambos significando subdito, criado; para outros do persa sarjank «cabo de guerra», hypothese mais razoavel, ao menos por certa analogia

de funções e ser a analogia «ultima ratio philologiae».

A mesma possibilidade de lapsos quanto á orthographia, nem sempre etymologica, «aquella em que pôde haver menos questões, schismas e heresias», no opinar de Garret.

E' bem de ver: nem por sombra nos anima a pretensão de uma revista ao glosario marcial; a motriz deste devaneio é o desejo de largo applauso ao sr. capitão Cidade pela iniciativa de apontar e condemnar, gallicismos absolutamente inadmissiveis, por desnecessarios, da laia de «engajamento» por combate de vanguarda ou preparatorio, e o pavoroso «desbordar» (déborder) por tornear, contornar.

Só por milagre não se adoptou recentemente mais um gallicismo, ao «volteador», preferindo-se «volteador» de «voltigeur», o lepidosoldado com que Napoleão enriqueceu a infantaria franceza, convindo notar que as centurias da antiga Roma já tinham os seus «volteadores», ou *flexuntes*.

Se o brilhante escriptor houvesse respigado mais a eito, armazenaria opipera messe, como «batalhão a 3 companhias», belleza que velho mestre dos cursos gymnasiaes, Julio Ribeiro, desconhecia quando preleccionava: «esquadra de 40 vasos; corpo de 20 soldados».

Armazenara tambem, e agora a sete chaves, aquelle airoso e fluente hybridismo regulamentar: colombophilos...

Os povos, sob o ponto de vista linguistico permutam de accordo com as necessidades que o progresso lhes impõe; mas, em havendo abuso, para logo assumem energica defensiva, da qual, no caso occorrente, é significativo eco o protesto indignado do professor francez J. Truffier.

A grande guerra foi, sob varias faces, tremenda licção desdobrada em multiplas consequencias, algumas imprevistas; sob o aspecto militar, se não subverteu a tactica, cujos principios persistiram, evidenciou a injuncta correspondencia entre o combate e a evolução dos materiaes nelle empregados.

Exercito moderno, o nosso, não se pôde furtrar, pois, aos neologismos relativos ao aperfeiçoamento da arte da guerra, mas dahi ao enxerto ocioso de vocabulos reversos, a travancadores, de todo inuteis, vae um abysmo, que devemos evitar cautelosa e patrioticamente.

Curityba.

EUCLIDES BANDEIRA

Tte-Cel. da 2.ª Linha

O 52º BATALHÃO DE CAÇADORES

(UMA PAGINA DE SAUDADES)

(Ao General Francisco Flarys)

Foi em fins de 1910, ao terminar o curso preparatorio que cheguei ao 52.º de Caçadores, que estava então aquatelado no velho edificio da rua do Areal, afim de assentar praça; porém só em principios de 1911 é que fui incorporado ao mesmo batalhão.

Era então esse corpo commandado pelo coronel Francisco Flarys, e tido como o melhor do Brazil quanto ao ponto de vista de disciplina e o grão de instrução.

O 52.º de Caçadores foi, em virtude da reorganisação do Marechal Hermes, creado em fins de 1908, servindo de nucleo creador o antigo 23.º de Infantaria.

Como o 23.º Batalhão de Infantaria, teve commandantes de reputado valor, taes como os coroneis Ferraz, Salustiano Reis e Nelson Nascimento.

Em 1919, com a nova Organisação do Exercito, foi extinto o já tradicional 52.º de Caçadores, que passou a formar junto com o 57.º tambem de Caçadores o 10.º Regimento de Infantaria, com parada em Juiz de Fora.

Durante o commando do Coronel Flarys, que foi longo, esteve o 52.º em seu periodo aureo; era delle que sahiam as guardas de honra para os embaixadores e diplomatas estrangeiros, para o palacio presidencial, etc. Durante as revistas e paradas, era então o 52.º o corpo que melhor se apresentava, recebendo sempre os mais bellos applausos da população carioca; realmente era o mais instruido e disciplinado do Brasil.

Em 1911 foi o 52.º que forneceu um destacamento de 50 soldados para tomar parte na trasladação do ataúde da nossa primeira Imperatriz, D. Leopoldina, assim como de mais duas princezas brasileiras, do antigo convento da Ajuda, que ia então ser demolido, porque o progresso assim exigia, para o dito de Santo Antonio, sendo um daquelles soldados quem estas linhas escreve. Essa cerimonia foi feita com grande solemnidade, graças á iniciativa do General Agostinho Raymundo Gomes de Castro.

Prestou o 52.º durante as revoltas dos marinheiros e do Batalhão Naval assignalados servicos tendo elle sido encarregado da guarda do Palácio do Cattete; destaca-

mentos delle guarneceram a ilha do Vianna, outro repelliu uma tentativa de ataque de revoltosos na praia do Cattete.

Durante os 15 mezes em que fui praça de pret do 52.º teve o mesmo como fiscaes os majores Waldomiro Cabral e Raul Estillac Leal e o capitão Edgard Eurico Daemon.

Em 1911, estava ainda em vigor a instrução antiga, tendo então occasião de muitas vezes tomarmos parte em formações antigas, taes como: o QUADRADO.

Nesse anno foram commandantes da 3.ª Companhia, á qual pertenciamos, os capitães Arthur Neptuno Bolivar e Arthur Goffredo Soares.

Em Março de 1912 deixei o 52.º por ter effectuado matricula na Escola Militar, voltando sómente a elle em Agosto de 1915, por ter sido nelle classificado como Aspirante a Official só o deixando definitivamente a 31 de Dezembro de 1917, por ter sido já como 2.º tenente classificado no 6.º R. I.

Em 1915 nos exames de recruta, de Companhia e de Batalhão sobresahiu-se o 52.º de maneira admiravel, succedendo o mesmo no anno seguinte, quando então a 3.ª Companhia foi pelo Ministro da Guerra considerada a primeira sub-unidade do Exercito Brasileiro; era commandada pelo capitão Trajano Ferraz Moreira e tinha como subalternos os 1.º tenente Jonathas Salathiel Dias da Rocha, 2.º dito Eduardo Guedes Alcoforado e Aspirante A. S. dos Santos.

Nesse mesmo anno (1916) partiu o 52.º para Matto Grosso, fazendo parte da Expedição do commando do General Luiz Barbedo, sahindo-se então o batalhão de maneira brilhante e honrosa durante todo o tempo em que fez parte daquella Expedição. Era o Batalhão um corpo que estava num tal pé de disciplina que podia ser comparado a qualquer outro dos melhores exercitos; isso devia-se ao seu fiscal, o então major Octavio Coutinho principalmente, e aos commandantes de companhia, que eram os capitães Osorio da Cunha Telles, Trajano Ferraz Moreira e Guilherme Mariante. Deixando o General Barbedo o commando da Expedição, em seu boletim de despedida apenas elogiou ao 52.º de Caçadores e á Secção de

Metralhadoras da Cia. de Curytiba, destacada em Corumbá sob o commando do 1.º tenente Antonio P. de Sampaio.

Voltando ao Rio de Janeiro, deixou a fiscalização do 52.º o major Coutinho, por ter sido promovido ao posto immediato, sendo substituido pelo major Antonio Ferreira de Oliveira Junior, que desde alferes servia no batalhão, tendo sido por muito tempo o ajudante, deixando então o 52.º por effeito de promoção.

Foi com o coração confrangido que assisti o extinto 52.º deixar definitivamente o seu antigo quartel da rua do Areal, afim de partir para Juiz de Fora... E assim extin-

guiu-se o 52.º BATALHÃO DE CAÇADORES, corpo considerado de «elite» pela população carioca.

Essas successivas reorganizações e remodelações por que tem passado o nosso Exercito, faz em que não se mantenha no mesmo a tradição dos corpos; felizmente, talvez por um mero acaso, dentre os muitos corpos do Exercito Brasileiro, apenas existem dois que ainda conservam seus numeros de criação: o 1.º Regimento de Cavallaria e o 1.º Batalhão de Engenharia.

S. Paulo, 10-3-1925.

AMILCAR SALGADO DOS SANTOS

RECONHECIMENTO DO TERRENO

(Licções ministradas aos meus sargentos)

(CONTINUAÇÃO)

XIVª LICÇÃO

Desfiladeiros

Desfiladeiro — é toda posição de terreno apertada entre obstaculos naturaes ou artificiaes, que só permittem a passagem das tropas com uma frente pouco extensa. Pódem ser, ou de flancos *accessiveis* ou de flancos *inaccessiveis*.

Em face dèssa definição, é claro que são desfiladeiros:

- uma estrada no fundo de um valle;
- uma estrada no flanco de uma montanha;
- uma estrada cortando uma matta;
- uma estrada em aterro, atravessando um banhado, ou em desaterro, flanqueada por barrancas íngremes;
- uma ponte;
- um tunel.

Nestas condições, póde dizer-se que os desfiladeiros participam das elevações e das depressões.

E, conforme a natureza de seus flancos — si formados por obstaculos difficilmente vencidos, ou impossiveis de o serem, qual, por ex., montanhas a pique; precipícios; porções d'água, corrente ou estagnada, invadeaveis ou difficilmente transponiveis — são chamados de flancos *inaccessiveis*; si pódem ser

com relativa facilidade attingidos pelos flancos, porque não sejam protegidos por esses impecilhos, são desfiladeiros de flancos *accessiveis*.

Além dessa classificação, ainda se os póde considerar de flancos *cobertos* ou de flancos *descobertos*, e, finalmente, ao mesmo tempo *coberto* por um flanco e *descoberto*, por outro, ou participando das duas condições simultaneamente.

Como desfiladeiros *descobertos* e *inaccessiveis* podemos, pois, considerar as pontes e os diques; e como *cobertos* e mais ou menos *accessiveis*, os collos nas montanhas; os caminhos cruzados, as estradas que atravessam os bosques, as cidades, etc.

Chama-se *entrada* ou *cabeça* de desfiladeiro a extremidade a que se dirige a tropa para o atravessar, recebendo a denominação de *sahida* ou *desembocadura* a extremidade opposta.

Ha, quanto á sua natureza, duas sortes de desfiladeiros:

a) — *Desfiladeiros artificiaes* — pontes, viaductos, etc., formados de obras d'arte por meio das quaes as vias de communicação transpõem certos obstaculos do terreno, taes como cursos d'água, valles, etc. e ligando, assim, duas regiões praticaveis, e

b) — *Desfiladeiros formados pelas vias de communicação* atravessando uma região des-

favorável á marcha das tropas, taes como encruzilhadas, collos restrictos, córtes, caminhos em valles estreitos ou no interior de florestas impraticaveis, estradas circumdadas de tapumes espessos e altos ou vallos profundos que impeçam á tropa de se lançar para os lados, etc.

Estes ultimos desfiladeiros, na sua maior parte, *naturaes*, são, em geral, extensos, e por isso mais perigosos de atravessar de que os artificiaes.

A passagem de um desfiladeiro, quer na offensiva, quer em retirada, é sempre uma operação critica porque, ainda que pouco numerosa, uma tropa collocada em boa posição, pôde deter uma grande columna nêlla mettida. A sahida de um longo desfiladeiro em presença do inimigo é tambem uma operação perigosa porque á tropa que desembocca é forçada a apresentar uma frente restricta, ao passo que o adversario pôde lhe oppôr uma frente muito mais extensa e, por consequente, meios de destruição mais consideraveis.

Os desfiladeiros são occupados :

- 1) — Para permittir a passagem de uma columna, quer em marcha para a frente, quer em marcha de retirada ;
- 2) — Para impedir a sua passagem pelo inimigo ;
- 3) — Para forçar o adversario a um combate desvantajoso.

E' pôdem ser defendidos de tres maneiras :

- 1) — Atráz da desembocadura ;
- 2) — Adeante do desfiladeiro ;
- 3) — No seu interior.

Os desfiladeiros, implicando sempre operações decisivas dada a obrigatoria necessidade de os transpôr, e variando immensamente de condições em cada caso, comportam um estudo especial sobre os differentes modos de os atacar, segundo os objectivos e modo de defeza.

Do seu cabal e perfeito reconhecimento decorre, é obvio, o exito da operação que se tem em vista e que, pôde-se dizer, nelle assenta. E' por isso, de capital importancia, requerendo de seu encarregado, mais do que qualquer outro, profundo conhecimento da tactica das armas e longo tirocinio deste ramo do serviço militar.

Tendo em vista as condições supra expostas e as dèllas derivadas, um reconhecimento deve-lhe observar :

Direção geral — que deve ser indicada no caso das vias de comunicação, o que já nos é conhecido. Mais do que nestas, entretanto, deve-se ter em vista as suas sinuosidades, si existirem.

Extensão — de que depende o tempo necessario para vencel-o.

Largura — que fixa o maximo da extensão da frente da columna. Deve-se ter em vista as suas variações de largura, caso não seja constante, e, assim, precisar bem os pontos onde se alarga e onde se constricta.

Estado — Sendo considerado como um meio de comunicação, deve-se verificar si o desfiladeiro é praticavel ás differentes armas e aos transportes ; em caso contrario, como adaptal-o. E' preciso verificar si os accidentes communs ás viaturas darão logar á interrupção de transito das demais e á detenção da columna. Neste caso, tem-se de indicar quaes os trabalhos necessarios para obstruir o desfiladeiro ou para tornar o percurso possivel ou mais facil.

Natureza dos flancos — Em regiões montanhosas : rochedos, terrenos escarpados, despidos, cobertos de brenhas, sarças, urzes ou de bosques, etc., sens taludes. Em terrenos planos : banhados ou brejos, paúes, grandes sebes vivas, muros extensos, largos vallos, cursos d'água, etc.. Em qualquer dos casos informar si são accessiveis pela tropa que occupa o desfiladeiro ou em caso contrario, de que trabalhos dependerá esse accesso. Nos casos de pontes, tuneis, etc., uma descripção perfeita destas obras dáte dispensa outros esclarecimentos.

Segundo a natureza dos flancos, os desfiladeiros são de duas especies :

a) — Aquelles em que é possivel occupar-se, sobre os flancos, com infantaria e mesmo artilharia, posições favoraveis e dominantes donde se possa proteger a marcha de uma columna e no caso de insuccesso, retirar com segurança, e

b) — Aquelles em que esta vantajosa condição não pôde ser satisfeita. O reconhecimento deve indicar a que categoria pertence o desfiladeiro, descrevel-o, e suas adjacencias, e precisar, si isso tiver logar, os pontos a occupar sobre os flancos, os que o inimigo teria interesse em possuir para impedir a travessia e os que successivamente deveria

occupar a guarda de retaguarda num caso de retirada.

Configuração das desembocaduras — Examinar-se-á si a entrada e a sahida do desfiladeiro ficam em linha recta (circumstancia desfavoravel para desembocar) ou si, ao contrario, se mantêm desencontradas, o que impossibilita o tiro de enfiada; si se alarga ou si se estreita e, por conseguinte, si se pôde sahir com uma frente mais ou menos extensa do que na estrada; si se pôde occupar, sobre os flancos, na sahida, boas posições que permittam proteger o desenvolvimento das forças transpositoras, e, sobretudo, examinar a configuração do terreno circumvizinho á sahida para poder informar seguramente sobre:

a) — as facilidades ou difficuldades que apresenta para o desenvolvimento da tropa que desembocca;

b) — as posições que o inimigo teria interesse em occupar para se oppôr á sahida da columna. Estas posições são tanto mais vantajosas quanto maior desenvolvimento permittirem ás tropas para maior numero de fogos convergirem sobre a sahida.

Do mesmo modo se deve examinar o terreno vizinho á entrada, afim de bem reconhecer as posições a occupar, seja para a defender, seja para a atacar.

Comunicações vizinhas — Verificar quaes as existentes permittindo contornar o desfiladeiro. Tanto importa em constatar si toda a columna tem de atravessal-o ou si poderá ser fraccionada, isto é, si existem, e em que raio, communicações outras que permittam esse fraccionamento. Neste caso, que effectivo poderão, respectivamente, tomar este ou aquelle caminho.

Neste particular é preciso muita attenção e jamais deixar passar desapercibido o meo importante dos atalhos porque elle pôde, muita vez, permittir contornar o desfiladeiro e inutilizar, burlando-o, todos os trabalhos defensivos que porventura o adversario tenha podido levar a cabo para interditar a passagem, e reciprocamente.

XVª LIÇÃO

Campos, campinas, desertos, steppes

Geralmente planos e sem variedades notaveis, estes terrenos não dão margem a grandes trabalhos no reconhecimento. Quando

se fala numa campina, num deserto ou nas savannas já se tem, inteira, a descripção dos tractos considerados, dada a uniforme e geral característica com que se apresentam.

Ao Chefe basta saber que nos encontramos em face de um llano para dispensar qualquer outra informação que ás necessidades de esclarecimentos se venha juntar. Entretanto, como pôdem conter determinados accidentes, quer naturaes, quer artificiaes, que possam influir sobre a praticabilidade das differentes armas, necessario se torna prestar-lhe os esclarecimentos que digam respeito á variedade desses possiveis accidentes; extensão, natureza do terreno, etc. e que pôdem influir sobre os deslocamentos a emprender pela tropa. Assim, postos á margem os desertos e steppes e seus similares, nada mais teremos do que tratar dos campos e campinas, onde seguramente teremos de operar nas nossas provaveis campanhas e, assim mesmo, encarando-os mais particularmente sob o ponto de vista de sua viabilidade do que propriamente sobre a sua parca influencia nos dominios da tactica.

Nestas condições torna-se necessario percorrel-o em todas as direcções para anotar si o cortam ribeiros, quebradas, vallas ou sangas, banhados e atoladouros (especialmente sobre o itinerario da marcha), caminhos ou trilhos (sua direcção) e, finalmente, a sua faixa circumdante, desde se encontre esta dentro do raio de acção da artilharia. E' como se poderá informar sobre a natureza e configuração do solo. Tratando-se de campos de grandes extensões, este trabalho se limitará á faixa necessaria a preservar as tropas de qualquer eventualidade.

Deve-se ter em vista e assignalar precisamente os objectos notaveis encontrados taes como capões, rochedos, barrancos, brenhas, picios; contrafortes, escarpados, brechas, cercas ou tapumes (sua natureza), dando, nestes casos, sua origem e direcção e salientando bem a sua importancia sob o ponto de vista de uma operação. De um modo geral todos os accidentes devem ser consignados no relatorio, não esquecendo estancias, grangas, casas isoladas ou povoados, etc..

Em resumo, deve-se attender ao seguinte:

Extensão — Caso sejam de curtos horizontes, esclarecer sobre o comprimento (eixo maior) e sua orientação e largura (eixo menor), bem como indicar a forma geral do perimetro.

Configuração geral circundante — Si é um terreno coberto, aberto, cortado, praticável, plano, accidentado, dominante, habitado, difficuldades de accesso, obstaculos, abrigos, pontos de apoio, etc., etc.

Natureza do campo — Verde, de boas pastagens, secco, arenoso, sujo, ralo, queimado recentemente, pedregoso, frouxo, alagadiço, pantanoso, etc.

Assignalar os lagos, lagoas, paúes, etc., que tornam impraticavel uma parte de terreno; obstaculos, abrigos e cortinas; ribeiros, canhadas, fossos, taludes, cercas, muros, arvores, seu valor como massa cobridora.

Considerações militares — As decorrentes dessas investigações, segundo o objectivo da missão.

XVI.^a LICÇÃO

Local para um bivaque

a) — *Recordemos, em primeiro logar, algumas considerações tacticas* — O bivaque jamais deve ser estabelecido sobre o proprio local onde se pretenda travar combate mas atraz e assás perto, todavia, para que se tenha todo o tempo preciso para occupar a posição de combate, em caso de ataque por parte do inimigo. O bivaque deverá, é claro, ser estabelecido fóra das vistas deste, e disporá de communicações faceis para a praça de acção; estabelecer-se-á, em caso de necessidade, isto é, quando não nós existirem.

Uma importante vantagem para a frente e flancos expostos de bivaque será serem protegidos por um accidente do terreno ou por uma localidade facil de defender.

Quando a artilharia ou cavallaria bivacam com a infantaria, esta se collocará do lado provavel do ataque.

b) — *Considerações relativas ao repouso e á commodidade da tropa* — Apoiar-se tanto quanto possivel ás localidades e utilizal-as mesmo; proteger-se contra o sol e o vento, é, consequentemente, apoiar-se aos bosques; collocar-se ás proximidades de um curso d'agua potavel; procurar toda facilidade para se encontrar lenha e palha ou ramagens, forragens e todos os meios de subsistencia.

Taes são as condições a considerar na escolha de um bivaque.

Póde-se, dado o caso, fraccionar um bivaque importante em muitos outros menores. Nas localidades é que se precisa procurar

encontrar a agua potavel; os rios, lagos, etc, se aproveitará para os bebedoiros e cozinhas.

O bebedoiro não distará mais de 100 passos de bivaque; sua agua será corrente, sempre que assim seja possivel encontrar. É recommendavel evitar os fundos limosos ou lamacentos, buscando sempre os formados de um pedregulho fino. Os cavallos devem poder entrar commodamente para a agua e, si for necessario, abaixa-se a margem e torna-se-a praticavel por meio de revestimentos de molhos de madeira ou troncos. O ponto destinado ao bebedoiro deve ser assás largo para que toda uma fileira de um pelotão possa fazer seus cavallos beber ao mesmo tempo. Por qualquer signal devem ser marcados os logares proprios a servirem de bebedoiros. Sendo-se obrigado a fazer os animaes beber em fontes, é preciso ter o cuidado de estabelecer gamellas (poços) etc., para que um pelotão inteiro possa servir-se de uma só vez. Determinar-se-á a capacidade ou o conteúdo e o gasto ou escoamento das fontes, que, como os bebedoiros, devem ser distribuidas pelos differentes corpos da tropa.

c) — *Disposições para o bivaque* — A infantaria bivaca por batalhão, em columna dobrada; com 10 passos de intervallo entre os batalhões e 20 entre os regimentos.

Na cavallaria o regimento fórma em columna cerrada a meia distancia. (1)

As linhas de cavallos ficam a 20 passos e a guarda da bandeira a 10 passos adeante da frente.

Os esquadrões occupam $1\frac{1}{4}$ da frente do esquadrão. O estado maior do regimento bivaca a 20 passos á retaguarda; a 5 passos mais á retaguarda acham-se as viaturas e seus animaes; a 100 passos atraz as latrinas. (2)

Os officiaes ficam a 5 passos sobre a lado opposto áquelle em que se acha a praça de reunir; as cozinhas a 25 passos da tropa, de lado opposto á direcção dominante dos ventos; a 10 passos das cozinhas, os cantineiros. O intervallo de cada regimento será de 20 passos.

Uma bateria bivaca de modo que sua primeira linha comprehende as peças e 2 *fourgons* de subsistencia, com 15 passos de intervallo; em segunda linha ficam os armões e outros dois *fourgons*.

Espaços necesarios — (3) Para um batalhão em pé de guerra são precisos 200 passos e 100 com o effectivo de paz; 300 de

profundidade.. Um regimento de cavallaria ali comprehendida a praça de reunião, occupa uma frente de 200 passos, uma profundidade de 290, si os 5 esquadrões estão juntos. Uma bateria montada tem uma frente de 50 passos e de 110 no pé de guerra, 180 de profundidade e 220 com o effectivo de guerra. Uma bateria a cavallo, 50 passos de frente, ou 110 no pé de guerra, uma profundidade de 200 a 240 passos, segundo o effectivo (paz ou guerra).

Haverá 20 passos de intervallo entre duas fracções de armas differentes. Quando se bivaca em duas linhas, o que se deve evitar o mais possivel, a frente da segunda linha achá-se, então, a 150 passos das cozinhas

para a infantaria e artilharia, a 50 passos das equipagens para a cavallaria. Não se installa latrinas entre as duas linhas.

(1) Esta formação foi modificada pelo recente projecto de lei sobre o serviço de campanha. A cavallaria bivaca em columnas de esquadrão (linha de columnas).

(2) O commandante do campo pôde modificar o logar das latrinas e cozinhas conforme a direcção do vento,

(3) Pôde obter-se rapidamente, dum golpe de vista, as quantidades de espaços necessários para o bivaque. Basta ter uma pequena folha de papel resistente, na qual se recorta, segundo a escala de que se serve, os espaços necessários para um regimento (ou batalhão) d'infantaria, de cavallaria, para uma bateria. Colloca-se sobre a carta a abertura correspondente a unidade de que se trata e este processo muito facilitará a apreciação do espaço necessário.

(Continúa)

CAP. DILERMANDO C. DE ASSIS

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

(CÔNTINUAÇÃO)

CAPITULO X—Avanço do Exercito

RECONHECIMENTO DE PIQUICIRY

O marechal Caxias, depois das operações descriptas, tratou de reconhecer as novas posições a enfrentar.

Para isso, auxiliados pela esquadra, partiram os generaes Andrade Neves com a vanguarda, Osorio com o 3.º corpo, e Jacintho Bittencourt com o 1.º, o marechal Caxias verificando então que eram realmente formidaveis as linhas de defesa paraguayas, linhas que, artilhadas com 76 canhões, tinham a direita apoiada á bateria de Angustura, que defendia o rio, e a esquerda apoiada em espessas mattas e banhados difficilmente vadeaveis e defendidos por abatizes, além de profundos fossos de agua represada do arroio Piquiciry, que corria atrás das trincheiras e ainda lhes servia de defesa.

Os couraçados transpuzeram o passo, ficando os navios que protegeram a passagem nas proximidades de Angustura.

Na manhã do dia 2, os couraçados fundearam em frente a Villeta, de onde a população fugio espavorida.

O reconhecimento do Piquiciry convencêra o marechal Caxias de que um ataque frontal combinado com outro ao flanco esquerdo seria imprudente e custaria de certo inauditos

sacrifícios ao exercito, de modo que decidiu elle a abertura de um caminho pelo Chaco, operação julgada impossivel pelos adversarios e pelos proprios auxiliares do marechal.

Dizem que a celebre madame Lynch, amante do dictador Lopez, exclamára, sorrindo, ao ter noticia do plano do marechal Caxias: « *Só houve um Annibal!* »

Entretanto, o chefe brasileiro ordenou a operação e mandou que os generaes Argollo, com o 2.º corpo, e Gelly e Obes, com o contingente argentino, se juntassem ao grosso do exercito, ficando em Humaytá o coronel Piquet com 1.500 homens para sua defesa.

A abertura do caminho era, de facto, uma operação de um arrojo extremado e com razão considerada impossivel: mas, após 23 dias de trabalhos insanos, de luctas terribes com os obstaculos naturaes que se atrovavam naquelle medonho tremedal, estava concluido o famoso caminho do Chaco, para o que mais de 30.000 troncos de palmeiras foram alli collocados como estiva, oito grandes pontes tendo sido construidas, innumeros pontilhões lançados e kilometros de picada abertos nas mattas!

Chefiou a commissão de denodados engenheiros, composta dos engenheiros Falcão

da Frota, Carlos Lassance, Sepulveda, Jourdan e varios officiaes dos batalhões de engenharia e pontoneiros, o coronel Rufino Enéas Gustavo Galvão, todos sob a direcção superior do general Argollo.

Durante a construcção do caminho, varios reconhecimentos foram realizados, o ultimo dos quaes a Villeta, onde os paraguayos se fortificavam, na persuasão de que alli fosse o ponto de desembarque escolhido pelos brasileiros.

PASSAGEM DO CHACO

O marechal Caxias, deixando em Palmas, fazendo frente aos paraguayos nas linhas de Piquiciry, os contingentes argentino e oriental, reforçados com a 6.^a brigada de infantaria, o corpo de transportes, 1 secção de pontoneiros, o 1.^o regimento de artilharia a cavallo e o 3.^o batalhão da mesma arma, respectivamente commandados pelos generaes Gelly e Obes e Henrique Castro, coroneis Mallet, Paranhos, Severiano e outros, transportou-se a 27 para o Chaco.

Iniciada a passagem, coube ainda a vanguarda da columna ao general Argollo, á frente do 2.^o corpo, que ás 2 horas da manhã de 5 de Dezembro embarcou, seguindo em demanda do porto de Santo Antonio, ponto de destino.

As demais tropas foram embarcando progressivamente durante o dia, inclusive a cavallaria, que havia seguido por terra até Santa Helena, permanecendo no Chaco apenas um destacamento, como garantia ás communicações por alli.

Logo após o desembarque em Santo Antonio, o general Argollo destacou o coronel Niederauer em reconhecimento até o rio Itororó, mas esse official nada encontrou de importante.

Entretanto, reconhecendo pessoalmente o terreno, o marechal Caxias ordenou a occupação da ponte do Itororó, para isso destacando o mesmo coronel Niederauer, que, verificando dessa vez estar ella já occupada pelo adversario, teve de retroceder, pois que a noite se approximava e seria imprudente qualquer operação nocturna em uma zona ainda desconhecida.

No dia seguinte deu-se uma das acções mais encarniçadas de toda a campanha — a celebre passagem de Itororó, como veremos aadeante.

CONSIDERAÇÕES

A conducta do marechal Caxias, renunciando ao ataque de frente e flanco esquerdo de Piquiciry, foi sobremodo louvavel, pois que uma tal operação, de exito problemático, teria de custar incalculaveis sacrificios ás tropas alliadas.

Mas o contornamento da posição, realizado pela passagem do Chaco, mediante a construcção de obras de engenharia verdadeiramente phantasticas e só acreditaveis depois de sua execução, ultrapassou a tudo quanto se pudesse imaginar a respeito de arrojo e de força de vontade do intrepido marechal e suas tropas.

A simples menção do famoso episodio é bastante para que desde logo se apprehenda a magnitude da empresa realizada e nos dispensa de commental-a.

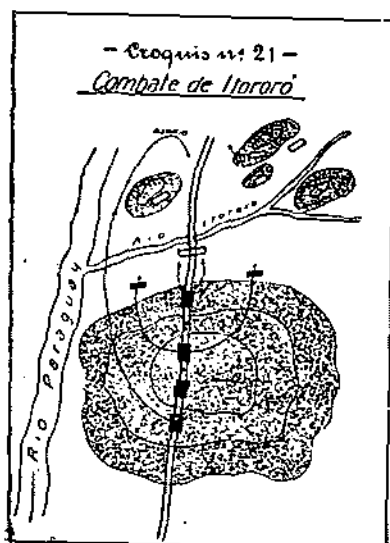
Com essa marcha estupenda do exercito alliado, tão simples na concepção quanto rude na execução, foram por terra todos os planos de resistencia dos paraguayos, que passaram pelo amargo dissabôr de ver perdidos todos os sacrificios inauditos que haviam feito na preparação e guarnecimento das terriveis linhas da Piquiciry, dentro das quaes elles contavam paralisar o impeto offensivo dos seus adversarios.

Mais uma vez a intelligencia, applicada com criterio e opportunidade, livrava o exercito alliado de perdas irreparaveis !

Quanto aos paraguayos, deixaram-se elles cegar pela confiança excessiva em suas fortificações, perdendo a occasião de hostilizar os seus adversarios por occasião da passagem do Chaco, o que seria de certo vantajoso e lhes seria facil, dada a sua capacidade excepcional nas surpresas e sortidas.

Além disso, esqueceram-se de que as fortificações são optimos pontos de apoio, mas nunca objectivo capital de uma tropa aguerrida e dirigida por um commando de elite.

COMBATE E PASSAGEM DE ITO- RORÓ



Ao romper dia, o exercito proseguuiu a marcha, rumo do Itororó, fazendo a vanguarda o coronel Fernando Machado, com 1 destacamento de cavallaria e a 5.ª brigada de infantaria.

Em seguida, marchavam os generaes Argollo, com o 2.º corpo do exercito, e Jacintho Bittencourt, com o 1.º.

O general Osorio, á frente do 3.º corpo, marchou á rearguarda.

Desde cêdo as avançadas começaram o tiroteio.

Para attingir a ponte era preciso atravessar um desfiladeiro, por entre espessa matta, mas o coronel Fernando Machado o transpoz, para isso ordenando uma carga de bayoneta deante da qual os paraguayos cederam terreno, passando-se para o lado oposto da ponte.

Nessa occasião, a artilharia inimiga rompeu o fogo, auxiliada pela fuzilaria, o que fez com que os atiradores brasileiros fossem rechassados, não ousando avançar.

Deante disso, o coronel Fernando Machado mandou explorar as mattas aos lados do caminho que se dirigia para a ponte e, nada tendo sido encontrado de anormal, avançou á festa da vanguarda, descendo o desfiladeiro na direcção da ponte, até que o fogo inimigo, recrudescente novamente, o fez deter-se.

A planicie além da ponte era semeada de capões e os paraguayos haviam collocado a artilharia e a infantaria emboscadas nas mattas fronteiras ao desfiladeiro, a cavallaria estando á direita, dando pasto á cavalha-

da, mas em condições de agir promptamente, pois que os animaes estavam encilhados e o pessoal attento.

Não poderiam ser melhor as posições occupadas pelos paraguayos, pois que as tropas alliadas não podiam manobrar livremente e se veriam forçadas, para proseguirem a marcha, a fazel-o sob o fogo mortífero delles.

Querendo reconhecer bem a situação, o coronel Fernando mandou o 1.º Batalhão avançar, apesar do fogo intenso supportado, mas dentro em pouco a artilharia inimiga calou-se, e então surgiram do rincão da matta fronteira á ponte varios batalhões de infantaria paraguayos que, agindo rapidamente, rechassaram o 1.º Batalhão e retrocederam para seus esconderijos, de novo entrando em acção a artilharia.

Reorganizando-se, o 1.º Batalhão renovou a investida, mas a operação fracassou, pois que os fogos paraguayos convergiram para a ponte, desfiladeiro de 3 metros apenas de largura e por isso difficil de transpor.

Comprehendendo a gravidade da situação e sciente das condições admiraveis das posições paraguayas, o marechal Caxias ordenou que o general Argollo avançasse, batendo o inimigo apenas com a artilharia, até novas ordens.

Cumprindo a ordem, o general Argollo fez avançar 1 bateria do 2.º regimento para perto da ponte e mandou abrir uma picada á esquerda e outra á direita do caminho, até a barranca do arroio, afim de augmentar a frente de ataque, ordenando ainda que a cavallaria e a infantaria se abrigassem na orla e no interior da matta, exceptos os infantes necessarios ao apoio da artilharia, que seguiram para a orla da matta na borda do arroio Itororó.

Infelizmente não foi possivel transportar mais de 2 canhões por cada uma das picadas, as baterias não podendo romper a matta, mas mesmo assim rompeu-se o fogo violento quanto possivel, o adversario respondendo com energia.

O marechal Caxias foi pessoalmente reconhecer as posições, subindo ao ponto culminante do cêrro e verificando o quanto eram ellas admiraveis e difficéis de enfrentar.

Mas era preciso agir, apesar disso. A's 10 horas da manhã, o general Argollo pediu permissão para tentar nova investida, o marechal Caxias a concedendo.

Então o general Argollo determinou que o 1.º, 13.º, 34.º e 48.º batalhões carregas-

sem á bayoneta; e a columna se precipitou impetuosa contra o adversario, conseguindo o 1.º batalhão arrebatá-lhe logo 2 canhões, mas a operação fracassou, pois que forças superiores, sahindo á frente da columna brasileira, a rechassaram até além da ponte.

Nova carga ordenada pelo general Argollo, apoiada então pelo 6.º de cavallaria, commandado pelo coronel Niederauer, repellio os paraguayos para suas posições, pois o coronel Niederauer, contornando habilmente as adversarios, os atacou de flanco com extremado rigôr.

Mas a cavallaria paraguaya, percebendo a situação perigosa de seus camaradas, carregou contra o intrepito coronel brasileiro em grande superioridade numerica, atirando-o com sua tropa de encontro a ponte e de envolta com a infantaria, nessa occasião cahindo morto o bravo coronel Fernando Machado.

A situação se apresentava grave, mas o marechal Caxias não perdia a calma.

Informado por um vaqueano da existencia de um *passo* a pouco mais de uma legua do local, o marechal ordenou que o general Argollo moderasse o ataque e que o general Osorio, com o 3.º corpo, contornasse a direita paraguaya para atacar o adversario pela retarguarda.

Entretanto, passado o tempo mais que sufficiente para que o general Osorio realisasse a operação, sem que se observasse do lado advesario nenhuma alteração, o marechal Caxias começou a inquietar-se, imaginando muito naturalmente que o adversario houvesse percebido o movimento e mandasse alguma columna forte deter o general Osorio. Nessas condições, ordenou que o general Argollo recrudescesse a luta novamente.

O general Gurjão, do 2.º corpo, recebeu ordem então de investir contra os paraguayos, mas, tão depressa estes notaram o avanço do general Gurjão, recolheram-se á matta, iniciando contra elle terrivel bombardeio, até que, alcançando elle as proximidades da posição, varios batalhões de infantaria, sahidos repentinamente das mattas, o atacaram de flanco com o auxilio da cavallaria.

O combate travou-se com um encarniçamento indescriptivel, correndo a tomar parte nelle tambem o coronel Niederauer com sua cavallaria.

Retirados da acção, gravemente feridos, os generaes Argollo e Gurjão, o marechal

Caxias determinou o avanço do general Jacincto Machado Bittencourt, com parte de sua infantaria e o 6.º, 7.º, 13.º e 20.º de cavallaria.

Mal a infantaria do general Jacintho Bittencourt transpoz a ponte, os paraguayos atacaram-na pelos flancos, sendo, porém, rechassados pela cavallaria do coronel Niederauer, que ainda investio contra a artilharia inimiga, arrebatando-lhe 4 canhões.

Após 4 longas horas de luta encarniçada, a situação ainda era a mesma. Apenas os paraguayos haviam recebido grandes reforços de cavallaria e os brasileiros continuavam sem noticia do general Osorio.

Era preciso um golpe decisivo, e o marechal Caxias ainda dispunha de 1 brigada de infantaria e do seu piquete de intrepidos cavallarianos.

Ordenou elle, então, que o 46.º e o 51.º batalhões transpuzessem a terrivel ponte e formassem quadrado immediatamente, enquanto que elle desembainhando a espada avançou como um raio pela ponte, dizendo as celebres palavras: «Quem fôr brasileiro que me acompanhe!». O que depois disso se passou seria difficil descrever!

Officiaes e soldados se lançaram com verdadeira furia contra as rigidas massas paraguayas, a luta assumindo proporções extraordinarias, até que, mandando tocar o signal de — *commandante em chefe* — *carregar* — dentro em poucos minutos os paraguayos foram levados de roldão, fugindo desordenados rumo de Villeta, atropelados sempre pela heroica cavallaria do bravo coronel Niederauer, pouco depois auxiliada por um destacamento do general Andrade Neves, que avançara por ordem de Osorio, só então chegado ao campo de batalha, mas que pôde ainda participar do grandioso feito.

O tal *passo* que diziam existir a pouco mais de 1 legua da ponte de Itororó, o general Osorio só encontrou a 3 leguas e depois de uma luta insana, pois que o *guia* se desorientára por completo.

Além disso, na sua marcha, o general Osorio teve de sustentar innumeradas escaramuças com o adversario.

Nesse terrivel combate de Itororó, os paraguayos tiveram 1.200 baixas e os brasileiros 81 officiaes e 1.262 soldados feridos, além de 215 mortos.

CONSIDERAÇÕES

O combate de Itororó foi nm dos mais sangrentos de toda a campanha contra o

Paraguay e na qual a victoria foi arrancada pela força moral e pela bravura extrema dos intrepidos chefes brasileiros, a cuja frente se achava o grande marechal Caxias.

Sob o ponto de vista militar, a operação foi mal conduzida, pois que, uma vez que o coronel Niederauer não havia conseguido preceder o adversario na occupação da ponte, se tornavam imprescindíveis um grande cuidado e uma sabia preparação do ataque.

A estreiteza do caminho a atravessar pela matta não permittia o augmento da frente de marcha da columna atacante, que, sem poder desenvolver-se para o combate, seria fatalmente sacrificada pelo fogo regulado de artilharia inimiga, bem como pelo de sua infantaria.

Parece-nos que o coronel Fernando Machado agio imprudentemente, naturalmente levado pela sua bravura pessoal. Deveria elle atacar o adversario aproveitando-se do abrigo natural que lhe offerecia a matta, enquanto o general Argollo conseguisse fazer avançar a sua artilharia pelos flancos da estrada, como fez em parte, e o general Osorio, vadeando o arroio, alcançasse a retaguarda do adversario.

Só então, mediante um signal previamente combinado com o general Osorio e quando este houvesse alcançado o ponto conveniente, deveria iniciar-se o ataque, que, desencadeado simultaneamente, teria perturbado o adversario, tornando-se facil a sua derrota completa.

Os factos, entretanto, se desenrolaram de modo muito differente.

As investidas pela ponte foram prematuras, os reconhecimentos imperfeitos, a artilharia, muito pouca nos flancos, não preparou devidamente a acção e a falta de um perfeito serviço de ligação da columna do general Osorio com o commando superior deu causa a supposições que não se deveriam verificar.

Se o general Osorio mantivesse uma ligação continua com o marechal Caxias por meio de officiaes ou simples estafetas, de certo não teria este precipitados os acontecimentos, como fez, pois que ficaria informado de tudo e a tempo.

O combate de Itororó foi, pois, mal conduzido, havendo mesmo falta de certa coordenação nas operações realizadas pelos elementos componentes da tropa, de modo que a victoria repousou apenas no excesso de bravura com que officiaes e soldados brasileiros sempre affrontaram os perigos.

A campanha contra o Paraguay, foi quasi toda feita a golpe de bravura e de despreendimento pela vida, os alliados, como aliás seus bravos adversarios, repellindo systematicamente a idéa de precaução, naturalmente receiosos de passarem por covardes.

Dahi a serie interminavel de imprudencias commettidas de parte a parte, e que, afinal, jámais redundavam em proveito importante para os contendores, que, ao contrario, sempre pagavam caro a teimosia.

Com relação aos paraguayos, delinearam elles a operação com grande acerto, começando pela occupação, que se impunha da ponte do Itororó.

Collocaram as suas tropas admiravelmente e souberam combinar com intelligencia as acções de suas armas.

Entretanto, para que a conducta não fosse impecavel, perderam elles a oportunidade de destroçarem a columna do general Osorio, o que seria talvez possível se elles houvessem garantido sufficientemente a retaguarda de suas posições com os grandes recursos de que dispunham em cavallaria mesmo.

Demais, a coordenação verificada nas acções de suas armas quando successivas, desaparecia toda vez que se tornavam simultaneas.

(Continúa)

Cap. Nilo Val

Bibliographia

RELATORIO DOS TRABALHOS EXECUTADOS PELA COMMISSÃO DE LIMITES PARANÁ- SANTA CATHARINA

MARECHAL ALBUQUERQUE SOUZA

Com uma dedicatória que muito nos desvaneece recebemos, enviado por seu autor, um exemplar do relatorio supramencionado.

Contem o mesmo um relato, detalhado, critério e documentado de todos os trabalhos feitos pela Commissão de limites, desde sua nomeação até final.

Admiravelmente escripta e impressa constitue a obra em questão a melhor de todas as escolas para quem se dedica a assumptos semelhantes; pena é o seu feio official não lhe permittir ser posta á venda.

Foi chefe da commissão o Snr. Marechal Antonio de Albuquerque Souza. que á mesma imprimio o cunho de probidade, trabalho e esforço, que sempre o caracterizaram em todas as missões de que foi incumbido.

Com ella encerrou o distincto chefe sua carreira de engenheiro militar, uma existencia toda ella devotada e util ao Exercito e ao Paiz.

Muito gratos.

TACTICA DE CAVALLARIA

MAJOR PEDRO CAVALCANTE

Gentilmente enviado por seu autor recebemos um folheto com o titulo supra. Em o mesmo se estuda a acção de um forte destacamento de cavallaria, enviado para impedir um desembarque de forças inimigas, que não deverão intervir em uma batalha, proximo a ferir-se. Essa acção foi objecto de um thema, dado na E. E. M., resolvido pelos officiaes alumnos e criticado pelos instructorès da M. M. F.

O trabalho se recommenda, como mesmo declara o seu autor como — contribuição ao methodo de raciocinio na solução de um thema —; pena é não lhe fosse junta uma carta completa de Rio Claro, que permitiria melhor comprehender-se a situação geral e que não esteja o mesmo exposto á venda.

Gratos.

TACTICA DAS PEQUENAS UNIDADES

Remettido por seus autores, os cap. Heitor Borges e Góes Monteiro, recebemos um livrinho com o titulo supra.

Contem o mesmo um thema de destacamento mixto dado em 1924 na E. E. M. para ser resolvido em domicilio pelos alumnos da mesma escola e a competente solução, traduzida nas ordens respectivas.

Tem em seguida notas de aula tomadas pelos autores em 7 sessões de jogo da guerra, que foi organizado sobre o thema em questão, e dirigidas pelos tenentes-coroneis Chabrol e Barrand da M. M. F.

O livro é de utilidade real para todos os officiaes combatentes do Exercito e muito especialmente para aquelles que se destinam ou já frequentam a E. A. O. ou a E. E. M.

Recommendamol-o como obra util e instructiva.

Recebemos e agradecemos:

Boletim do Club Naval — Abril a Setembro de 1924.

Revista Militar — Bolivia — Fevereiro e Março.

Alerta — Uruguay — Fevereiro.

Revista Maritima Brasileira — Janeiro e Fevereiro.

Revista Militar — Argentina — Março e Abril.

El Ejercito Nacional — Equador — ns. 22 e 23.

O Escoteiro — S. Paulo — Dezembro.

Union Ibero-americana — Madrid — Fevereiro.

Revista Militar — Paraguay — Março.

L'Aéronautique — Paris — Março e Abril.

Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia — Janeiro e Fevereiro.

Revista de Medicina e hygiene militar — Fevereiro.

Vida Militar — Madrid — Abril.

Revista de engenharia do Mackenzie College — S. Paulo — Abril.

O Dragão da Independencia — Rio de Janeiro.

Memorial del Ejercito de Chile — Abril.

Revista del Circulo Militar del Perú — Janeiro.

O Memorial de Infanteria — Madrid — Abril.

Revista del Circulo Militar — San Salvador — Janeiro e Fevereiro.



EXPEDIENTE

A capa da revista mudou de cor

Avisamos aos nossos prezados assignantes que com o numero duplo, correspondente aos mezes de Janeiro e Fevereiro, iniciou-se um novo semestre.

Para que nos seja possível continuar a publicar a revista é absolutamente necessario que sejam satisfeitos os pagamentos das assignaturas com relação ao semestre que ora se inicia *adiantadamente*.

Pedimos pois encarecidamente aos nossos representantes se entenderem com os assignantes no sentido de ser esta medida effectivada.

Como foi estabelecido o anno passado as assignaturas custam:

Officiaes e civis.....	Anno	18\$000
	Semestre.	9\$000
Alumnos e praças de pret...	Anno....	10\$000
	Semestre.	5\$000

E' bem de ver que a presente nota não se relaciona com os assignantes que consignaram.

ANNUNCIOS

De ora em diante os preços dos annuncios serão os seguintes:

Semestre

1 pagina.....	200\$000
1/2 "	100\$000
1/4 "	50\$000
1/8 "	25\$000